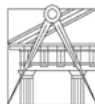


U

LISBOA



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS
para um sentido de lugar

Miguel Bryant-Jorge Dias

Projecto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação:

Professor Doutor Pedro Marques de Abreu

Professor Doutor José Aguiar

Júri:

Presidente: Professora Doutora Dulce de Campos Loução

Vogal: Professor Doutor Pedro Moreira Pacheco

Julho de 2017

SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS
para um sentido de lugar

SANTO
ANTÓNIO DOS
CAPUCHOS
towards a meaning of
place

•

Name
Miguel Bryant-Jorge Dias

Supervision
Professor Pedro Marques
de Abreu
Professor José Aguiar

Master's Degree in
Architecture

FAUL, July 2017

On the fringes of Lisbon's historical city centre, the *Sant'Ana Hill* preserves its own urban vitality. The over-time spread of large territorial units inside its borders, enclosed both physically and functionally throughout, has continuously reshaped Sant'Ana, transforming its natural features into an exceptional part of the city.

In the course of history, this particular process has led to a curious type of urban development, as the city grew denser alongside the thresholds of these wide secluded places, eventually resulting in what could today be considered the very depiction of the Sant'Ana Hill: ever changing complexity and contradiction.

Once the *Hill of Convents*, Sant'Ana is nowadays known as the *Hill of Hospitals*, as a consequence of the succeeding reconversions that patched over these religious buildings – whose large fences originally outlined this territory – always renovating them through the overlapping combination of different *times* and *wills*; Health Care being the latter.

This vast set of hospitals, which firmly stood their ground for almost two centuries, is currently deactivated or in the process of deactivation*, a fact which in itself implies a deep reflection about their future significance within the overall framework of the city.

That being said, these circumstances provide a unique opportunity to rethink those places, which is further sustained by the ability to transform them, once again, turning yet another page on their long history.

* From the existing group of hospitals, both the Hospital of Desterro and the Hospital of Miguel Bombarda have already been deactivated. Additionally, as part of the general strategy surrounding the construction of the new Eastern Hospital of Lisbon, the remaining Hospitals of São José, Capuchos and Santa Marta are also expected to close their doors permanently.

The solemn resilience of these *architectures*, embracing the weight of man's needs, is thus reintroduced in the upcoming debate about their *patrimonial value*. Certainly, the social, cultural and architectural qualities that are to be preserved and especially *problematized*, take part of an *existential testimony* that urges to resurface in today's urban strategies.

The many theoretical issues raised from the rehabilitation of Lisbon's Central Hospitals reveal, therefore, the intensity and utmost importance of these *phenomena* in the regeneration of urban centres. Even more, they shed a light on the potential knowledge that comes from actively probing into the realms of *identity* and *memory* – such understanding can today regain a living pulse, flowing through a truly contemporary city.

Right in the core of this discussion, there's the 'Santo António dos Capuchos Hospital', whose *existential value* has henceforth become the primary subject of this study. Located on the western slope of the Hill, the former Convent of Santo António dos Capuchos is ultimately the place chosen to make a theoretical but also practical contribution towards the problem of rehabilitating within a pre-existing structure.

In this particular context, the place expectant of a future is also the motive and motor of the following work.

key-words_

Lisbon's Santo António dos Capuchos Hospital; Place; Experience of Place; Gesture; Meaning of Place; Landscape; Heritage; Patrimony; Urban Rehabilitation; Physical Rehabilitation Centre.

Agradeço,

Ao professor Pedro Abreu, pela generosidade com que aceitou este desafio, dando-lhe um rumo; mas sobretudo pela exigência e honestidade com que o acompanhou.

Ao professor José Aguiar, pela lucidez com que encarou o meu trabalho, encorajando-o; e por se ter prestado a conversar sobre ele, sempre disponível.

Aos meus pais, pelo respeito que me confiaram e pela certeza indefectível de que serão sempre um porto seguro.

Às minhas irmãs, por terem brindado os longos dias de trabalho com uma história para contar; e pela frescura dos seus sentidos de humor, que tantas vezes renovaram forças.

Aos amigos, pela ingenuidade dos sonhos que partilhámos e pela amizade com que acolheram tanto as derrotas como as conquistas deste trabalho.

À Inês, mais do que tudo, pelo amor com que sempre acreditou.

ÍNDICE

01. CAPÍTULO I – Preâmbulo	1
a. Enquadramento e Objecto	3
b. Premissas e Objectivos	4
c. Método e Estrutura	5
02. CAPÍTULO II – O território de Sant’Ana	9
a. Condição geográfica	15
b. Ocupação urbana	16
c. Ocupação conventual	19
d. Ocupação hospitalar	22
e. Tempos recentes	26
03. CAPÍTULO III – O lugar de Santo António dos Capuchos	31
a. Encontro com o lugar	35
b. História	40
• Antecedentes	41
• Primeiras pedras	48
• Entretempos	54
• Últimos sopros	59
c. Forma	64
• De fora para dentro	64
• De dentro para fora	72
• Paisagem	77
d. Para um sentido	80
04. CAPÍTULO IV – Argumento	85
a. O redesenho do sítio	87

• De fora para dentro	87
• De dentro para fora	92
• Paisagem	95
b. Um novo uso	99
• Lugar e Uso	99
• Uso e Tema	104
• Tema e Atmosferas	108
• Sobre a relação com a paisagem	115
05. CAPÍTULO V – Projecto	119
a. Um novo lugar	122
• De fora para dentro	122
• De dentro para fora	126
• Por entre os edifícios	135
b. Encontro de tempos	147
06. BIBLIOGRAFIA	149
07. SUPLEMENTO	153

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 *Hipsometria* [Assinalados a Colina de Sant'Ana e o lugar de Santo António dos Capuchos] – elaboração própria

Figura 2 *Princípios da ocupação hospitalar no antigo convento de Santo António dos Capuchos: a alameda* [19--] – In <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=328311&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Figura 3 *Princípios da ocupação hospitalar no antigo convento de Santo António dos Capuchos: o claustro* [1934] – In <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=1016733>

Figura 4 *Evolução da Colina de Sant'Ana: século XVIII, século XIX, século XX, século XXI* [da esquerda para a direita, de cima para baixo] – elaboração própria

Figura 5 *Vista aérea (nascente-poente) sobre Santo António dos Capuchos* – elaboração própria a partir de imagens recolhidas em <https://www.bing.com/mapspreview>

Figura 6 *Palimpsesto* – elaboração própria

Figura 7 *Sto. António dos Capuchos* – In LIMA, Durval Pires de – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, na qual se dá a notícia da fundação e dos fundadores das Instituições Religiosas, Igrejas, Capelas e Irmandades desta cidade*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950, p. 341

Figura 8 *Entrada* – In *Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa*. [Lisboa]: [s.n.], [s.d.], p. 1

Figura 9 *Fachada (Seccão das Asyladas)* – In *Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa*. [Lisboa]: [s.n.], [s.d.], p. 5

Figura 10 *Seccão das Asyladas (Fachada Poente)* – In *Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa*. [Lisboa]: [s.n.], [s.d.], p. 16

Figura 11 *Conferência médica na cabeceira da Doente (Visita diária) na Enfermaria do Serviço de Medicina 2 do H. de Sº António dos Capuchos em 1975* – In <http://vascotrancoso.blogspot.pt/search/label/Medicina>

Figura 12 *Detalhe do Hospital de Sº António dos Capuchos em 1976* – In <http://vascotrancoso.blogspot.pt/search/label/Medicina>

Figura 13 *Consulta Externa do Hospital dos Capuchos em 1976* – In <http://vascotrancoso.blogspot.pt/search/label/Medicina>

Figura 14 *Enfermaria do Hospital dos Capuchos em 1976* – In <http://vascotrancoso.blogspot.pt/search/label/Medicina>

Figura 15 *Pontos notáveis [Castelo de São Jorge, Convento da Graça, Miradouro de Nossa Senhora do Monte e Hospital de Santo António dos Capuchos]* – elaboração própria

Figura 16 *O lugar no seu estado actual* – elaboração própria

Figura 17 *A depuração do lugar* – elaboração própria

Figura 18 *O gesto interrompido* – elaboração própria

Figura 19 *De norte para sul: a paisagem em Santo António dos Capuchos* – elaboração própria

Figura 20 *O sentido em potência* – elaboração própria

Figura 21 *O redesenho do sítio, de fora para dentro* – elaboração própria

Figura 22 *O redesenho do sítio, de dentro para fora* – elaboração própria

Figura 23 *Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia [Herzog & de Meuron]* – In *El Croquis* Nº109/110, 2002, p. 161

Figura 24 *Residências para idosos em Chur [Peter Zumthor]* – In DURISCH, Thomas (Ed.) – *Peter Zumthor 1985-1989: Buildings and Projects*. Zurich: Scheidegger & Spiess, 2014, Volume 1, p. 124-127

Figura 25 *Foto colhida em meados da década de 1970, do interior de uma antiga Enfermaria do Hospital de S. José* – In <http://vascotrancoso.blogspot.pt/search/label/Medicina>

Figura 26 *Um novo lugar, de fora para dentro (poente, sul)* – elaboração própria

Figura 27 *L'Il·la* – In http://manueldesolamoraes.com/proys/Il·la_Diagonal_eng.htm

Figura 28 *Um novo lugar, de dentro para fora (poente)* – elaboração própria

Figura 29 *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* [Álvaro Siza Vieira] – In <http://afasiaarchzine.com/2014/03/alvaro-siza-vieira-4/>

Figura 30 *Um novo lugar, de dentro para fora (sul)* – elaboração própria

Figura 31 *Centro de Documentação e Arquivo do Palácio de Belém* [João Luís Carrilho da Graça] – In <http://www.archdaily.com.br/br/01-37199/centro-de-documentacao-e-informacao-palacio-de-belem-carrilho-da-graca-arquitectos>

Figura 32 *Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra* [Fernando Távora] – In ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni – *Fernando Távora: Opera completa*. Milano: Electa, 2005, p. 270

Figura 33 *Casa 2 em Nevogilde* [Eduardo Souto de Moura] – In ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni – *Eduardo Souto de Moura*. Milano: Electa, 2005, p. 98-100

Figura 34 *Villa Sarabhai* [Le Corbusier] – In BOESIGER, Willy (Ed.) – *Le Corbusier et son atelier rue de Sèvres 35: Œuvre complète 1952-1957*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1995, p. 114-131

Figura 35 *Casa em Morbio Superiore* [Mario Botta] – In DAL CO, Francesco – *Mario Botta: Architecture 1960-1985*. Paris: Electa Moniteur, 1985, p. 248

Figura 36 *Casa em Viganello* [Mario Botta] – In DAL CO, Francesco – *Mario Botta: Architecture 1960-1985*. Paris: Electa Moniteur, 1985, p. 51

Figura 37 *Túmulo Brion* [Carlo Scarpa] – In <http://www.c20society.org.uk/war-memorials/italy-san-vito-daltivole-and-the-brion-cemetery/>

CAPÍTULO I
_preâmbulo

a. Enquadramento e Objecto

À margem do bulício do centro histórico, a Colina de Sant'Ana preserva uma vitalidade urbana muito própria. Marcada pela disseminação de grandes unidades cadastrais, encerradas funcional e fisicamente sobre si mesmas, Sant'Ana é um pedaço de cidade singular.

Outrora *Colina dos Conventos* é hoje vulgarmente conhecida como *Colina dos Hospitais*, fruto dos longos processos de refuncionalização das estruturas de génese religiosa que povoavam originalmente este território. No passar do tempo, este contexto serviu de pauta a um crescimento urbano curioso, que se foi encostando paulatinamente aos muros das antigas cercas conventuais, definindo aquilo que hoje se pode considerar a *imagem* deste troço de cidade.

O conjunto de grandes equipamentos hospitalares que tomou posse da colina durante praticamente dois séculos, está actualmente desactivado ou em processo de desactivação¹, facto que por si só implica uma reflexão profunda acerca do seu significado futuro. Desta forma, o encerramento dos hospitais constitui uma oportunidade ímpar para repensar estes lugares, com a vontade de os poder transformar, mais uma vez, neste *virar de página* da sua longa história. A enorme resiliência destas arquitecturas, que insistem em perdurar no tempo, abarcando em si o peso das necessidades do homem, é novamente posta em causa enquanto património social, cultural e arquitectónico a ser preservado e sobretudo *problematizado*.

As questões levantadas no debate em torno dos Hospitais Centrais de Lisboa revelam, por isso, a intensidade e a importância destes *fenómenos* na regeneração de centros urbanos, cujo potencial se dilata amplamente na procura da *identidade* e da *memória* que os envolve – qualidades que podem hoje voltar a ter contornos vivos no fluir da cidade, pelo homem.

¹ Neste vasto grupo de equipamentos, tanto o Hospital do Desterro como o Hospital Miguel Bombarda foram já encerrados. No âmbito da construção do novo Hospital Oriental de Lisboa, prevê-se ainda o encerramento dos Hospitais de São José, Capuchos e Santa Marta.

Neste enquadramento encontra-se o Hospital de Santo António dos Capuchos, objecto do presente trabalho. Situado na encosta poente da Colina, o antigo Convento de Santo António dos Capuchos é um dos testemunhos desta realidade que agora se discute sob a alçada de uma estratégia generalizada de reabilitação urbana, inaugurada pela Câmara Municipal de Lisboa.

No âmbito da sua desactivação, o lugar que nos deixa expectantes de um futuro é também o motivo e o motor deste trabalho.

b. Premissas e Objectivos

A intervenção sobre o conjunto hospitalar de Santo António dos Capuchos, reveste-se, em primeira instância, da vontade de poder contribuir para um debate acerca das boas-práticas em reabilitação, incidindo sobre o objecto de estudo enquanto causa, processo e fundamento do raciocínio arquitectónico. Trata-se, no fundo, de retomar um pensamento sobre a ideia de património que priorize cada vez mais o *essencial* sobre o *acidental*, recorrendo à experiência do lugar enquanto principal meio para compreender as suas qualidades (aquelas que o *personificam*) e, posteriormente, poder imaginá-las no âmbito de uma proposta de intervenção. Recusar-se-á, por isso, um discurso assente sobre factores externos à natureza da Arquitectura.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como principal objectivo a construção de um modelo de aproximação ao preexistente, sustentado por uma compreensão profunda do seu conteúdo enquanto *existência* no espaço e no tempo. A oportunidade deixada pelo encerramento do hospital é, então, convertida num pretexto para reflectir sobre o seu valor intrínseco, remetendo para aquilo que é patrimonialmente relevante – isto é, aquilo que merece ser conservado – tomando-o operativo na consolidação de um argumento sólido, capaz de fundamentar uma proposta de desenvolvimento crítico do lugar, bem como lidar com as várias ramificações de um problema de arquitectura.

A partir da consciência adquirida do contacto com a preexistência, procurar-se-á responder a um programa de revitalização complexo, cuja derradeira ambição é fazer ressurgir o lugar de Santo António dos Capuchos (transfigurado por sucessivas desvirtuações desde o seu tempo conventual), através de uma investigação penetrante e de um exercício de projecto que o sintetize nas suas várias leituras.

Naturalmente, pretende-se que a investigação e o projecto funcionem como peça única, a partir da qual o leitor se sinta munido da capacidade de *apreender* o lugar, tecendo e imaginando outras dimensões que o complementem.

De um modo global, ambiciona-se que o trabalho construa uma relação de *honestidade* com a experiência da arquitectura, no sentido de a saber honrar, enquanto parte integrante do seu discurso, do seu significado e da sua história. Da mesma forma, a intervenção no lugar deve contribuir para a *renovação* desse mesmo legado, munindo-se da capacidade de o poder *transformar* a partir dos seus próprios pressupostos, enquanto acto arquitectónico que gera consequências e convoca soluções.

A responsabilidade associada à prática do arquitecto é aqui sentida como vontade de um futuro tanto para a cidade como para o homem, no qual o lugar possa ser continuamente reinterpretado, dentro de quem o *habita*.

c. Método e Estrutura

O lançamento deste desafio vem acompanhado, como já referido, de um conjunto de inquietações acerca do modo como abordar o exercício de reabilitação.

Face à evidente descaracterização que perfaz o lugar no seu estado actual, a necessidade de poder situá-lo num discurso claro e coerente parece inevitável, na iminência de um exercício de projecto que se quer o mais informado possível sobre a realidade com a qual dialoga. Por seu turno, a questão que se põe sobre a construção de um modelo de aproximação ao património de

Santo António dos Capuchos, traz consigo a exigência de uma compreensão plena do seu conteúdo essencial, já que só assim se reclamará a capacidade de tecer considerações fundamentadas sobre o seu futuro.

Na certeza de que o caminho a tomar recusaria, *a priori*, uma abordagem em torno de questões periféricas à *razão de ser* da Arquitectura (como as funcionais ou estilísticas, por exemplo), encontrou-se resposta na própria condição da Arquitectura, isto é, a de vínculo existencial entre o sujeito e o lugar que o envolve – o seu *sentido*. Na compreensão desta evidência reside a verdadeira qualidade que se procura preservar e *trazer à luz* em Santo António dos Capuchos. Efectivamente, é aquilo que flui da experiência concreta do lugar que aqui se entende como património a ser preservado e usufruído em plenitude pelo homem.

Com isto, não se pretende descartar do processo outras propriedades da Arquitectura, invariavelmente importantes no reconhecimento da sua *identidade* específica; não obstante, é a partir de uma investigação vigorosa sobre o seu significado que essas mesmas questões serão postas em causa, num enquadramento unitário, em que tudo finalmente *faz sentido*.

Recusando cair numa reabilitação estéril, o método encontra os seus princípios na fenomenologia. Na verdade, a proposta passa por *saber ler* o lugar e com ele conceber um discurso que se quer humano na sua essência, isto é, que flua dum sentido humano de relação com o mundo e não apenas de uma necessidade do homem. Desta forma, tem-se que o método de trabalho surge do próprio lugar, enquanto catalisador de todo o processo, já que nele estão contidas as ferramentas que procuramos para dar resposta ao problema inicial.

Esta vontade de centralizar o objecto de estudo, recorrendo às temáticas que ele próprio inaugura, estende-se nas sucessivas leituras interpretativas do lugar, tais como a *leitura histórica*, reconstrutiva da identidade do lugar no tempo (especialmente importante face à extensa transformação do edificado); a *leitura formal*, relevante no reconhecimento da matéria pela qual se veicula a experiência; e, por fim, a *leitura temática*, que nos permitirá compreender em profundidade qual é a *vontade de ser* das intervenções a tomar posse do lugar.

O *output* deste processo reunirá um conjunto denso de informações das quais surgirão as indicações para o projecto. O projecto, ponto final deste documento (que, no entanto, se quer convidativo à reflexão, como visto anteriormente), insere-se, portanto, numa linha de continuidade clara com o raciocínio que o antecede.

Resta ainda dar a importância devida ao acto de desenhar o projecto, que foi transversal ao desenvolvimento do trabalho. Com efeito, as descobertas que se foram fazendo no âmbito da investigação, estimularam o espírito a procurar formas de as *trazer para cima da mesa*, concretizando as ideias, mesmo aquelas que pareciam mais difíceis de descortinar.

A estrutura do documento acompanha o processo metodológico, refazendo os passos da aproximação ao lugar, na construção de um conhecimento progressivo. Deste modo, a dissertação pretende esgotar o objeto de estudo nas suas várias escalas, partindo de uma observação mais alargada, a do território, estreitando-a até ao detalhe do projeto.

Ao longo dos capítulos são apresentados os vários momentos do trabalho, que são também as etapas da compreensão do lugar – desde o *contexto urbano*, à *história* e à *forma* – evitando-se uma análise meramente descritiva ou factual, mas antes direccionada para o conjunto de objectivos previamente lançados. Constituem-se, portanto, como instrumentos de suporte para o argumento da consequente proposta, nomeadamente, no que diz respeito ao *redesenho do sítio* e à sugestão de um *novo uso*.

O capítulo final está, por isso, sustentado pelo corpo do documento e responde às inquietações levantadas ao longo do trabalho. É, como já vimos, o ponto de chegada: o *projecto* de um novo tempo para Santo António dos Capuchos.

CAPÍTULO II
_o território de Sant'Ana

Da Lisboa menina e velha – menina porque a havemos de ver sempre no berço da Cidade, e velha porque se consome a mirar-se na sua própria vetustez, e perdura como o empedrado das congostas medievais, nas almedinas a prumo – quizemos vir parar a um morro alto, que foi cômoro e descampado, na desherdança dos séculos, e por si se amanhou de gentes e cresceu de povoados.

É outra a sedução, a poesia é outra: por aqui não há tombos que remontem longe.

A área da nossa Peregrinação de hoje, Dilecto companheiro, é um testemunho vivo daquilo que eu disse algures: «Lisboa tem um sentimento».

E de tal maneira que na sobreposição das duas Lisboas, que por aqui tão nitidamente se distinguem – uma a nascente outra a poente dentro da mesma rua, uma sobranceira outra agachada dentro do mesmo sítio – permanece estático, até de um taful prédio modernista de abaulados varandins, um sentido respeitável de família. Ele respira e transpira o alfacinha ambiente repousado, e retrata o olisiponense jeito de não querer ser, por cousa nenhuma dêste mundo, uma caricatura servil das várias urbes estranhas.²

Norberto de Araújo

Tudo se encontra na Colina de Santana.³

Duarte Belo

² ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Vega, 1993. Livro IV, p. 7-8

³ BELO, Duarte – *O Navio Urbano*. In INÊS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*. Lisboa: [s.n.] 2013, p. 10. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento> [Consultado a 19.01.2015]

Recaia-se sobre a peregrinação de Norberto de Araújo, que de forma perspicaz sintetiza o carácter singular da Colina de Sant'Ana. A partir de uma narrativa carregada de sentido, Norberto de Araújo descreve a excepcionalidade deste troço de cidade, que na sua condição de *morro alto*⁴, parece ter crescido à sombra dos destinos que iluminavam a *cidade baixa*. Num território deserdado do tempo – o tempo da cidade enquanto fenómeno social e cultural por excelência – Sant'Ana preserva o vigor da espontaneidade, fruto de um desenvolvimento feito ao sabor das vontades do homem, que por ali foi calcando os seus caminhos e lançando as suas pedras numa *terra sem tombos*.⁵

A genealogia da Colina corrobora a ideia de um crescimento aparentemente *descomprometido*, afastado da pressão da cidade, que parece ter aproveitado a sua forçada marginalização como motor de um desenvolvimento ameno e porventura dissimulado no tempo. No seu todo, Sant'Ana é o resultado de uma sobreposição de traçados, objectos, lugares excepcionais e espaços públicos, que não serão mais do que um conjunto de intenções impressas sobre um espaço sem rumo predefinido – realidade que a impaciência da cidade jamais permitiria.

É a partir desta condição *extramuros*, que se explica com maior clareza a peculiaridade da Colina. A sua centralidade geográfica face ao domínio urbano não significou, no tempo, uma centralidade quanto às dinâmicas socioeconómicas da cidade, pelo que na Colina se preservou um carácter iminentemente rural (do qual restam alguns vestígios) que percorreu este território com a ingenuidade própria de um *ambiente repousado*⁶, no modo como tudo se põe no seu lugar.

⁴ ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. 1993, op. cit., p. 7

⁵ A expressão “*por aqui não há tombos que remontem longe*”, empregue por Norberto de Araújo, remete para o carácter periférico da Colina, enquanto área periurbana subdesenvolvida (dentro do casco mais antigo da cidade), tanto do ponto de vista cadastral, como socioeconómico. Sant'Ana desenvolver-se-ia à margem da Baixa da Cidade, que até aí se mantivera como centro nevrálgico da vida urbana de Lisboa.

⁶ ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. 1993, op. cit., p. 8

A evidente complexidade que hoje identificamos na estrutura urbana da Colina de Sant'Ana, não deixa, contudo, de *acolher* o homem que por ali passa, tal é o sentido de *familiaridade* que se consagra entre os vários episódios da vida urbana que se apresentam ao espectador. Na verdade, em aparente contradição, tudo aquilo *coexiste*. Talvez seja essa a singularidade que Norberto de Araújo retém na sua experiência da Colina, quando descobre qualquer coisa de *estático* naquela polissemia estrutural. Sant'Ana é uma peça única, feita de ritmos desiguais que se encaixam *uns aos outros*, acomodando-se.

Ao longo deste capítulo, tentar-se-á compreender os motivos que fazem da Colina de Sant'Ana uma unidade tão especial.⁷ Ulteriormente, pretende-se enquadrar o objecto de estudo – o lugar do Hospital de Santo António dos Capuchos – num contexto concreto e reconhecível.

⁷ Servir-nos-emos do texto *A Colina de Santana – Para uma Visão de Conjunto*, da autoria de José Sarmento de Matos e Jorge Ferreira Paulo, como referência para a organização da presente análise. (Este texto faz parte do estudo sobre a Colina de Santana encomendado ao *atelier* Inês Lobo Arquitectos, em Janeiro de 2013)

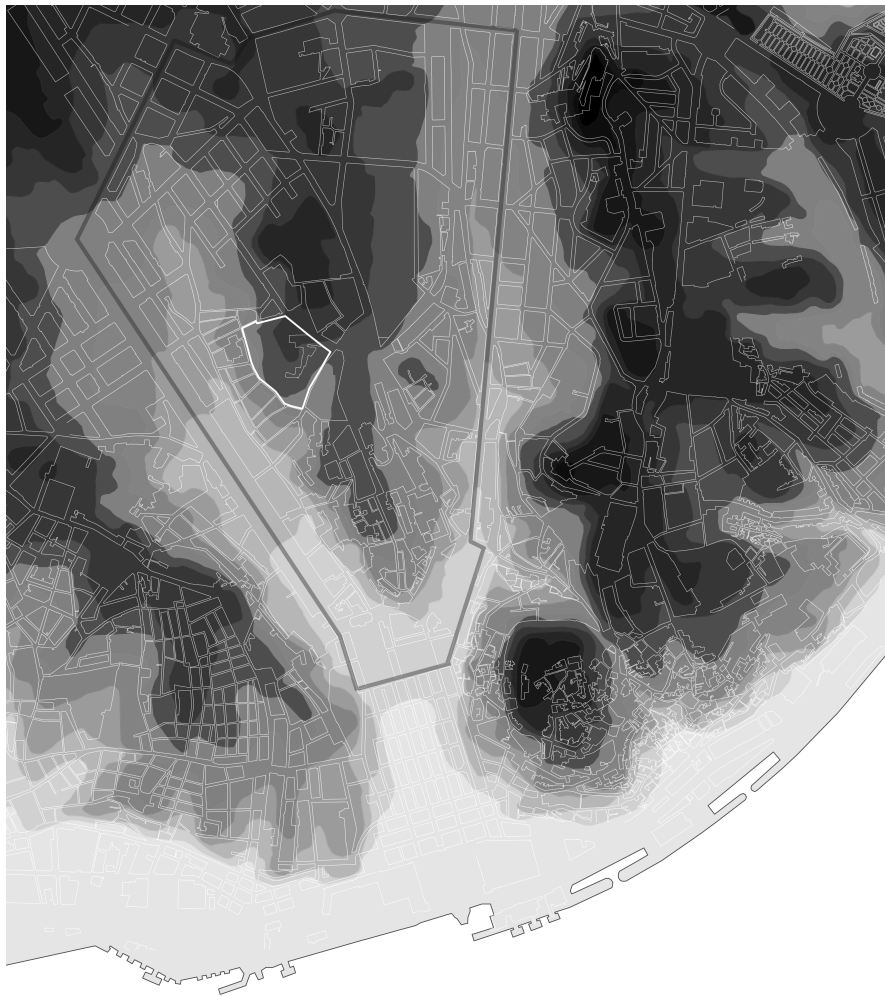


Figura 1 Hipsometria

a. Condição geográfica

Talvez nenhum outro pedaço de cidade de Lisboa se parecerá com um navio urbano como a Colina de Santana. Talvez por estar localizada entre duas linhas de água retilíneas e convergentes, onde atualmente se localizam duas das principais avenidas de Lisboa, a Colina sugira um enorme navio que se ergue num mar ondulado. Se a proa deste enorme navio parece querer deixar um estaleiro e aproximar-se do mar, pela foz do Tejo, a popa vai diluir-se na cidade, num limite muito mais impreciso, como se para uma viagem convocasse toda a cidade de Lisboa. Esta é, curiosamente, a única das sete colinas históricas de Lisboa que não confina com o rio, mas dele, pela sua morfologia, parece querer aproximar-se.⁸

A especificidade da Colina de Sant'Ana face ao contexto da cidade de Lisboa esclarece-se, em primeira instância, pelo seu condicionalismo geográfico. O território da Colina é talhado por duas linhas de água confluentes, a nascente e a poente, que formam os antigos *Vale de Arroios* e *Vale Verde*, respectivamente.⁹ O corte e a amplitude dos dois vales, de vertentes progressivamente acentuadas em direcção à baixa da cidade, formam entre si um *esporão afiado*¹⁰ cujo topo culmina junto ao actual Rossio.

A imagem do *Navio Urbano* sugerida por Duarte Belo, é particularmente sugestiva da relação que a Colina mantém com a cidade. O retrato ilustra com subtilidade o desenho de uma paisagem urbana absolutamente enraizada na

⁸ BELO, Duarte, *O Navio Urbano*. 2013, op. cit., p. 11

⁹ As linhas de água do *Vale de Arroios* e do *Vale Verde* definem, actualmente, a Avenida Almirante Reis e a Avenida da Liberdade.

¹⁰ MATOS, José Sarmento de; PAULO, Jorge Ferreira – *A Colina de Santana - Para uma Visão de Conjunto*. In INÉS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*. Lisboa: [s.n.] 2013, p. 24. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento> [Consultado a 19.01.2015]

condição orográfica. Com efeito, será a orografia a principal causa da perpétua desarticulação entre Sant'Ana e a restante cidade, determinada pela ausência de uma conexão directa com o Rio Tejo (principal *artéria* de Lisboa que, pelo seu protagonismo, fechou o desenvolvimento da cidade para norte¹¹).

A marginalização desta área parece, com isto, encontrar a sua origem em aspectos de natureza primária, que tornaram difícil a correspondência deste território às expectativas da cidade, cuja ambição se reflectia nas águas promissoras do Tejo.

No entanto, será essa mesma condição à *margem* que constituirá uma oportunidade de crescimento ímpar na história de Lisboa. Sant'Ana toma-se, neste contexto, *apetecível*, tanto à expansão agrícola, como à fixação voluntária de pequenos bairros, ou ainda à fundação de vastas cercas conventuais, que viriam a marcar a toponímia destes lugares.

b. Ocupação urbana

Embora Sant'Ana se leia como um todo reconhecível na cidade, a sua autonomia face ao contexto resulta de um crescimento desigual, que perfaz tanto as escalas de desenho como os tempos históricos.¹² A diversidade dos modos de construir cidade reúne-se, como já vimos, numa unidade de limites precisos, que até hoje perdura na experiência que o homem faz deste território.

O carácter enigmático que circunscreve a Colina é revelador da *promiscuidade* com que convivem fenómenos díspares, de natureza

¹¹ Esta realidade tomar-se-á evidente tanto no traçado da Cerca Nova, ou Fernandina (1373/75), como na reconstrução pombalina, que deliberadamente encerra o núcleo urbano no antigo Passeio Público, privilegiando a relação com o rio. A expansão definitiva da cidade para norte dá-se, em meados do século XIX, pela transformação do Passeio Público em Avenida da Liberdade. MATOS, José Sarmiento de, PAULO, Jorge Ferreira – *A Colina de Santana - Para uma Visão de Conjunto*. 2003, op. cit.

¹² INÊS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*. Lisboa: [s.n.] 2013, p. 80. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento> [Consult. 19.01.2015]

heterogénea (tanto do ponto de vista formal como funcional), onde superfícies cadastrais de grande dimensão sustentam *bairros de malhas miúdas e intrincadas*.¹³

Na procura de um sentido que a caracterize, torna-se fundamental compreender não só a génese histórica dos seus constituintes, como o papel que hoje desempenham na leitura deste *todo urbano*.¹⁴

A vitalidade característica da Colina de Sant'Ana assenta num conjunto de lógicas de planeamento territorial que remontam ao século XIV, a partir da implantação da Cerca Fernandina.¹⁵ A crescente pressão sobre a urbanização dos solos protegidos pelas muralhas, acentuara definitivamente o contraste entre a massa edificada e o vasto *hinterland* que se estendia para além das suas fronteiras, pelo que o traçado linear da cerca rapidamente assumira uma expressão volumétrica. Esta ocupação compacta dos terrenos *intramuros* foi determinante para que na Colina de Sant'Ana se fixassem, de forma dispersa, equipamentos considerados impróprios de um centro urbano qualificado.

A condição de monte alto e amplo (favorecido pela acessibilidade e centralidade) recebia no seu dorso actividades banidas do perímetro urbano, por razões de segurança e salubridade – a Gafaria de S. Lázaro e o Matadouro surgiam como primeiras unidades de grande escala a tomar posse da Colina, acabando por ditar o seu rumo.¹⁶ Paralelamente, o sopé da Colina revestia-se

¹³ Tome-se como referência a relação entre o Hospital de S. José e o Bairro de Santana, bem como encadeamento entre os Hospitais dos Capuchos e de Santa Marta e o Bairro do Andaluz. INÉS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*, 2013, op. cit.

¹⁴ INÉS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*, 2013, op. cit.

¹⁵ Num esforço de sistematização, indica-se como ponto de partida deste raciocínio o final do século XIV, nomeadamente a implantação da Cerca Nova. Trata-se de um momento fulcral no desenvolvimento ulterior da Colina, que em grande parte justifica o argumento que se tem vindo a defender sobre a segregação deste troço de cidade. Não se pretende, com isto, refutar os acontecimentos históricos anteriores a esta data, mas antes estabelecer com maior clareza um *fio condutor* para este trabalho.

¹⁶ SALTA, Ana Maria – *Factores Estruturantes da Colina de Sant'Ana em Lisboa, séculos XIV a XVII*. Lisboa: Edição Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, 2001, p. 145

de pequenos núcleos densamente povoados – o Bairro de Sant’Ana, o Bairro do Andaluz e o Bairro do Curral formavam uma coroa em torno do grande vazio que seria o planalto de Sant’Ana.¹⁷

*Nos séculos de quatrocentos e de quinhentos a penetração demográfica ia já riscando um «sítio», que havia de ser prenúncio de um bairro, se não administrativo com independência do seu título, pelo menos suficientemente expressivo para se contar com êle na vida social de Lisboa.*¹⁸

Em meados do século XVI, o rosto da Colina de Sant’Ana esculpia-se a partir deste confronto entre o topo e o sopé. Subindo as suas vertentes, imagina-se que os pontos altos de Sant’Ana mantivessem ainda a frescura de um *lugar esquecido*, embora sujeitos ao fulgor dos equipamentos que lhes foram atribuídos.¹⁹ Não obstante, esta mesma dualidade seria o ponto de partida para o seu desenvolvimento posterior, nomeadamente, no que diz respeito à sua extensa ocupação conventual. Disto é exemplo a implantação do Convento de Sant’Ana.²⁰

¹⁷ Desse grande vazio resta-nos o actual Campo de Sant’Ana.

¹⁸ ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. 1993, op. cit., p. 36

¹⁹ Recaia-se sobre as palavras de Ana Maria Salta, que romanceiam o quotidiano da Colina de Sant’Ana em meados do século XVI: – (...) *Antes ninguém queria morar aqui: era na encosta do Vale dos Vencidos, na Banda de Cá da Mouraria; as pessoas tinham medo da lepra, porque era uma doença maldita e a Gafaria veio para S. Lázaro; depois foi o Curral que trouxe novos perigos, imundície, mau cheiro e os berros dos animais nos estertores da morte. Apesar disso, o povo trabalhador do Curral de S. Lázaro vive aqui há várias gerações, em boas casas, em paz, com suas Irmandades e Corporação, sem rameiras nem camareiras que ficam do outro lado do vale. Agora são os Conventos que movem influências e lutam para cá se instalar. Não tarda, hão-de querer o povo daqui para fora, não acredita Braz?* SALTA, Ana Maria – *Rua da Inveja - Romance da Colina de Sant’Ana. Crónica do Bairro do Curral e de S. Lázaro, na Lisboa do século XVI, das suas Gentes e das Mudanças que neles fez o Tempo e a Fortuna*. Lisboa: Edições Colibri, 2013, p. 64

²⁰ Fundado em 1561, o convento foi destruído no final do século XIX para dar lugar ao Instituto Câmara Pestana e, mais recentemente, aos Laboratórios da Universidade Nova de Lisboa.

c. Ocupação conventual

O planalto de Sant'Ana, de terrenos amplos e férteis, toma-se rapidamente apetecível aos olhos de várias congregações religiosas que aqui pretendiam estabelecer-se, seguindo o exemplo das freiras do Convento de Sant'Ana.

O período que decorre entre os finais do século XV e os finais do século XVI, caracteriza-se por uma expansão extraordinária deste território, que assim se reveste de uma nova *atmosfera*, contrariando o ritmo febril dos gafos e do Matadouro.²¹

A procura extensiva da Colina para a fundação de conventos, encontra o seu principal motivo no confronto entre o topo do planalto e o seu contexto. Como se tem vindo a referir, Sant'Ana mantém uma relação de proximidade com o centro urbano; no entanto, toma partido de uma posição que lhe é *sobranceira*. Isto é, a topografia da Colina *dilui* a incontornável proximidade geográfica numa oportunidade de distanciamento crítico. Efectivamente, a Colina de Sant'Ana, no seu *modo de ser*, é lida como lugar receptivo à prática conventual – é como um lugar que se coloca *perante a cidade*.

*À vida falta uma parte
– seria o lado de fora –
pra que se visse passar
ao mesmo tempo que passa*

²¹ O conjunto de preocupações conducentes do Concílio de Trento (1545-63) sobre o papel das Ordens Religiosas junto da população laica, levou a um incremento significativo de Casas Religiosas junto dos centros urbanos. Em Lisboa, a determinação régia em densificar o território *intramuros* impedia a cedência de grandes parcelas de terreno aos religiosos, que encontravam nos arrabaldes da cidade lugar para se estabelecerem livremente e em conformidade com os seus princípios. Num espaço de trinta anos (entre 1561 e 1591), instalaram-se na Colina de Sant'Ana Franciscanos, Jesuítas e Cistercienses, em casas de características muito diferentes, cujo denominador comum seria a construção de uma sede em Lisboa.

e no final fosse apenas
um tempo de que se acorda
não um sono sem resposta

À vida falta uma porta.²²

*

Entre proximidade e isolamento, consagra-se um momento de viragem na ocupação continuada da Colina que a marcou definitivamente: a reprodução de grandes unidades muradas, encerradas sobre si. As arquitecturas dos conventos inauguram, desta forma, lugares singulares no espaço homogéneo, desenhando limites profundamente activos no fluir da cidade.

De certo modo, a *constelação conventual* é a principal responsável pela *heterogeneidade* que hoje sentimos de forma tão aguda em Sant'Ana, na medida em que as suas cercas imprimem no território lógicas de descontinuidade e ruptura constantes. Por sua vez, o carácter de *enclave* que contorna as cercas dos conventos é também o elemento mais expressivo da identidade da Colina, enquanto todo construído pelo contraste entre as suas partes.

A cidade não atravessa estes lugares, que guardam nos seus limites uma temporalidade própria – são como *ilhas* que resistem às sucessivas investidas da urbanização ordenada. Seguramente, será a força do gesto ²³ destas

²² GULLAR, Ferreira – *Versos de entreter-se*. In *Barulhos*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1987

²³ Chamamos gesto ao trajecto ou devir do leitor – simultaneamente movimento e sentimento – a que a arquitectura induz, mediante a orquestração de tom e ritmo plasmados em “melodia”. O gesto é o encadeamento ordenado dos movimentos – do andar e do olhar – e dos sentimentos – que resultam da afecção que nos é comunicada pelo carácter *quási-pessoal* que, misteriosamente, anima um espaço (carácter leve ou pesado, sombrio ou luminoso, alegre ou triste,...) – com que a obra, mediante a sua forma, se imprime no sujeito que a experimenta. ABREU, Pedro Marques de –

arquitecturas que as defendeu numa sociedade sempre em expansão. A sua resiliência nasce, portanto, da forma com que *escolhem* relacionar-se com o contexto, trazendo ao presente modos de interpretação do território que nos parecem sempre contemporâneos, mesmo numa cidade que se metamorfoseou de forma tão intensa num intervalo de cinco séculos, desde a sua edificação primitiva²⁴ – são lugares que *têm qualquer coisa a dizer*:

Veja-se a *interioridade* do Convento de Santa Marta, que ainda hoje nos acolhe no seu silêncio; ou a *horizontalidade* do promontório dos Capuchos, que nos revela uma paisagem desfeita e refeita pelo tempo; ou a *frontalidade* do Colégio de Santo Antão²⁵, que prende Lisboa velha e nova aos nossos pés; ou porventura a *intangibilidade* do Convento de Rilhafoles²⁶, que parece guardar-nos eternamente ocultos dos olhares da cidade.

Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura. Lisboa: FAUTL, 2005. Tese de Doutoramento, p. 227

²⁴ A ideia de lugar enquanto entidade *estável* no espaço e no tempo, é aprofundada por Norberg-Schulz em *Genius Loci*. O seu raciocínio corrobora a ideia que se tem vindo a defender sobre a resiliência destes lugares, enquanto estruturas perduráveis pela *força* das suas características intrínsecas: *La struttura di un luogo non è una condizione fissa, eterna: di regola i luoghi mutano e a volte anche rapidamente. Questo non significa tuttavia che il genius loci debba necessariamente cambiare o andare perduto. Dimosteremo in seguito come l'aver luogo presuppone che i luoghi conservino la loro identità per un certo lasso di tempo. La stabilitas loci è una condizione necessaria alla vita umana. Come è dunque compatibile questa stabilità, con la dinamica del mutamento? Va detto innanzitutto che ogni luogo dovrebbe avere la «capacità» di ricevere «contenuti» diversi, naturalmente entro certi limiti. Un luogo adatto ad un solo scopo particolare diventerebbe ben presto inutile. Inoltre è evidente che un luogo può essere «interpretato» in diversi modi. Proteggere e conservare il genius loci significa infatti concretizzare l'essenza in contesti storici sempre nuovi. Si può anche dire che la storia di un luogo dovrebbe essere la sua «autorealizzazione». Ciò che all'inizio era presente come possibilità, viene disvelato dall'azione umana, illuminato e «preservato» in opere di architettura che sono contemporaneamente «vecchie e nuove». Un luogo comprende dunque proprietà dotate di un grado variabile di invariabilità.* NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci*. Milão: Electa, 1986, p. 18

²⁵ O Colégio de Santo-Antão-o-Novo, fundado em 1578, foi mais tarde reconvertido no Hospital de São José.

²⁶ O Convento de Rilhafoles, fundado em 1725, foi mais tarde reconvertido no Hospital de Miguel Bombarda (encerrado no verão de 2011).

Os conventos de Sant'Ana são exemplos vivos do enorme potencial destas *descontinuidades urbanas* ao serviço da cidade, potencial esse que tem sido constantemente reinventado, ainda que através de um discurso marcadamente funcional, tal como o aproveitamento posterior das reservas conventuais para fins hospitalares.

d. Ocupação hospitalar

Já no século XVII, o efeito depurativo da construção dos conventos esboçava um novo retrato da Colina. A crescente qualificação do território trouxe consigo palácios e casas senhoriais, que começavam a surgir junto aos planos marginais das cercas, dos espaços públicos e dos principais eixos de comunicação. Este 'fenómeno migratório' que ocorreu em Sant'Ana²⁷ deu início a um processo de densificação residencial sem precedentes na história da Colina, contribuindo de forma inédita para a evolução da sua *imagem* enquanto área privilegiada da cidade.

*(...) depressa o planalto se animou entre as badaladas dos sinos que cadenciavam as rezas dos recolhidos, as elegâncias airadas dos fidalgotes e as práticas menos estéticas ou os odores desagradáveis decorrentes da actividade febril dos açougueiros.*²⁸

No entanto, será a partir do terramoto que assola Lisboa em 1755, que a *essência* da Colina de Sant'Ana tomará contornos mais expressivos, consequência de uma presença muito forte da qual será alvo desde o século XVIII até à actualidade: a saúde.

²⁷ A 'migração' da Sociedade de Corte para o planalto de Sant'Ana, deve-se à construção do Palácio da Bemposta (final do século XVII), lugar onde se instalara definitivamente Catarina de Bragança, Rainha Consorte de Inglaterra, aquando do seu regresso a Portugal.

²⁸ MATOS, José Sarmiento de; PAULO, Jorge Ferreira – *A Colina de Santana - Para uma Visão de Conjunto*. 2013, op. cit., p. 26

No âmbito da regeneração urbana pós-terramoto, a Colina de Sant'Ana escapa àquilo que terá sido a primeira oportunidade efectiva de planeamento, favorecendo-se definitivamente a reconstrução da Baixa da cidade, enquanto centro por excelência. Não obstante, o território da Colina teria um papel importante a desempenhar no complexo sistema urbano da cidade de Lisboa, nomeadamente, no que diz respeito à fixação de um novo centro hospitalar que viria a substituir o Hospital Real de Todos-os-Santos, completamente destruído.²⁹ Com efeito, a expulsão da Companhia de Jesus, pouco tempo depois do terramoto, coloca o Colégio de Santo-Antão-o-Novo como principal concorrente para a fixação do novo Hospital Real de São José.

O processo de laicização desta Casa Religiosa descreve um episódio fundamental na transformação programática da Colina, funcionando como modelo para a posterior reconversão dos conventos de Sant'Ana, sobretudo a partir da extinção das ordens religiosas, em 1834.³⁰ Seguindo o exemplo do Colégio de Santo-Antão-o-Novo, também as Casas do Desterro, de Santa Marta, de Rilhafoles e de Santo António dos Capuchos, serão convertidas em

²⁹ *No cumprimento dum voto do Monarca, em 1492, El-Rei D. João II (1455-1495), fundava o Hospital Real de Todos-os-Santos e, ao lançar a primeira pedra, a 15 de Maio, erguia os alicerces da moderna construção Hospitalar, com características absolutamente inéditas.*

Passados dois séculos e meio, pavoroso incêndio quase o reduziu a um monte de escombros em 10 de Agosto de 1750, triste ruína, que sofreu o doloroso e fatal golpe de misericórdia no terramoto de 1 de Novembro de 1755, que totalmente o derrocou.

Iniciava-se assim, uma nova fase na vida hospitalar lisboeta: a da posterior adaptação de edifícios conventuais pré-existentes, de briosa altivez e especiosa galhardia. ALVES, Jofre – *De Conventos a Hospitais: evolução secular dos mosteiros de Santo António dos Capuchos e Nossa Senhora do Desterro (1570-1993)*. Lisboa: Câmara Municipal, 1993, p. 11

³⁰ (...) *a extinção das ordens religiosas alterou fundamentalmente a fisionomia dos sítios que dos seus conventos em grande parte dependiam. Os sessenta e cinco conventos de frades existentes então em Lisboa, de Chelas a Belém, ficaram desabitados e receberam utilizações profanas, civis ou militares, com novas relações com os bairros em que tradicionalmente se inseriam. Tomados hospitais, asilos, tribunais, hospícios, colégios, bibliotecas, academias, quartéis e até adaptado a um Parlamento, os edifícios sofreram grandes e prejudiciais transformações ao mesmo tempo que evitavam maiores despesas de equipamento imóvel ao Estado em modernização.* FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997, p. 51

equipamentos públicos, formando entre si um conjunto hospitalar que institucionalizará Sant'Ana como a *Colina da Saúde*.³¹

O despertar da Colina de Sant'Ana para a cidade, deve-se em grande parte à oportunidade criada por estas grandes parcelas, que se colocaram ao serviço público, de forma gratuita e generosa.

³¹ A força desta 'instituição de saúde' que autonomiza a Colina de Sant'Ana face à restante cidade, é ainda reiterada pela construção de outros equipamentos *ex novo*, tais como o Hospital D. Estefânia, em 1877; o Instituto de Medicina Legal de Lisboa, em 1879; ou o Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em 1889. O domínio da saúde é mais tarde *coroado* pela inauguração da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (actual Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa), em 1906, que redesenha a ponta sul do Campo de Sant'Ana. Paralelamente, assiste-se ao desenvolvimento de uma economia local profundamente ancorada na actividade hospitalar, sobretudo ao nível do comércio de proximidade. CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. DMPRGU. Departamento de Planeamento e Reabilitação Urbana – *Colina de Santana - Documento Estratégico de Intervenção*. Lisboa: [s.n.] 2013, p. 10. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento> [Consultado a 19.01.2015]

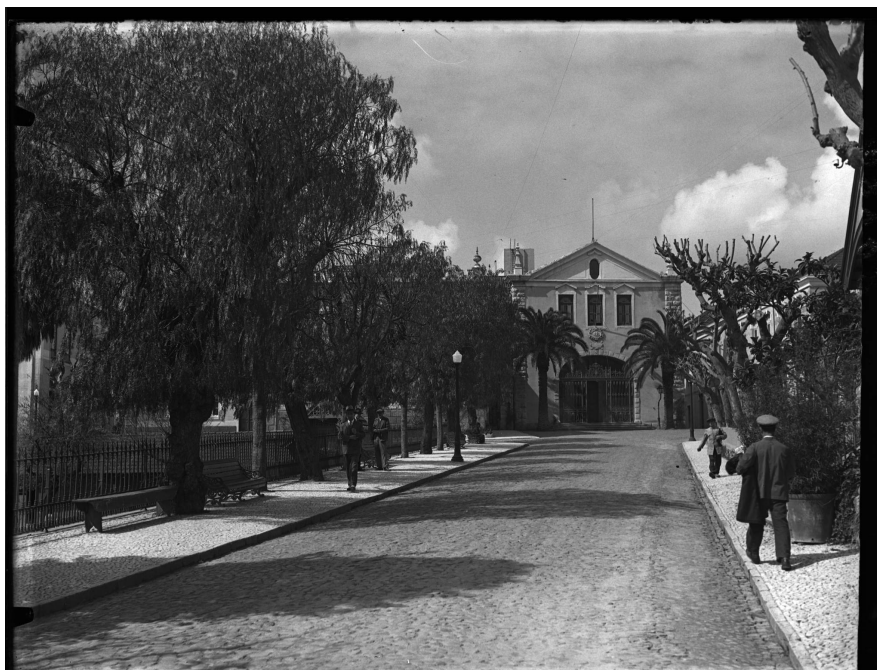


Figura 2,3 Princípios da ocupação hospitalar no Convento de Santo António dos Capuchos: a alameda e o claustro

e. Tempos recentes

Apesar da influência positiva desta *especialização funcional* no sistema urbano alargado, a relação da Colina com a cidade parece manter viva durante mais meio século a condição *extramuros* que a perseguira desde os seus tempos medievais. Contudo, a partir do final do século XIX, o desafio da expansão Lisboa-Norte contraria terminantemente este longo processo de segregação, ressignificando a Colina enquanto parte integrante do tecido urbano.

Ainda que Sant'Ana resista ao *embellissement* do Plano de Melhoramentos de Ressano Garcia³², o traçado oitocentista introduz uma mudança substancial na sua posição relativa na cidade. Ultrapassando em definitivo a sua condição de *fronteira* ou franja da cidade consolidada, a Colina passa a estar *encaixada* entre dois sistemas urbanos de fortíssimo carácter: a Baixa Pombalina e as Avenidas Novas.³³

Admitindo que o novo traçado a norte quebre, em parte, o estigma de *território-limite*³⁴, é inegável que Sant'Ana se mantenha como lugar *à ilharga* da cidade. Na verdade, a justaposição das malhas modernas confirma a dificuldade em construir relações imediatas com o contexto. Tanto a topografia como os limites espontâneos das cercas, funcionam como *travões*³⁵ à urbanização dita a

³² O *Plano Geral de Melhoramentos* é o resultado de vários estudos sobre a expansão de Lisboa, elaborados por Frederico Ressano Garcia, a partir de 1888: *Depois da Reconstrução pombalina, pela primeira vez se criavam ruas novas em Lisboa, inteiramente inventadas, fora de qualquer sujeição a sítios tradicionais que elas atravessavam numa indiferença moderna, cortando a direito em nome do progresso que se gerara no Fontismo e continuava, pelos anos 80 fora, a marcar a política concorrente mas ideologicamente idêntica de progressistas e regeneradores.* In FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. 1997, op. cit., p. 67

³³ CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. DMPRGU. Departamento de Planeamento e Reabilitação Urbana – *Colina de Santana - Documento Estratégico de Intervenção*. 2013, op. cit.

³⁴ INÊS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*. 2013, op. cit., p. 81

³⁵ (...) *as grandes unidades cadastrais funcionaram durante muito tempo como travões à relação da colina com a cidade (...).*

régua e esquadro. Os sucessivos encontros mal resolvidos reforçam o carácter inusitado dos espaços resultantes, reiterando de forma cada vez mais intensa a *heterogeneidade* que identifica este troço de cidade.

Seguramente, o domínio destas grandes unidades atravessa a história da Colina como principal responsável pela sua *identidade*, tal como se tem vindo a defender. A força indómita dos seus muros fez com que sobrevivessem às mais importantes estratégias de planeamento, perdurando num tempo sempre incerto – é como se a cidade tivesse crescido à sua volta, reconstituindo-os como *centros de si próprios*.

Posto isto, não será difícil admitir que firmeza do *gesto arquitectónico* permitiu, mais uma vez, que se *fizesse frente* a uma crescente pressão sobre os solos urbanos, sobretudo a partir do século XX; por seu turno, as inúmeras possibilidades de desenvolvimento que se adivinhavam para estes lugares, acabaram por se traduzir numa sobredeterminação interna muito expressiva, consequência da ‘ocupação hospitalar’ que os foi preenchendo de forma mais ou menos despropositada.

Não restarão dúvidas sobre a representatividade que a vocação hospitalar trouxe à Colina de Sant’Ana; no entanto, tudo isto se discute agora enquanto *património* a ser fruído pelo homem. Com efeito, subsistem nestes lugares qualidades de um presente enraizado no passado, que decorrem

Muitos séculos mais tarde, será a topografia e a cerca do Convento de Rilhafoles a impedir que haja avanços de outras lógicas urbanas por dentro da colina de Santana. Na reconstrução Pombalina, a malha que Mardel propõe para a expansão Norte da cidade é travada por esta grande unidade cadastral, assim como virá a ser alguns séculos mais tarde aquando do Plano de Melhoramentos de Ressano Garcia. De facto, dos arruamentos no sentido Norte-Sul que são propostos existem ainda hoje duas ruas não resolvidas, que terminam no muro de limite da cerca do hospital. (...)

De certa forma, a cerca dos Capuchos terá constituído ainda um terceiro travão, resolvido desta feita anos mais tarde com o atravessamento da cerca conventual e o destacamento de uma parcela de terreno para a implantação do Jardim de Santo António dos Capuchos. Este espaço verde é aliás antes de mais o modo encontrado para resolver a diferenças de cota que resultam deste encontro de traçados urbanos, que obrigou ainda a uma ligeira inflexão da Luciano Cordeiro no seu curso para o Campo Santana. INÊS LOBO ARQUITECTOS – Estudo Urbano da Colina de Santana, 2013, op. cit., p. 85

principalmente da sua capacidade intrínseca em estabelecer, desde a sua origem, uma espacialidade própria – são como *heterotopias* na cidade.³⁶ Na sua *alteridade*, os ‘grandes lugares’ da Colina de Sant’Ana parecem repousar-se sobre si mesmos – *sobre o seu modo de ser*.

*

No seio deste conhecimento adquirido, reflectir-se-á sobre a especificidade do lugar de Santo António dos Capuchos, objecto do trabalho.

³⁶ Sobre o conceito de *heterotopia*, atente-se para a interpretação que Teysot faz das palavras de Michel Foucault: *Existem, diz-nos ele [Foucault], “espaços reais e efectivos que são delineados na própria instituição da sociedade, mas que constituem uma espécie de contra-arranjo, de utopia efectivamente compreendida, nos quais todos os verdadeiros arranjos, todos os outros verdadeiros arranjos que podem encontrar-se dentro da sociedade, estão representados a um único e mesmo tempo, desafiados e subvertidos: uma espécie de lugar que fica fora de todos os lugares mas que é, todavia, localizável. Em contraste com as utopias, estes lugares, que são absolutamente “outros” em relação a todos os arranjos que eles reflectem e dos quais falam, deveriam ser descritos como heterotopias.”* Deste modo o termo adquire um significado duplo – espacial e temporal. Significa uma “descontinuidade” no tempo, uma interrupção de ordens, uma súbita ruptura dentro da ordem do “conhecimento” e – ao mesmo tempo – um lugar heterogéneo destacado, disposto contra o fundo do continuum espacial. TEYSSOT, Georges – *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 33-34

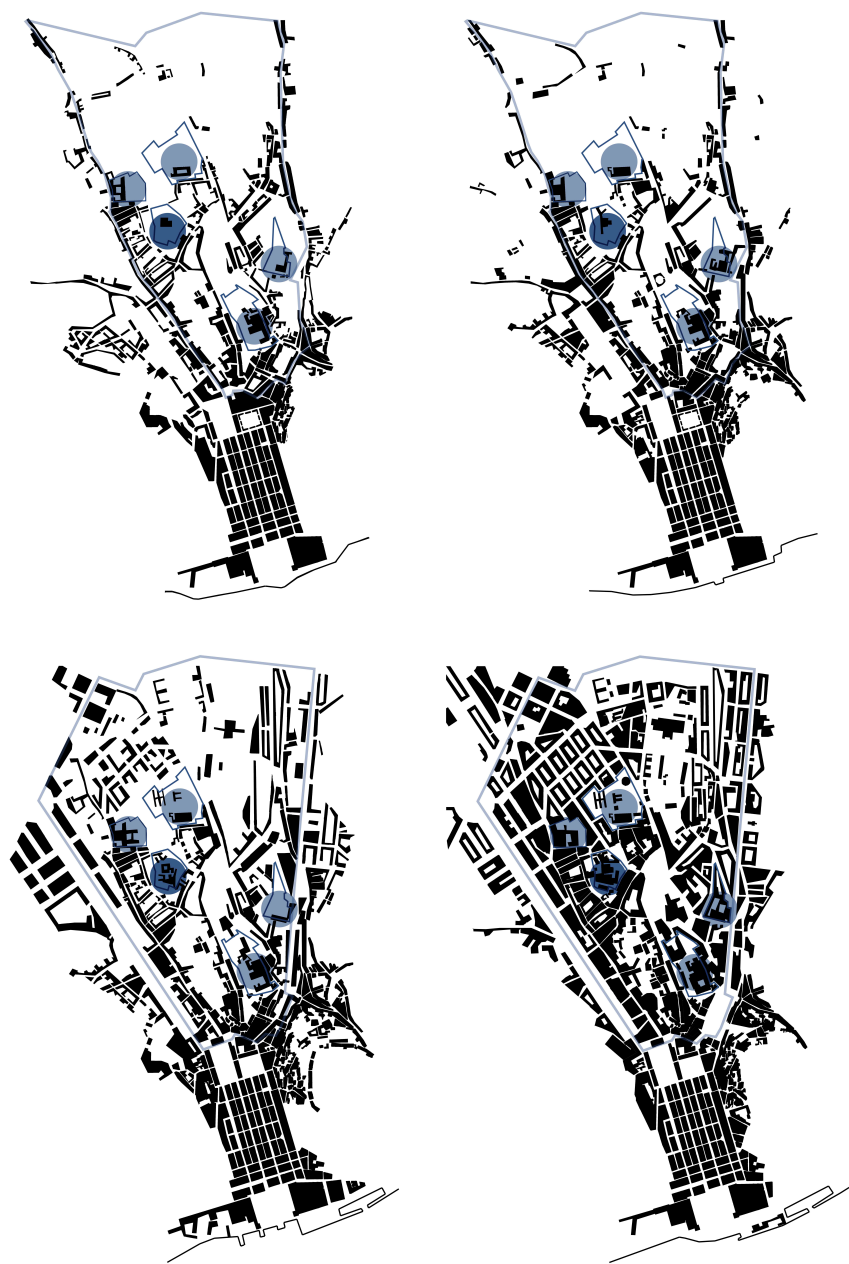


Figura 4 Evolução da Colina de Sant'Ana: século XVIII, século XIX, século XX, século XXI

CAPÍTULO III
_o lugar de Santo António dos Capuchos

But inasmuch as any entity within-the-world is likewise in space, its spatiality will have an ontological connection with the world. We must therefore determine in what sense space is a constituent for that world which has in turn been characterized as an item in the structure of Being-in-the-world. In particular we must show how the aroundness of the environment, the specific spatiality of entities encountered in the environment, is founded upon the worldhood of the world, while contrariwise the world, on its part, is not present-at-hand in space.³⁷

The world grants to things their presence. Things bear world. They penetrate each other. The two traverse a middle. In it, they are at one.³⁸

Martin Heidegger

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.³⁹

Maurice Merleau-Ponty

O ambiente que nos rodeia compõe-se de um conjunto de entidades *dentro-do-mundo* que se consagram no espaço. A ideia de espacialidade flui,

³⁷ HEIDEGGER, Martin – *Being and Time*. Oxford: Blackwell, 1962, p. 134-135

³⁸ HEIDEGGER, Martin, 1971, cit. in NORBERG-SCHULZ, Christian – *Kahn, Heidegger and the Language of Architecture*. In *Oppositions* 18. Massachusetts: MIT Press, 1979, p. 37

³⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 6

desta forma, do próprio mundo enquanto estrutura essencial (aquilo que Heidegger designaria *Weltlichkeit*⁴⁰), pelo que qualquer lugar inaugura, necessariamente, uma união ontológica com o mundo – é um *ser-no-mundo*. Nesse sentido, qualquer tentativa de reconhecer um lugar enquanto tal, terá como ponto de partida o diálogo que se constrói entre a *Terra*, o *Céu* e o *Homem*⁴¹, mergulhando em profundidade sobre o seu significado enquanto entidade concreta.

Interessa-nos, posto isto, reconstituir a espacialidade do lugar através de uma linguagem da arquitectura que ponha em causa os seus conteúdos mais significativos, isto é, que o eleja enquanto *fenómeno* no espaço e no tempo.

Só assim nos capacitaremos do seu valor e, conseqüentemente, daquilo que devemos defender como princípio no diálogo que travaremos com o lugar.

Certamente que a compreensão plena de um lugar, tal como Heidegger o enuncia, extravasa aquilo que são as suas propriedades físicas imediatas. A forma, *de per si*, é apenas o invólucro por onde passa a *experiência* – será esta que nos ligará ao *mundo*.⁴² A importância da experiência do lugar terá aqui o

⁴⁰ In *Being and Time* he [Heidegger] describes the world as a multitude of “entities” which are understood in the light of an essential “worldhood” (*Weltlichkeit*), that is, a Being of the entities. NORBERG-SCHULZ, Christian – Kahn, *Heidegger and the Language of Architecture*, 1979, op. cit., p. 36

⁴¹ Of particular interest too is Heidegger’s definition of “spatiality”. (...) In his later writings Heidegger solves the problem, defining space in terms of earth and sky, that is, as an interrelation of the concrete places which are present between earth and sky. To Heidegger “space” is therefore not an abstract, mathematical concept, but a concrete structure within the world. NORBERG-SCHULZ, Christian – Kahn, *Heidegger and the Language of Architecture*, 1979, op. cit., p. 36-37

⁴² Também Fernando Távora atesta a importância da experiência na leitura de um lugar: (...) a compreensão total de uma forma será tanto mais perfeita quanto mais se transforme em vivência, na medida em que se identifiquem forma e observador, pois que um processo intelectual de pura análise não é suficiente para a obtenção total do espírito de qualquer forma, ainda que possa constituir veículo de aproximação.

A forma mais compreensível para o observador será assim aquela que melhor o retrate, aquela com que ele mais se identifique, aquela que ele conheça por conaturalidade, isto é por existência de uma natureza comum. TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP, 2006, p. 22

seu motivo, que encontra eco nas nossas inquietações iniciais, deparados com um problema de Arquitectura.

Na procura do lugar, confrontar-nos-emos, portanto, com tudo aquilo que recaia sobre o sentido da sua experiência, isto é, com os aspectos que determinam a *circunstância* da qual somos convidados a fazer parte.⁴³

a. Encontro com o lugar

*Mas sigamos ao nosso destino.*⁴⁴

O sítio de Santo António dos Capuchos insere-se numa lógica territorial de sucessivos pontos-altos que desenham uma linha de festo (geográfica mas também institucional⁴⁵) ao longo da Colina de Sant'Ana. Trata-se, como já vimos, de um lugar de excepção.

Localizado no topo da encosta poente da Colina, entre a grande superfície do Campo Mártires da Pátria e as malhas apertadas que caem sobre o vale, o lugar é envolvido por traçados de diferente carácter, acentuando o contraste de escalas que se faz sentir em Sant'Ana. O sítio de Santo António dos Capuchos tem, por isso, várias frentes, cada uma com a sua própria urbanidade.⁴⁶

⁴³ A esse conjunto de factores naturais e humanos (...), daremos o nome de «circunstância»; sendo assim «circunstância», pelo próprio significado da palavra, será aquele conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser. TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*, 2006, op. cit.

⁴⁴ ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*, 1993, op. cit., p. 40

⁴⁵ Os pontos-altos de Sant'Ana, tal como na generalidade da cidade, albergam uma sucessão de edifícios relevantes sócio-culturalmente. A sua representatividade ultrapassa, por isso, a sua circunstância geográfica, adquirindo um importante sentido institucional, diríamos até simbólico, que não passa despercebido na nossa relação com a cidade e com os próprios lugares.

⁴⁶ Referimo-nos a urbanidade enquanto ambiência ou atmosfera.



Figura 5 Vista aérea (nascente-poente) sobre Santo António dos Capuchos

Do ponto de vista topológico, constitui-se como grande plataforma de nível, cercada em praticamente todo o seu perímetro, rompendo-se a cerca num único momento de ligação com o contexto. É como uma península rodeada de cidade, cujo istmo é a porta de entrada no lugar.

A variação acentuada de cota entre o extremo nascente e o extremo poente do lugar, faz deste tabuleiro um inesperado promontório, que recai discretamente sobre o Bairro do Andaluz, de olhos postos na cidade.

A morfologia do lugar é quase diagramática: duas superfícies de nível com um intervalo de oito metros definem com clareza dois patamares, sendo que o superior alberga a maior parte das construções, como que uma cidadela delimitada por um caminho de ronda. Ainda um terceiro nível, mais elevado, que no entanto parece já afastado das dinâmicas do lugar.

Este sítio de limites bem definidos do ponto de vista topográfico, não funciona, contudo, enquanto unidade tipológica, sendo que o seu interior é caracterizado pelo agrupamento compacto de construções de vários tipos, impondo-se umas sobre as outras, de forma aparentemente aleatória.

Não haverá dúvidas sobre a pesada influência que o programa hospitalar tem sobre o lugar, povoado por uma série de pavilhões que vão respondendo à crescente carência de espaço. No seu conjunto, são construções de forte impacto ambiental, no que diz respeito à apropriação abusiva de estruturas pré-existentes, com demolições, adaptações e acrescentos sucessivos no tempo. As suas implantações reclamam a maior parte da área disponível dentro da cerca, deixando apenas espaço para que seja possível aceder ao interior, ou para que se possa circular por entre os respectivos serviços. A sobreposição de linguagens arquitectónicas⁴⁷, que vão desde a fachada maneirista da igreja ao armazém revestido a chapa perfilada, criam situações de um anacronismo desconcertante, cujo resultado final não escapa a um sentimento de desumanização generalizado. Os restantes espaços não construídos não serão

⁴⁷ Não fazemos, aqui, um juízo de valor acerca da qualidade artística destes edifícios. Apenas nos referimos às suas propriedades formais aparentes.

mais do que aquilo que restou da demanda hospitalar, contribuindo para a atmosfera certamente insólita que hoje distingue o lugar.

Em suma, Santo António dos Capuchos é como um palimpsesto⁴⁸ – a descoberta deste lugar será, numa primeira instância, um exercício de desconstrução das camadas pelas quais subsiste o lugar, reencontrando qualidades refreadas pelo tempo e pelas circunstâncias, e descobrindo aquelas que ainda ecoam no cerne da sua experiência.

⁴⁸ Papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior, que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito.



Figura 6 *Palimpsesto*

b. História

Quer se trate de uma coisa percebida, de um acontecimento histórico ou de uma doutrina, "compreender" é reapoderar-se da intenção total — não apenas aquilo que são para a representação as "propriedades" da coisa percebida, a poeira dos "fatos históricos", as "idéias" introduzidas pela doutrina —, mas a maneira única de existir que se exprime nas propriedades da pedra, do vidro ou do pedaço de cerca, em todos os fatos de uma revolução, em todos os pensamentos de um filósofo. Em cada civilização, trata-se de reencontrar a Idéia no sentido hegeliano, quer dizer, não uma lei do tipo físico-matemático, acessível ao pensamento objetivo, mas a fórmula de um comportamento único em relação ao outro, à Natureza, ao tempo e à morte, uma certa maneira de pôr forma no mundo que o historiador deve ser capaz de retomar e de assumir. Essas são as dimensões da história.⁴⁹

Recorrer à história é o primeiro passo na tentativa de compreender Santo António dos Capuchos. A sedimentação de tempos e vontades que se imprimem num determinado lugar é sempre um problema de difícil resolução, sobretudo se recusarmos uma leitura meramente historiográfica, a favor de uma procura identitária.

Construindo uma intriga à volta do lugar, uma estrutura amplamente transformada durante séculos de existência, reencontraremos significados presentes e sentidos perdidos, recuperando pontos de vista críticos sobre a preexistência, que nos darão pistas valiosas sobre possibilidades de aproximação ao conteúdo existencial de Santo António dos Capuchos.

Na verdade, a história não será aqui como um substituto da experiência, mas antes a construção de uma narrativa que nos localize num lugar que nos aparece *difícil de digerir*. O mergulhar na história é, portanto, um primeira forma

⁴⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*, 1996, op. cit., p. 16

de enfrentar o palimpsesto, redireccionando-nos o olhar num contexto caracterizado por uma carência muito grande de *referências*. No fundo, o presente exercício não servirá para mais do que para *pôr em evidência*.

- **Antecedentes**

No panorama religioso, os séculos XIII e XIV são dominados pelo advento das ordens mendicantes, das quais se destaca, com maior relevo, a congregação dos chamados *frades menores* ou *franciscanos* – discípulos dos ensinamentos e prática espiritual de São Francisco de Assis.⁵⁰

Conduzidos por um ímpeto reformista, os frades mendicantes descobriam novas formas de espiritualidade, aproximando-se de forma inédita a uma realidade social em mudança e opondo-se fortemente ao velho monasticismo das ordens religiosas.

Estes *mendigos* são, por isso, a expressão indómita de uma revolta interna daqueles que já não encontravam nas instituições religiosas o sentido original dado pelos seus fundadores, pervertido por um sistema feudal centralizado em questões distantes dos tão aclamados desígnios de pureza evangélica, até mesmo dentro dos próprios mosteiros.

Renunciando ao *statu quo*, este grupo de irmãos assumia o regresso à *pobreza profunda*, aderindo à imagem de Jesus e do seu despojamento, num desejo vigoroso de encarnar os seus episódios de vida, a sua personalidade e, naturalmente, as suas virtudes. Esta devoção indefectível à figura de Jesus-Homem, caracteriza definitivamente a espiritualidade franciscana, cujo principal emblema viria a ser a *humanização da divindade*.⁵¹ De facto, o exemplo de Jesus

⁵⁰ 1182-1226

⁵¹ *Dá-se, por isso, uma humanização da divindade, uma aproximação à realidade quotidiana, uma popularização e uma familiarização que contorna a terribilidade do Deus Pantocrator e castigador para a complementar com a (e, às vezes, substituir pela) visão de um Jesus sofredor, que se sacrificou pelos homens (...). Daí que a adoração dos instrumentos da Paixão de Cristo, (...) reflecte concretamente a escala do sofrimento dos homens se medida com o sofrimento de Jesus,*

é resgatado pelos franciscanos como potencial modo de vida para o homem, destinado a reencontrar na sua *praxis* uma forma de união com o divino.

Encorajados pela *poesia* de Francisco, procuravam, assim, sensibilizar para as vantagens de um *modus vivendi* profundamente cristão, isto é, a *imitação* de Cristo como projecto de vida, privilégio até então reivindicado pelos monges, resguardados dos olhares do mundo. Não será por isso de estranhar a popularidade desta ordem religiosa, que se acercava do homem comum, remetendo para o concreto das suas vidas aquilo que de mais profundo existia nas Escrituras.⁵²

A convicção de que o vislumbre do divino seria algo tangível, aqui, no mundo, trazia consigo a abertura da experiência religiosa, que assim extravasava as velhas muralhas do mosteiro, fechado ao mundo impuro, e se abria aos dons da natureza e do mundo criado – o sublime alcançável a quem o quisesse *contemplar*. Com efeito, o reconhecimento da presença de Deus na Terra, revela uma certa *extroversão* da espiritualidade franciscana, que se desdobrava no contexto físico e não só no espiritual, privilegiando experiências como a comunhão com o espaço natural, reconhecendo-lhe uma qualidade catequética.⁵³

O lugar do sagrado assume, definitivamente, uma nova condição, factor que será estruturante na proliferação desta ordem pelo território e na construção

humanizando-o. PEREIRA, Paulo – *Da Ordem de São Francisco aos Franciscanos Reformados*. Texto cedido pelo autor

⁵² Por sua vez, os *sermões franciscanos* (...), desde o século XIII a XV, ou as *cantigas e laudes* de teor religioso não fazem mais senão acentuar esta vertente de acessibilidade do entendimento do “mundo”, oferecendo de uma forma sistemática e exemplificativa – remetendo para o concreto – aquilo que as Escrituras possuirão de mais profundo significado. PEREIRA, Paulo – *Da Ordem de São Francisco aos Franciscanos Reformados*, op. cit.

⁵³ Os *princípios franciscanos* conduzem-nos ao reconhecimento, na Natureza, da própria presença divina, tudo nela sendo um sinal de Deus, transportando, de forma que se pode considerar radical, a ideia de comunhão entre o espaço aberto e livre da Natureza e um Deus amorável, um Jesus humano e próximo, um “doce Senhor”. PEREIRA, Paulo – *Da Ordem de São Francisco aos Franciscanos Reformados*, op. cit.

do seu ideário artístico-cultural, nomeadamente no que diz respeito ao programa arquitectónico.

Mais tarde, já no início do século XVI, as aceras disputas sobre a observância da *Regra* original de São Francisco de Assis e dos seus princípios de absoluta pobreza, dividiam os franciscanos entre *Conventuais* e *Observantes*, defendendo os últimos um modo de existência por certo reformista (dentro da própria reforma), postulando um retorno vigoroso ao rigor primitivo, que consideravam perdido pela institucionalização da Regra ao longo dos séculos. Destes, surge o movimento dos *Frades Capuchos*.⁵⁴

A vontade de reviver as experiências do *poverello* de Assis relegava estes frades para pequenos eremitérios, construídos em locais recônditos, onde privilegiavam o retiro e a entrega a uma vida contemplativa, filiando-se à mais estrita austeridade e pobreza, virtudes essas que se estendiam à exiguidade das suas *casas*.

Os Capuchos são, todavia, um caso interessante: guardiões da Regra de Assis, entregues a uma vida contemplativa, que contudo souberam inteirar-se de um sentido de humanidade muito grande. A estrita observância não seria, por isso, um refúgio ideológico para estes homens, mas sim uma capacidade de *compromisso*, certamente que pela necessidade de sobrevivência, mas também pela simplicidade em reconhecer naquilo que professavam uma evidente função cívica, um valor social aberto a todos.

A espiritualidade capucha reflecte-se, ulteriormente, num património intenso que testemunha a ampla disseminação da ordem pelo território. Em Portugal, as várias Províncias, ainda que com as suas próprias particularidades, partilham um registo arquitectónico em muito semelhante, inspirado seguramente por

⁵⁴ Em Portugal, a Estrita Observância Capucha distribuiu-se em cinco províncias: Província da Piedade (1517/1518), Província da Arrábida (1560), *Província de Santo António* (1568), Província da Soledade (1673) e Província da Conceição (1705/1706).

aquilo que podemos denominar como *tema* capucho, que não será mais do que a expressão física da sua espiritualidade. Falamos, aqui, do *modo capucho*.⁵⁵

*

Dos factores que caracterizam o modo de ser capucho, a distribuição geográfica é, porventura, o mais importante. Há, com efeito, uma ideia geográfica na sua espiritualidade, que tem como princípio a dualidade entre um necessário *recolhimento* e a suficiente *proximidade* com contexto social do qual farão parte integrante, enquanto entidade religiosa. Na verdade, a generalidade das implantações capuchas, a partir do século XVI, procura uma relação calibrada entre o mundo natural e os centros urbanos, que se formaliza na morfologia do convento através de dispositivos arquitectónicos que enquadram esta dupla necessidade.⁵⁶ A escolha do sítio é, por isso, o primeiro acto de conformação do seu *ambiente*, através de uma leitura crítica do território –

⁵⁵ Existe, entre outras muitas referências interessantes a um modo capucho utilizado e seguido nas casas das Províncias capuchas, uma relativa ao convento antonino de Tancos, em 1579, sendo provincial Frei Jorge de Santiago, em que surge a referência à obra ao modo da nossa (ordem) capucha. AMORIM, Maria Adelina – *A Missionaçãõ Franciscana no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1622-1750): Agentes, Estruturas e Dinâmica*. Lisboa: FLUL, 2011. Tese de Doutoramento. Volume I, p. 188

⁵⁶ Inseridos na “órbita territorial” da cidade, os primeiros conventos capuchos integravam a estrutura que definia a relação do núcleo urbano com o espaço natural, actuando como pontos de referência num vasto território que identificavam e relacionavam com a cidade. Neste sentido, estes conventos articulavam-se tanto com os elementos da paisagem natural como com as estruturas urbanas. Procuravam integrar-se, de forma harmoniosa, com a sua envolvente natural (em especial com a água, o verde e as vistas) ao mesmo tempo, que se afirmavam como espaço construído relacionado com a cidade. Não só em termos visuais (destacando-se no vasto território livre que envolvia os núcleos urbanos), como em termos físicos (localizando-se numa das suas vias de acesso), ou ainda, no âmbito social (visto que os frades participavam frequentemente nas actividades religiosas da cidade). AMORIM, Maria Adelina – *A Missionaçãõ Franciscana no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1622-1750): Agentes, Estruturas e Dinâmica*, 2011, op. cit., p. 165

físico, social e espiritual – interpretando a topografia e a morfologia como veículos naturais da sua mensagem e até da estética do seu modo de vida.

(...) *dos elementos a terra he o mais baixo porém o mais seguro; alto está o ar, e mais alto o fogo, porém nenhum delles dá fruto; as fragosas serras e outeiros altos não são de proveito, os humildes valles são os que se lavrão, e os que se estimão.*⁵⁷

Veja-se como a orografia do território é um princípio estruturante na implantação dos conventos capuchos, que frequentemente se estabelecem em vales, cuja *forma côncava, semelhante à cova onde se acoitara o primeiro ermitão, era a mais receptiva às influências celestes e a mais adequada à protecção e ao recolhimento; ao mesmo tempo, era também sinónimo de humildade, virtude considerada fundamental para o exercício de todas as outras.*⁵⁸

Esta postura retrata bem a importância dada ao lugar, tido como *fenómeno* a ser experienciado e a fazer parte da transformação espiritual. É, no fundo, o reconhecimento das qualidades pedagógicas do contexto paisagístico onde se inserem, que encontra o seu princípio na própria ideia de São Francisco de Assis sobre a construção de um conhecimento através de uma *relação afectiva* com o mundo.⁵⁹

A afectividade é, portanto, o ponto de partida para a cumplicidade entre os conventos capuchos e a paisagem que os rodeia, bem como com os elementos naturais, como a água, a vegetação ou as vistas, integradas na cerca como estímulos à contemplação, ritualizando estas vivências como parte de um *quotidiano capucho*. Existe, por isso, uma adaptação do programa construtivo às

⁵⁷ MONFORTE, Frei Manoel de In MEDINAS, Victor – *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*. Lisboa: FCSH-UNL, 1994. Tese de Mestrado. Volume I, p. 41

⁵⁸ XAVIER, António Manuel – *Das Cercas dos Conventos Capuchos Da Província da Soledade*. Editora Licome: 2011, p. 41

⁵⁹ Sobre a espiritualidade de São Francisco de Assis ver VILLER, Marcel – *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique: Doctrine et Histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1937-1995. Volume 5, p. 1271-1303

características morfológicas e socioculturais autóctones, o que denuncia o carácter pouco impositivo destas construções, que se fazem servir da preexistência para reiterar os próprios contornos da sua espiritualidade.⁶⁰

As empatias que a arquitectura estabelece com o sítio contribuem seguramente para o efeito virtuoso que a fundação destes conventos tem sobre o território.

Com efeito, a *pequenez* das edificações e o seu sentido geral de abnegação assumem-se como um manifesto espiritual que se imprime sobre o território, um manifesto das *virtudes seráficas*, da simplicidade e do despojamento – um despojamento do material sobre o essencial, mas também um *despojamento de si*.⁶¹

Esta *condição-de-ser-capucho* reveste não só as fachadas, como o interior das suas celas, que não servirão para mais do que *fazer-sentir* a dureza da sua busca espiritual. A arquitectura é, por fim, o corpo que acolhe vigorosamente esta urgência de sentir, de tomar real os apelos do espírito.

A atmosfera do convento constituía-se como veículo primeiro de uma mensagem poética, obrigando-se os frades a uma exigentíssima conformação das suas arquitecturas à imagem do seu modo de vida – o *resplandecer* da

⁶⁰ Efectivamente, a sua materialização prática e individualizada obedecia e respondia à natureza e alteridade das localidades de morada dos “irmãos menores”: topografia, orientação artística, adaptação eficiente às possibilidades materiais e humanas e às necessidades correntes, influências socioculturais e políticas, enquadramento económico (...). Desde logo, a prerrogativa de os frades poderem harmonizar, em contribuição permutada e integradora, as exigências do ideal da Ordem (*zelare sacratissimam paupertatem*) com as múltiplas realidades e oportunidades da tradição e da cultura dos sítios de implantação e da época de pertença (*secundum loci conditionem*). JORGE, Virgolino Ferreira – *As Igrejas Medievais dos Franciscanos em Portugal: Síntese de Caracterização Tipomorfológica*. Lisboa: Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 2011, p. 7

⁶¹ Tome-se, como exemplo, os conventos da Província da Piedade: *Ao aproximarmo-nos de qualquer convento capucho da Província da Piedade deparamos com uma massa volumétrica semelhante a um paralelepípedo conjugado com um “meio cubo”. Esta volumetria “alva” impõe-se na paisagem revelando uma austera “casa” e denunciando um rigor “simples e humilde” daqueles que a habitavam*. MEDINAS, Víctor – *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*, 1994, op. cit., p.113

indigência. Há, na verdade, qualquer coisa de *hierofânico* na arquitectura capucha, sobretudo nas suas primeiras manifestações, que *trazem à luz* uma pureza ascética quase que auto-evidente.⁶²

A pobreza com que se revestem as suas construções significa, por isso, uma necessidade de coerência entre o sujeito e a forma e nunca um abandono ao fortuito, tal é o desejo de continuidade entre a essência e a existência. Não há lugar para a *arbitrariedade* no apanágio capucho, mas sim para uma subordinação da matéria ao espírito, que reclame a expressão viva de uma possibilidade de *ser no mundo*.

*

O processo de *conventualidade* da ordem, tendência que se veio a reforçar desde o Concílio de Trento, como já vimos, aproximara progressivamente as casas capuchas das grandes cidades.⁶³ A repetição dos mesmos modelos de organização espacial torna-se uma constante, privilegiando-se a distribuição em torno de um pequeno claustro agarrado ao chão, em que um dos lados acolhe o templo e os restantes as várias repartições do convento, destacando-se esporadicamente desta quadra pequenos corpos que prescindem da ambiência claustral, albergando funções geralmente exteriores ao ritual litúrgico.

Contudo, é notória a forma como esta morfologia arquetípica adquire as feições do contexto onde se insere, respondendo a uma necessidade em tudo mais importante que o cumprimento de um modelo arquitectónico: a do diálogo com o lugar. É em muitos destes conventos capuchos que conseguimos apreciar o verdadeiro alcance que a evolução da sua espiritualidade teve no património arquitectónico, caracterizado pela subtileza com que as implantações convocam simultaneamente os dois grandes motivos da sua

⁶² São disto exemplo os conventos capuchos de Santa Maria da Arrábida e Santa Cruz de Sintra, lugares de uma pobreza e austeridade irrestritas, de um fervor ascético e pendor contemplativo.

⁶³ Ver nota de rodapé 21, Capítulo II, p. 19

existência – a *acção* e a *contemplação* – duas faces da mesma moeda reunidas numa unidade notável.

Será este o caso de Santo António dos Capuchos de Lisboa, *casa-mãe* da Província de Santo António.

- **Primeiras pedras**

Entre elles (não sem grãde controversia das mais Provincias Franciscanas) este de S. Antonio no remate de cãpo de S. Anna, cuja cerca fica eminente ao valle, que corre d'Annunciada por S. Ioseph até S. Martha, freguesia a que pertence; & assi goza de mui alegre orizonte, pois della se descobre (demais de grande parte da cidade) os dilatados montes, i extendidas cãpinas, que lhe ficão ao Occidente, logrando hũa das principaes vistas da cidade. O qual convento por industria do ditto Provincial, & de outros graves religiosos começou em 1570, com esmolos del Rei, & de pessoas devotas; onde habitão 36 religiosos com grande consolação, & spiritual proveito de toda esta Corte.⁶⁴

⁶⁴ CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante/ composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade.* Lisboa: Officina Craesbekiana, 1752. Tomo I, p. 187

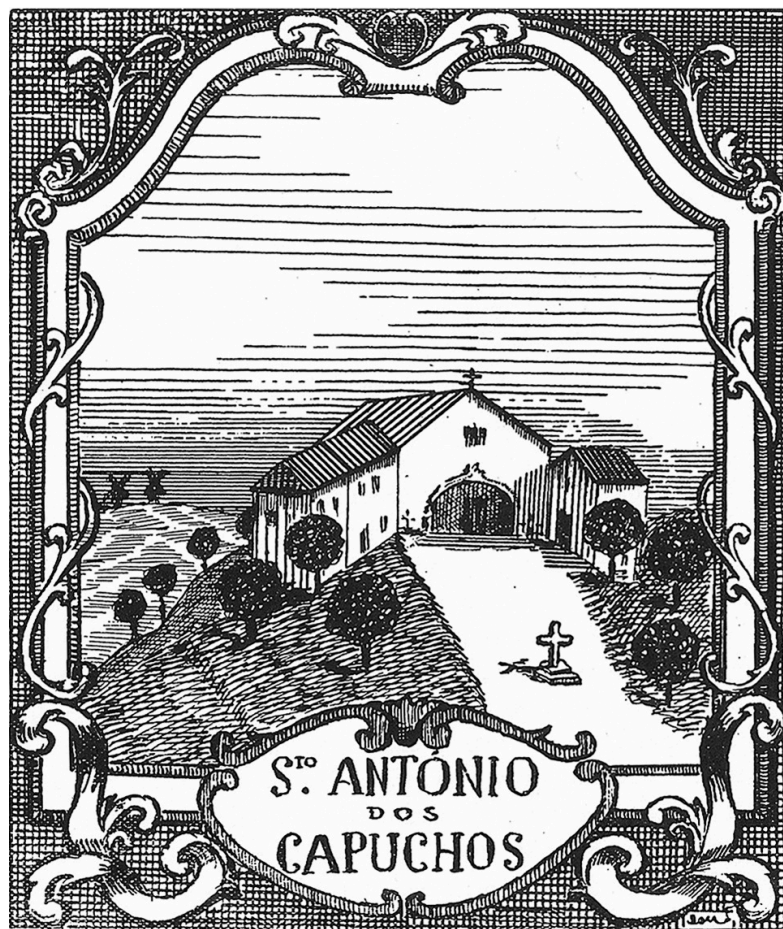


Figura 7 S^{to}. Ant3nio dos Capuchos

Ainda sacudido pela peste que arrasara a cidade nos anos anteriores, o Convento de Santo António de Lisboa surge da necessidade de criar uma Casa de Saúde, aberta ao acolhimento dos frades enfermos e daqueles que a visitassem.⁶⁵

A escolha do sítio para edificar este convento, recaía não só sobre a especificidade do programa, mas principalmente sobre a influência que teria sobre o território que o acolhesse, enquanto centro de espiritualidade e vida religiosa. Paralelamente, a necessidade de se estabelecerem num lugar que cumprisse a sua vocação espiritual, rematava o conjunto de premissas que antecederiam a construção do convento.

Sant'Ana reunia, assim, as condições ideais para a implantação do convento: entre dois amplos vales, nos desertificados arrabaldes da cidade, estabelecia-se uma população marginalizada, à espera do efeito purificador que um convento teria sobre o seu modo de vida.⁶⁶

⁶⁵ *Charissimos Irmãos, foy Deus servido por-me neste lugar, que indignamente occupo, e quizera nelle, como em todas as minhas acções, agradecer a Deos, e servir a V. CC. Com os olhos no bem commum lhes proponho o quanto nos será conveniente fundar-mos em Lisboa huma Enfermaria com alguns commodos de Convento para curar-mos os nossos Irmãos, e agasalhar-mos os que forem àquella Cidade, o que será preciso muitas vezes, porque para huma e outra cousa temos a necessidade manifesta, na pobreza das terras, distancia dos povos, e falta de Medicos, o que tudo póde supprir uma Corte tão grande, onde os Reys são pios, os Fidalgos devotos, e tudo o mais à sua imitação com grande piedade. AMOR DE DEUS, Frei Martinho do, O.F.M. – Escola de Penitencia, Caminho de Perfeiçã. Estrada Segura Para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, No Instituto Capucho neste Reyno de Portugal. Lisboa Occidental: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1740, p. 462*

⁶⁶ *E bem o mostrou a experiencia do sitio, que se escolheu, e na boa vontade, com que os donos liberalmente o deraõ; querendo assim mostrar a Providencia, que escolhia para os Altares dos mais obsequiosos sacrificios aquelles lugares, em que a malicia humana se exercitava nas mayores torpezas. Por onde podemos chamar a este Convento, Templo de Concordia com mais razaõ, do que àquelle, que edificou Tiberio Cesar no Monte Palatino; porque se aquelle significa a concordia, e paz entre os homens com os mesmos homens, este Convento de Santo Antonio nos vaticina, e segura a paz de Deos para com todos os homens. E não houve açcaõ, ou movimento, em que claramente se não visse a mão de Deos empenhada. AMOR DE DEUS, Frei Martinho do, O.F.M. – Escola de Penitencia,*

Fundado a 15 de Setembro de 1570, o Convento de Santo António de Lisboa erigia-se numa construção simples de apenas um piso, em torno de um único claustro, de dimensões modestas.⁶⁷ A sua posição sobranceira ao vale⁶⁸ criava um diálogo activo com a paisagem, tomando-a parte da experiência do convento. Já aqui falámos da importância do contexto paisagístico na vivência dos conventos capuchos, que assume particular relevância enquanto conteúdo poético. Santo António dos Capuchos é, na sua origem, um lugar *sadio e com boa vista*⁶⁹, traçada por um curso de água que escorre sobre o fundo do vale e culmina no rio. Há qualquer coisa de metafórico nesta relação aberta com a paisagem, como se houvesse uma vontade de cruzar os tempos do convento com os tempos da natureza.

Para além disso, a compreensão do efeito que a sua construção teria sobre a imagem da cidade, reiterava o potencial do pequeno convento enquanto referência a um modo de vida simples e despojado. De facto, não era apenas como o convento *via*, mas também como *era visto*. A pobreza das suas paredes seria contemplada de longe, fazendo *resplandecer* o ideal segundo o qual viviam, à vista de todos.⁷⁰

Não só do ponto de vista da imagem se fazia erguer o convento, como também o pelo seu programa religioso, que funcionaria como elemento

Caminho de Perfeiçãõ. Estrada Segura Para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, No Instituto Capucho neste Reyno de Portugal, 1740, op. cit., p. 462

⁶⁷ O convento era ainda servido por uma larga cisterna, localizada a sul do conjunto, sob um pátio de acesso à cerca.

⁶⁸ Actual Vale da Avenida da Liberdade

⁶⁹ LIMA, Durval Pires de – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, na qual se dá a notícia da fundação e dos fundadores das Instituições Religiosas, Igrejas, Capelas e Irmãndades desta cidade*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950, p. 338

⁷⁰ *Encómenda-se muyto, que nos edificios, e Obras resplandeça sempre a Santa Pobreza, que professamos, não fazendo nelles couza alguma curioza, ou superflua, pois isto mais serve de escandalizar os seculares, que de conciliar a sua devoçãõ. Estatutos da Provincia de S. Antonio dos Capuchos do Reyno de Portugal (...)*. Lisboa Occidental: Officina da Congregaçam do Oratorio, 1737, p. 55

aglutinador da população que habitava os bairros limítrofes – uma *mãe applicando o peito aos filhos*⁷¹. A predisposição ao contributo cívico era, nestes frades de Lisboa, um dos traços da sua espiritualidade que participava activamente no desenho e conformação do convento.

A existência de dispositivos de reencontro com os seculares, encontrava o seu expoente máximo na alameda de acesso ao convento: cercado em todo o seu perímetro, rompia-se o muro num frondoso eixo de ligação entre a cidade e o templo – um percurso levemente ascendente, ladeado de árvores silvestres, que convidava o homem a estabelecer-se e a fazer parte do *lugar sagrado*, ainda que por breves momentos.^{72 73}

⁷¹ AMOR DE DEUS, Frei Martinho do, O.F.M. – *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição. Estrada Segura Para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, No Instituto Capucho neste Reyno de Portugal*, 1740, op. cit., p. 469

⁷² Recaia-se sobre a descrição da alameda: *E supposto que aos olhos dos moradores de Lisboa he patente a lameda, que enfeita a entrada para o Convento; he razaõ que os que estão de longe, e não vem como ella he, se enformem; porque sendo toda em boa proporçaõ de arvores silvestres, sempre he vistosa, e na solidãõ deste retiro não falta materia, por onde os homens entrem a contemplar em qualquer das estações do tempo, ou quando na Primavera se vestem de verdes folhas, e recebem debaixo dos seus ramos os devotos romeiros, que se vem valer das suas sombras, admirando naquelles duros troncos os officios da Divina Providencia; ou no Inverno postas no campo, como não, que nas ondas do mar fluctua sem vèlas, e sem remos, porque já sem folhas, e sem ramos levando a pè quedo os açoutes dos ventos na tormenta, em que muitas vezes postas por terra, se tivessem olhos, podiaõ chorar o seu naufragio; no que se bem cuidassem os homens, bastantes motivos tinhaõ para contemplarem, e viverem com mais advertencia, porque desta sorte naufraga a vida humana, com a differença de que naquelles troncos não ha sensibilidade, e o que experimentaõ de infortunios alli acaba: e em nós o sentido moral, verdadeiro, e indubitavel he o sentir, ou o gosar sempre permanente.* AMOR DE DEUS, Frei Martinho do, O.F.M. – *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição. Estrada Segura Para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, No Instituto Capucho neste Reyno de Portugal*, 1740, op. cit., p. 491-492

⁷³ A existência de dispositivos urbanos e arquitectónicos que acolhem os seculares não é exclusiva de Santo António dos Capuchos de Lisboa. Na verdade, são em largo número os conventos capuchos que, de alguma forma, recebem a cidade nos seus braços. Tenha-se, como exemplos: a alameda do Convento de São Francisco de Orgens, a escadaria do Convento de

Todos estes aspectos seriam, certamente, da maior relevância para os frades Capuchos, que em Santo António de Lisboa prescindiram da orientação canónica do templo, para que o conjunto se pudesse adequar tanto ao seu ciclo religioso como ao espírito do lugar.

Também a arquitectura do templo não seria alheia à devoção popular, não lhe atribuindo os frades a mesma severidade que ao resto do convento, sendo inclusivamente decorado, contrastando gravemente com a exiguidade do edifício principal. A fachada da igreja compunha-se, então, por uma galilé relativamente profunda sob um arco abatido, defendida por uma grade em ferro forjado, encimada por três janelões iguais que iluminavam o coro. Uma última fresta axial inscrevia-se no frontão triangular, sustentado por robustos cunhais de blocos almofadados de cantaria que limitavam lateralmente a fachada. O seu interior era relativamente vasto, de nave única abobadada em canhão de volta perfeita, com capelas laterais intercomunicantes. O *estilo chão* da igreja, profusamente divulgado pelas edificações capuchas, remetia para uma simplicidade e rigor compositivo que parecia adequada a representar-lhes.⁷⁴ Ainda assim, os princípios da Estrita Observância não seriam nunca preteridos a favor da eloquência linguística do templo, tal era a exigência de fazer corresponder a arquitectura à sua forma de vida.⁷⁵

O mesmo princípio se estendia ao interior das celas, que construíam uma atmosfera de rigorosíssima austeridade, coroada por pequenos

Santo António de Vila Cova de Alva ou o miradouro do Convento de Santo António de Portalegre, entre outros.

⁷⁴ Atente-se para o facto da presente descrição ser relativa ao pós-terramoto de 1755.

⁷⁵ *E como os religiosos eram tam bons desejando muyto se nam diminuise em nada a pobreza e humildade que professavam, começou a aparecer [a] alguns que a traça com que se pretendia fazer a igreja era menos ajustada com a sua profissam, sobre o que se offereceram algumas duvidas (...) com que por algum tempo se vieram a suspender as obras (...).* LIMA, Durval Pires de – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, na qual se dá a notícia da fundação e dos fundadores das Instituições Religiosas, Igrejas, Capelas e Irmandades desta cidade*, 1950, op. cit., p. 340

enquadramentos de paisagem, que davam sentido contemplativo ao processo de transformação interna dos frades.

O convento seria, então, um manifesto exemplar do paradigma capucho, reunindo de forma eficiente a experiência da *reclusão* e a *aproximação* ao mundo, num sistema criterioso que formalizava os vários níveis de apropriação do lugar. No fundo, no convento e na sua cerca construíam-se ciclos – litúrgicos, poéticos, contemplativos e cerimoniais – que serviam o quotidiano tanto dos frades como dos cidadãos de Lisboa.

A origem de Santo António de Lisboa é um primeiro testemunho da sua singularidade. A dinâmica interna e externa do convento, determinada pela relação quer com o contexto próximo, quer com o contexto alargado, colocava o pequeno e modesto convento numa vasta rede de relações, atestando o seu carácter em tudo excepcional.

- **Entretempos**

*Os ventos da mudança trazida pelo liberalismo*⁷⁶, decretavam em 1834 a extinção das ordens religiosas. Até então Santo António dos Capuchos era uma casa conventual, que agora viria a conhecer novos ocupantes:

A 14 de Abril de 1836, D. Maria II cria o Asilo da Mendicidade, ordenando-se que o mesmo passe a funcionar nas instalações do velho convento. Já desprovido dos seus bens, e vilipendiado o culto, passa-se à fase de adaptação do edifício às novas funções. Os dormitórios, livraria, casa capitular, lugares de recolhimento e oração, tudo é destruído para passar a albergar outros mendicantes, destas vez, verdadeiros mendigos da rua, que

⁷⁶ ALVES, Jofre – *De Conventos a Hospitais: evolução secular dos Mosteiros de Santo António dos Capuchos e Nossa Senhora do Desterro (1570-1993)*, 1993, op. cit., p. 14

*atapetavam as ruas de Lisboa, consequência de anos de guerras, invasões, fome e destruição.*⁷⁷

Fazendo frente a uma dura realidade social, o lugar acolheria uma nova forma de indigência, desta vez recebendo nos seus braços quem pela cidade fora preterido. Santo António dos Capuchos respondia a este apelo, servindo-se da estrutura do convento e da sua cerca para dar corpo a uma nova utilização do espaço. Com efeito, as circunstâncias que tinham inspirado a fundação do primitivo convento, pareciam adequar-se mimeticamente ao programa do Asilo – um lugar protegido, com o seu próprio ritmo, no espaço e no tempo. Simultaneamente, a importância do convento para a cidade, quer enquanto símbolo institucional, quer enquanto centro de religiosidade para o homem, criava condições para aquilo que viria a ser o futuro deste lugar – o de um equipamento público.

O Asilo tomava, assim, posse do pequeno convento, trazendo consigo um conjunto de novas construções que respondiam à consequente necessidade de espaço.⁷⁸ Adossando-se à preexistência, surgia a sul do convento um grande edifício sobre a cisterna, que com ela conformava um segundo pátio, como que reproduzindo o claustro. Ainda outras construções davam início a uma lógica de expansão pavilhonar pela cerca, que contudo mantinha tanto o seu carácter produtivo, como recreativo.⁷⁹

⁷⁷ AMORIM, Maria Adelina – *A Missionaçãõ Franciscana no Estado do Grãõ-Pará e Maranhãõ (1622-1750): Agentes, Estruturas e Dinãmica*, 2011, op. cit., p. 257

⁷⁸ *Tem o Asylo seis enfermarias para asylados e asyladas, assim distribuidas: Duas para doenças agudas – duas para entrevados – duas para invalidos; – sendo regularmente de 250 a media dos existentes em todas as enfermarias. Os dormitorios para asylados, mais ou menos validos, sãõ em numero de 7 para homens e 11 para mulheres; com a capacidade precisa para cerca de 850 camas. Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa. [Lisboa]: [s.n.], [s.d.], p. 17*

⁷⁹ *Tem o Asylo tambem uma esplanada ajardinada para distracção dos asylados; junto das officinas do desfio da enxarcia dois pateos, tambem ajardinados, desfructando-se de um d'elles um panorama deslumbrante, e que servem igualmente para passeio dos asylados e asyladas, nas horas vagas ou quando querem descansar do trabalho, e duas cercas cuidadosamente cultivadas (...). Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa, [s.d.], op. cit., p. 19*

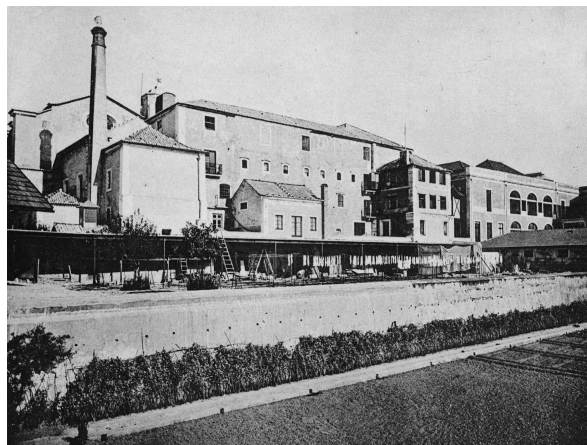


Figura 8, 9, 10 *Entrada, Fachada (Seccão das Asyladas), Seccão das Asyladas (Fachada Poente)*

Toda estas construções reconstituíam, assim, uma pequena cidade com a sua urbanidade própria, cujo carácter emergia não só dos edifícios, como dos asilados que a ocupavam. De facto, Santo António dos Capuchos consolidava-se como lugar que continha essa *marginalidade*, suportando o peso de inúmeras histórias de vida, numa espécie de reduto onde se vive um outro ensejo que não o da cidade.

A autonomização deste lugar face ao contexto urbano, libertara-o, enfim, das pressões da cidade, estabelecendo com ela um diálogo por certo cauteloso – discretamente se firmava o Asilo na dinâmica urbana, como se não quisesse ser mais do que aquilo que é. Perdurava, portanto, neste lugar, a serenidade de um abrigo, mas que não negava a relação com o mundo exterior, centrada sobretudo na oportunidade de relação com a paisagem, amplamente concretizada ainda pela ocupação conventual. Embora longe das multidões, não padecia de um desterro solitário, animando-se de um sentido de comunidade que percorria o lugar através da partilha de um modo de vida resignado entre os asilados. Até aqui parece o antigo convento ter inspirado a vivência do Asilo.

Do conjunto também faziam parte inúmeras oficinas. A importância do trabalho encontrava o seu motivo no desejo de ali se construir um ciclo produtivo, ciclo esse que começaria nas oficinas do Asilo, para depois servir a cidade, e finalmente voltar aos asilados como promessa de reconciliação com o mundo que os esqueceram.⁸⁰ No asilo não se cumpria uma sentença, mesmo para aqueles que nele viam a sua última quadra de vida – seria antes a redescoberta de uma posição na sociedade, ultrapassando uma vida de incertezas e acasos.

⁸⁰ *Entre estes figuram na primeira plana as oficinas, que se acham montadas nas melhores condições e que são as seguintes: Alfaiates, Barbeiros, Canteiros, Carpinteiros, Colxoeiros, Costura, Desfio de enxarcia, Desfio de fios, Encademadores, Funileiros, Marceneiros, Meia, Palheiros, Pintores, Polidores, Sapateiros, Serralheiros, Torneiros.*

Todas estas oficinas são servidas respectivamente por asylados ou asyladas, funcionam com regularidade e preenchem as necessidades do Asylo, com grandissima economia (...). Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa, [s.d.], op. cit., p. 13-15

E com effeito recordamos todas essas crianças que por ahi esmolam, as mulheres que se arrastam pelas ruas, os homens que esmolam, e já no pateo, lançando um olhar para essas paredes do velho convento, tivemos a impressão que as viamos dilatar-se, estender-se, tomarem-se enormes, alargando com as camaratas as cozinhas e que ali entravam todos os miseros, todos os famintos que trabalhariam na razão das suas forças e seriam alimentados como os que lá vivem na proporção das suas necessidades.⁸¹

O reconhecimento da continuidade entre o potencial do lugar, tão bem revelado pela arquitectura capucha, e o programa do Asilo, é certamente evidente. Com efeito, é um testemunho da *estabilidade*⁸² do lugar que, no tempo, abarcou novas funções que reinterpretaram as suas qualidades mais marcantes, como sendo a oportunidade criada pela cerca, ou a ligação ao contexto por intermédio da paisagem. Todavia, o Asilo de Mendicidade de Lisboa assinala o início de uma apropriação extensiva do lugar, que viria a marcar definitivamente a sua presença na imagem da cidade. Desta feita, *visto de dentro*, o lugar assumia cada vez mais as feições de uma urbanidade *importada* do mundo fora da cerca, lançando-se ruas, pátios, e superfícies ajardinadas, que pareciam querer desfazer a cisão entre o lugar sagrado e a cidade profana, defendida arduamente pelos frades capuchos. Da mesma forma, *visto de fora* o lugar perdia a resplandecência de um ideal místico, mascarado agora por um edifício do final do século XIX, que prescindia da mensagem veiculada pelo convento, para se revestir no anonimato do *espírito da época* – um entre outros. Não queremos com isto dizer que se perdia completamente o seu carácter de ponto notável. Afinal, tratava-se de um importante equipamento público, cuja escala não seria de todo ignorável,

⁸¹ *A caridade em Lisboa: Asylo de Mendicidade*. In *Ilustração Portuguesa* N°62, 9 de Janeiro de 1905, p. 151

⁸² Ver nota de rodapé 24, Capítulo II, p. 21

mesmo sob uma linguagem estilística, diríamos, menos dramática⁸³; mas sim constatar que a construção do Asilo viria a marcar profundamente a história do lugar.

- **Últimos sopros**

No início do século XX, o Asilo de Mendicidade de Lisboa é englobado nos anexos do Hospital de São José, tornando-se propriedade dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

A sua definitiva transformação em hospital não tardaria muito, fundando-se, em 1928, o actual Hospital de Santo António dos Capuchos de Lisboa.

Esta nova etapa evolutiva do lugar, parece servir-se das características morfológicas que foram inauguradas pelo convento, quase quatro séculos antes, para dar corpo ao seu programa. Com efeito, o território cercado encerra, mais uma vez, um equipamento de excepcional importância para a cidade, que encontra nos seus limites uma possibilidade de autossustentação, no seio de uma cidade que, ao longo dos anos, se foi densificando de edifícios e de *gentes*.

Para além disso, o seu contributo cívico parece também encontrar eco no passado franciscano que, lembremo-nos, lançara as primeiras pedras com o objectivo de ali construir uma Enfermaria de apoio aos seus frades, que simultaneamente viesse pacificar um território marginalizado.⁸⁴

Todavia, serão apenas estes factos que hoje aproximam os dois polos temporais, que contam a história de dois lugares amplamente distintos.

⁸³ Isto é, que não está vinculada a uma estética fortemente enraizada num ideal poético, como seria o caso da *pobreza capucha*. Não queremos com isto dizer que a imagem do convento se destacaria de forma autoritária sobre a paisagem. O seu *dramatismo* resulta precisamente do sentido de abnegação daquela arquitectura e do modo como se constituiu como elemento *pacificador*.

⁸⁴ *Gizava-se, assim, o novo destino que o Convento de Santo António dos Capuchos viria a ter. De convento a hospital, as velhas paredes continuam no cumprimento dos primitivos ideais: servir o próximo, sob os auspícios de Santo António, padroeiro.* AMORIM, Maria Adelina – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará - Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*. Lisboa: CLEPUL; CEHR, 2005, p. 66



Figura 11,12 Conferência médica na cabeceira da Doente (Visita diária) na Enfermaria do Serviço de Medicina 2 do H. de S^o António dos Capuchos em 1975, Detalhe do Hospital de S^o António dos Capuchos em 1976



Figura 13,14 *Consulta Externa do Hospital dos Capuchos em 1976, Enfermaria do Hospital dos Capuchos em 1976*

Na verdade, as construções hospitalares deram continuidade ao processo iniciado pelo Asilo de Mendicidade, fazendo um aproveitamento extensivo da superfície disponível dentro dos limites cadastrais. Novas implantações estabeleciam mais uma *casca* em torno do encurralado convento, desta feita aumentando significativamente de escala, ao mesmo tempo que descaracterizavam aquilo que ainda restava do lugar, enquanto preexistência.

A cerca sobranceira ao vale era agora plantada de instalações técnicas de grande sofisticação, e a canção do lugar cadenciada pelo motor contínuo das ventilações.

A delapidação sucessiva do conteúdo histórico-cultural, que imaginamos possa ter sido tolerada por um descrédito generalizado face ao seu valor patrimonial, deu lugar ao entusiasmo higienista de modernização hospitalar, que assolou o lugar a partir de 1940, tendo como exemplo mais expressivo a *renovação* do claustro.

Passemos agora ao sítio, onde, até há dois meses, foi o claustro primitivo do Convento. Tinha o recinto cinco arcadas de volta perfeita, por lado e, sôbre o pavimento térreo, corria um terraço. Arcos e colunas foram apeados e aí estão no chão, à ordem não sabemos de quem, a-fim-de se dar ao antigo claustro uma aparência moderna e mais largueza.⁸⁵

⁸⁵ ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*, 1993, op. cit., p. 43. Veja-se ainda, o relato que Artur Pais Pereira faz de uma visita ao lugar, no final dos anos 80: *Dirigi-me depois à antiga portaria do Asilo. Seguindo em frente, chega-se ao que foi o claustro e que hoje não denota qualquer gosto ou estilo arquitectónico. Os arcos e colunas – para onde foram? – viram-se substituídos por pilastras de cimento. Uma das alas encontra-se entaipada. É frequente ver estes provisórios-definitivos pelos nossos hospitais! Levantando o olhar, deparamos com um inestético e pesadíssimo depósito apoiado nas paredes da igreja e, mais para a esquerda, a pequena torre sineira em completa degradação, ameaçando os sinos cair. E foi esta a igreja de Lisboa mais querida da população, depois da que foi erguida sobre a casa do Taumaturgo! E foi esta a igreja mais bela de quantas Lisboa tinha, no dizer do cronista!* [refere-se, o autor, a Frei Matinho do Amor de Deus, cronista da Província de

Também o vetusto templo maneirista não encontrara melhor destino, sendo na década de 50, e por largos anos, adaptado a arquivo morto dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

As feridas abertas pelos edifícios hospitalares não se sentem apenas no património material do lugar, como também naquilo que o lugar trazia enquanto experiência, sobretudo na relação com a paisagem e com a imagem da cidade, sobre as quais nos iremos debruçar mais à frente. De tudo isto só restarão breves *vislumbres*, traços de uma personalidade que está ainda por revelar.

Não podemos, contudo, abster-nos de compreender aquilo que são as exigências de um hospital moderno, quer na extensa necessidade de espaço, quer na complexidade de relações entre os vários edifícios, mas também não nos parece possível sacudir a leve nostalgia com que agora olhamos para o lugar, reconhecendo-lhe um património completamente refém do funcionamento interno do hospital.

*

A história de Santo António dos Capuchos é, acima de tudo, um testemunho do seu potencial. Ainda que a recolha de elementos históricos não ateste necessariamente o significado do lugar, diz-nos muito sobre o conteúdo existencial da preexistência, sobretudo no que diz respeito à forma como a relação entre o lugar e o território, quer *centrípeta*, quer *centrífuga*, foi permanentemente dando sentido à evolução do lugar – está, seguramente, aqui, a sua *força*.⁸⁶

O verdadeiro valor da história só será, porém, sentido quando for posto em causa, aqui e agora, através da experiência hodierna do lugar. Mas parece-nos

Santo António] PEREIRA, Fr. Artur Pais – *Convento de Santo António (Capuchos) Lisboa*. In Paz e Alegria Nº 66, Novembro-Dezembro 1987, p. 21

⁸⁶ NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli, 1991, p. 23

que o conhecimento que até aqui nos trouxe, nos permite delinear com maior clareza os seus contornos, sublinhando aquilo que está escondido por entre as camadas. Reiteramos, mais uma vez, a centralidade da experiência neste processo – deixar-nos-emos levar pela canção do lugar, sem preconceitos.⁸⁷ Ainda assim, não podemos deixar de nos sentir munidos de uma espécie de força anímica que nos diz por onde começar: talvez pelo início.

c. Forma

- De fora para dentro

Do tabuleiro superior de S. Pedro de Alcântara goza-se um dos mais admiráveis panoramas de Lisboa (...). Começa ao norte pelo casario novo das avenidas que irradiam até ao Campo Pequeno, de grandes cubos brancos aglomerados. A linha superior ondula depois pela cumieira do monte de Santana; com a mancha amarela do convento das comendadeiras da Encarnação e as casas do Pátio do Torel (...), donde um tufo de verdura irrompe enfim entre as pedras e os muros. Para além deste vasto pano de fundo, espreita a torre da Penha de França, noutra ondulação distante. E as casas continuam umas após outras por sobre o rasgão da Avenida, até ao montículo de S. Gens, com um ar campestre e uma ermida lá no alto, para descerem quase logo até à pesada igreja da Graça e às torres brancas de S. Vicente, recortando-se no azul do céu como se fossem de marfim. A cidade

⁸⁷ Evidentemente que não será possível desfazeremo-nos por inteiro do preconceito quando entramos em contacto com qualquer entidade no espaço. Na verdade, sem uma ideia preconcebida não saberíamos sequer como relacionar-nos com o espaço à nossa volta – tomamos consciência de uns por oposição a outros dos quais já temos memória e sobre os quais já formulámos um juízo. Faremos, neste processo, um esforço para respeitar a alteridade da arquitectura e do lugar, reconhecendo-lhe as suas qualidades próprias, e a forma como elas tocam em nós.

velha destaca-se agora perfeitamente: vem do velho castelo como uma pinha, mais amontoada, (...) e recorta-se até à velha Sé, de pedra doirada pela luz, que parece debruçar-se sobre a nesga azul do Tejo, debruada ao longe pelas colinas da Outra Banda, onde o castelo de Palmela ergue o severo perfil. Mas é ao entardecer que este panorama, cerceado na sua beleza, (...) atinge o deslumbramento. Há ali uma janelinha que de súbito arde em luz doirada, como se a iluminassem de repente. Acende-se outra e outra ainda; e dentro em pouco, na nossa frente, todas as vidraças se incendeiam. Lisboa inteira refulge em labareda, e a cor transmuda-se, e as janelas, na pompa ensanguentada do poente, são já de fogo e púrpura... Depois, uma após outra, as vidraças apagam-se, como se um sopro as fosse percorrendo. Mas ainda lá em cima persiste em arder solitária, como faúlha no rescaldo do fogo chamejante que por momentos consumiu Lisboa, fazendo dela um quadro de apoteose...⁸⁸

Desde a sua origem que Santo António dos Capuchos faz parte da paisagem da cidade, consequência da sua natureza topográfica e do modo como essa mesma topografia foi o princípio daquilo que vira a ser uma história de arquiteturas relevantes do ponto de vista urbano, social, institucional e, como já vimos, espiritual.

Efectivamente, o lugar integra uma narrativa cujas personagens se vão encadeando ao ritmo das *ondulações* da cidade, relacionando-se umas com as outras na criação de uma unidade poética – a imagem da cidade como um todo.

Vista de São Pedro de Alcântara, a paisagem é como um quadro complexo, um padrão de texturas, cores e linguagens, do qual não escapa Santo António dos Capuchos. Na verdade, não poderemos verdadeiramente compreender a

⁸⁸ PROENÇA, Raúl – *Guia de Portugal: Lisboa e Arredores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. Volume I, p. 326-327

sua vocação, sem discutir sobre a sua participação neste grande *cenário*. Entender a maneira como o lugar recai sobre a paisagem, isto é, como ele tem um papel activo na envolvente, com a qual estabelece relações de afinidade, é um meio para compreender a sua *personalidade* e, irremediavelmente, a potencial qualidade da sua experiência (facto que aliás já temos vindo a constatar ao longo deste percurso).

Olhando numa perspectiva centrípeta⁸⁹, repousamos, então, sobre Santo António dos Capuchos. Ainda que localizado num topo, como se estivesse prestes a cair sobre a encosta, não é o ponto mais alto da colina, cujo recorte é feito pelas construções que, mais atrás, desenham o encontro entre a cidade e o céu. No fundo do vale, uma outra linha, constituída pelos grandes edifícios da Avenida da Liberdade e pelo seu alinhamento arbóreo, enquadra finalmente o lugar. Santo António dos Capuchos tem, assim, uma presença curiosa na paisagem: quase no cume da cidade, navega ainda sobre o enorme manto de construções que vêm agarrar-se ao seu chão – uma espécie de interposto entre estas duas realidades. É, ainda assim, uma referência no *skyline* da cidade, embora não faça parte dessa última linha do horizonte. Visto de longe, é possível perceber esta dupla condição: inserido no *continuum* da cidade, destaca-se como um ponto notável. O contraste acentuado de escalas entre este grande equipamento hospitalar e a malha meândrica do bairro do Andaluz, que o envolve, faz com que ressalte definitivamente da envolvente e se insira nesta *linha de festa* de estruturas de maior relevância urbana. Contribuem, ainda, (embora não de forma significativa) os resquícios de vegetação que o sustentam na sua base, que criam uma espécie de espaço de absorção entre a cidade e o lugar, coroando-o.

⁸⁹ Elegemos o panorama visto de São Pedro de Alcântara, precisamente porque é o *lado de lá* do vale da Avenida da Liberdade, a partir do qual podemos apreciar toda a sua extensão oriental, incluindo, evidentemente, Santo António dos Capuchos; e o modo como ele dialoga com o contexto.

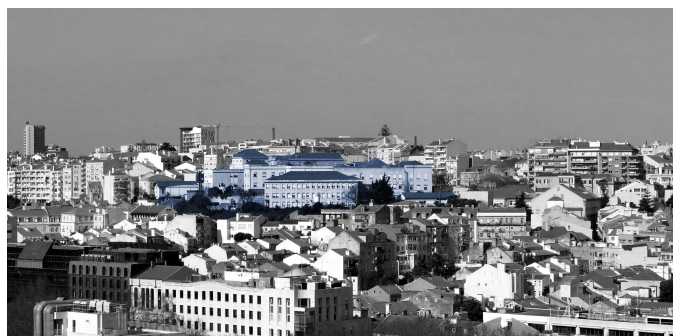
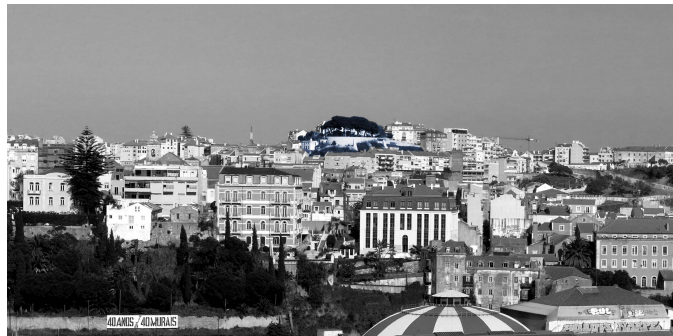


Figura 15 *Pontos notáveis* [Castelo de São Jorge, Convento da Graça, Miradouro de Nossa Senhora do Monte e Hospital de Santo António dos Capuchos]

As próprias fachadas do hospital, vistas de frente e sem escorço, não serão alheias a este contraste formal, especialmente o edifício que se chega mais à frente, preenchido por um único vão repetido exaustivamente, que anuncia uma mudança de linguagem relativamente ao contexto, embora sem força suficiente para se consagrar como tal. Ainda assim, a cor amarelada que preenche todo o conjunto, parece dar-lhe a uniformidade suficiente para que o lugar se compreenda como um só, por oposição ao resto da cidade.

O destaque do lugar na paisagem não denuncia, contudo, qualquer qualidade espacial. Sabemos o enorme peso que as construções hospitalares têm sobre o lugar, sobrepondo-se à topografia e à própria morfologia, enquanto principais conteúdos existenciais. De facto, embora possua características que o destaquem da envolvente, muito pouco têm a dizer sobre a sua qualidade intrínseca, isto é, sobre aquilo que o lugar verdadeiramente significa (ou pode significar) para a cidade, fazendo-se ver por questões que parecem cada vez mais periféricas à sua essência. Tudo isto impede que o lugar participe da construção de uma imagem da cidade, abstendo-se do seu potencial enquanto concentrador do olhar, facto corroborado pelas sucessivas pistas que lança nesse sentido. Será, por isso, difícil de imaginar como é que este lugar, que agora avistamos, nos avistará a nós – falta-lhe ser um poiso referencial, onde nos possamos agarrar quando olhamos para a cidade e nos sonhamos parte dela, tal como são o Castelo de São Jorge, o Convento da Graça ou o Miradouro da Senhora do Monte.

A leitura do *promontório* de Santo António dos Capuchos está, então, mascarada, negando a sua própria identidade, isto é, a de ser um ponto de referência num *panorama* alargado.

Fazendo um exercício de depuração, tentaremos recuperar para o presente aquilo que serão as evidências deste fenómeno urbano, *de fora para dentro*.

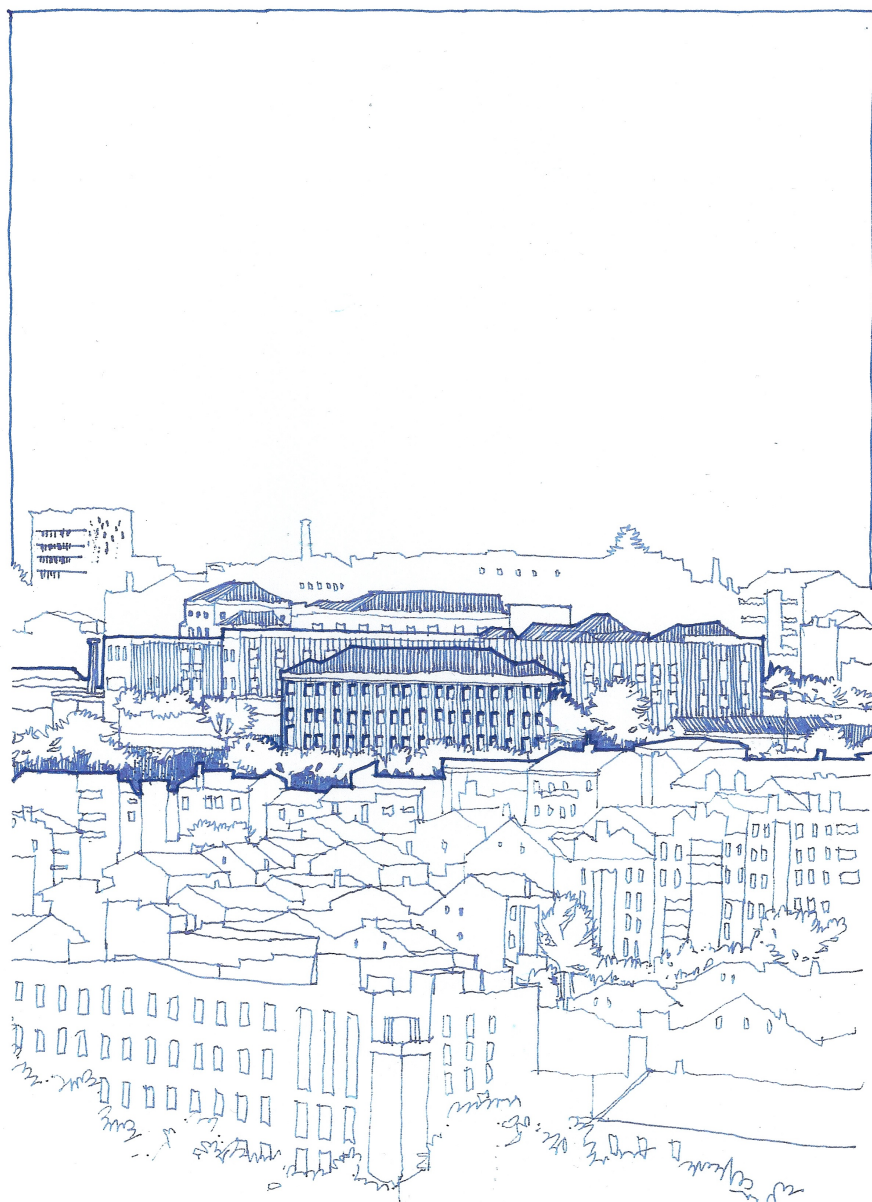


Figura 16 O lugar no seu estado actual

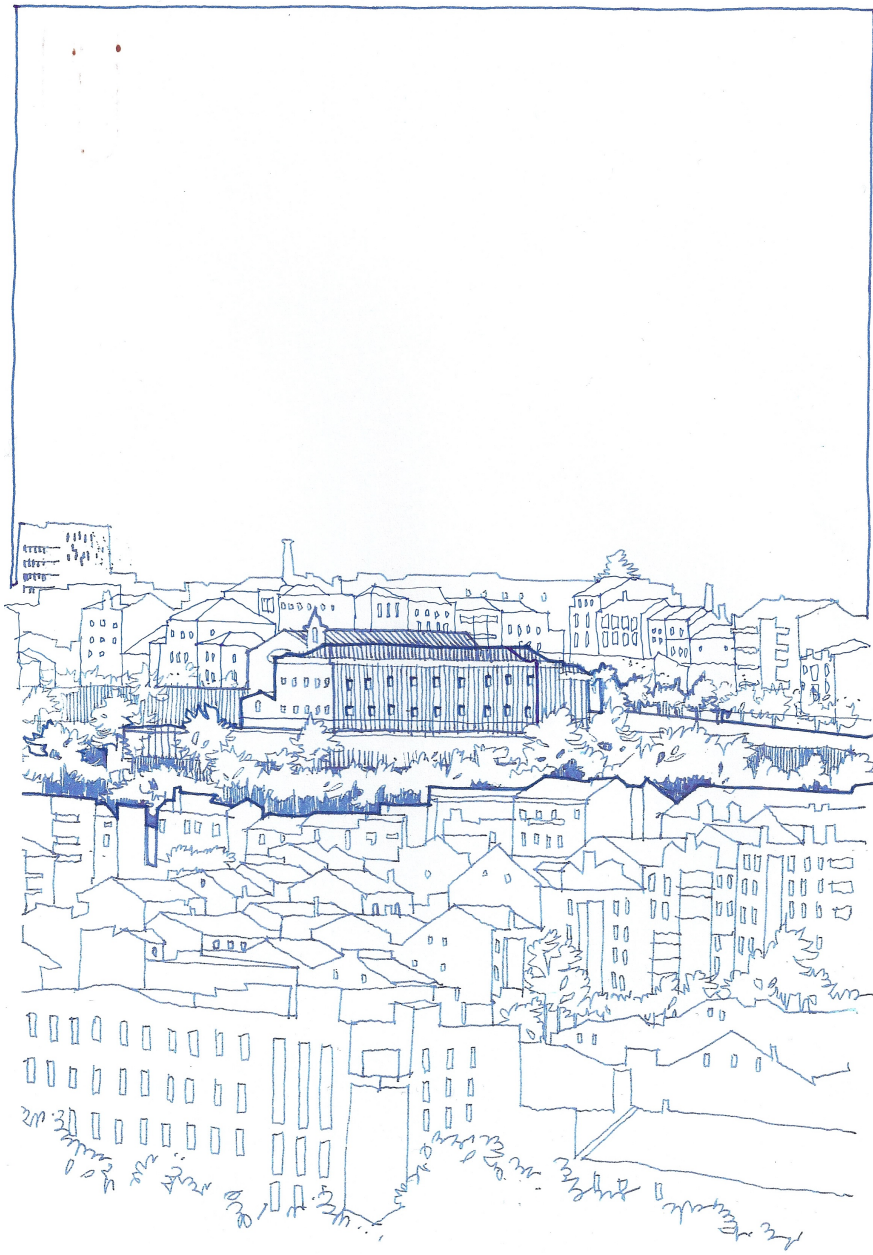


Figura 17 A depuração do lugar

Retirando ao lugar as suas *camadas históricas*, colocamo-nos perante um fenómeno topográfico rematado por uma construção relativamente simples – aqui simbolizada pelo antigo convento – mas não por isso menos significativa. Afinal, será precisamente essa imagem de uma grande superfície de nível pontuada por um edifício excepcional, que o distinguirá finalmente como referência no território.

Com efeito, reconhecemos que a estrutura primordial do lugar, por si só, será capaz de defender a soberania dos seus limites face ao contexto – o sólido promontório reserva-o, assim, das dinâmicas de uma cidade compacta que se espria aos seus pés – mas não numa posição de domínio absoluto, mais num conviver discreto, já que a sua posição no terço superior da paisagem (e não no cume) o afasta de maiores anseios de prepotência.⁹⁰ A subtil comunhão entre o lugar e o *casario* que o antecede, coloca-o numa posição de liderança, mas de um líder que faz parte da comunidade, sem dela se separar, nem contudo renunciar à excepcionalidade dos seus atributos e à amplitude da sua mensagem, que ecoa no resto da cidade.

O seu domínio é, então, bem acolhido pela cidade, está *entre as gentes*, como se tivesse um carácter iminente servidor associado ao seu *estatuto*. É, por isso, um lugar representativo de um valor social, cultural e institucional, próximo daqueles que com ele coabitam e repercutível para além dos limites da sua cerca. Santo António dos Capuchos será, nesta visão especulativa que agora fazemos, como um elemento pacificador das contradições da paisagem: destacar-se-ia da envolvente, mas sem dela perder as influências.

A experiência do lugar, visto *de fora para dentro*, é apenas capaz de dar pistas sobre a sua qualidade intrínseca, enquanto parte integrante da paisagem. Não obstante, a constatação do potencial oculto pelas actuais construções, fruto de um esforço de conceptualização do lugar a partir do seu *centro*, dá-nos

⁹⁰ Veja-se, por oposição, o Castelo de São Jorge, soberano, antigo e inabalável, ou o Convento da Graça, de uma brancura requintada que reluz no topo da cidade.

uma imagem viva daquilo que poderá ser a sua *identidade*, agora imaginada por entre as paredes do hospital.

- **De dentro para fora**

Penetrando no interior de Santo António dos Capuchos, deixar-nos-emos levar pelo movimento do lugar, que será, também, o *movimento do eu*. Na verdade, a leitura da forma terá como princípio o modo como a *experiência* que fazemos dessas mesmas características formais ecoa no nosso *ser* e lhe comunica um *sentido*.

Embalados pela *dança* do lugar, compreenderemos o seu *gesto*⁹¹ e, inevitavelmente, tomaremos consciência da sua identidade e do modo como ela recai no sujeito que percorre o espaço.⁹²

O acesso ao interior do lugar é feito por um percurso levemente ascensional, em direcção à igreja de Santo António dos Capuchos.

A experiência do lugar tem início neste largo eixo arborizado, ladeado de um pequeno jardim, com uma fonte e uma escultura de pequeno porte. Ao longo deste percurso, somos progressivamente convidados a reajustar a cadência dos nossos passos, envergando um *ritmo* em tudo diferente daquele que abandonámos quando ingressámos no lugar. Entramos, agora, num domínio claramente reconhecível pelas suas características singulares. Aqui, a *melodia* é outra: as árvores alinhadas marcam o compasso do percurso, ao

⁹¹ Ver nota de rodapé 23, Capítulo II, p. 20

⁹² Isto significa que é por via do movimento do nosso corpo e pela sensação que dele temos que verdadeiramente podemos conhecer o local. Este movimento não é por nós escolhido arbitrariamente; quando experienciamos um sítio, há (...) uma intencionalidade do corpo, que, antes que disso nos demos conta, enceta um diálogo, ou uma dança, com aquilo que o envolve, seguindo uma lei que é aquela que sistematicamente lhe oferece – nos oferece – o máximo do seu potencial estimulante, semântico, estético (...). Conhecer o movimento do corpo solicitado por um lugar permite-nos não só saber o que é o lugar que o induz, mas também saber o que ele é especificamente para nós, seres humanos. ESTEVES, Patrícia – *Gesto: Trabalho Preparatório para uma Demonstração Empírica*. Lisboa: FAUTL, 2010. Tese de Mestrado, p. 19

mesmo tempo que a vegetação indómita recupera a frescura própria de uma natureza sempre espontânea. Não é uma rua, mas também não é um jardim – é certamente uma *alameda*. Embora abusivamente ocupada por automóveis estacionados, é sem dúvida um caminho a ser feito pelo próprio pé.

Avista-se, ao fundo, a fachada da igreja – o culminar deste enquadramento axial – que nos impele a continuar em frente e a penetrar em profundidade no interior do lugar. Somos, então, recebidos pelo largo da igreja, cuja forma *côncava* nos acolhe e nos remete para uma nova temporalidade, que viemos a construir enquanto subíamos a alameda, guiados pela imagem da igreja e, sobretudo, pela presença da sua galilé negra e profunda, revestida de azulejos pintados de azul – o último estágio deste acolhimento, isto é, a entrada no templo. O largo absorve a cidade que deixámos para traz, como se tivéssemos terminado num caminho processional.

Este primeiro *gesto*, que descreve a experiência do acolhimento do lugar, leva-nos a ingressar num *território excepcional*, usufruindo dos seus limites, espaciais e temporais, à margem da cena urbana – um pequeno *canto* da imensa cidade que continua a viver, *lá fora*.

Mas todo este acolhimento no qual estamos absorvidos é, de repente, contrariado, pelo vislumbre de uma outra realidade que já não imaginávamos parte do lugar. Olhando tangencialmente à igreja, deparamo-nos com um quadro por certo surpreendente: *dali vê-se a cidade*. Este momento é absolutamente decisivo na experiência do lugar, pois dá um rumo inesperado ao *gesto* que nos embalou até agora.

O largo rompe-se e abre-se a visão para um troço de cidade, que reluz lá ao fundo. Rapidamente, tomamos consciência que o lugar tem uma outra dimensão, uma outra face, *um lado de lá* – ultrapassamos a interioridade do largo, no desejo de saber, afinal, onde estamos, e para onde caminhamos – olhamos em profundidade, medimos a distância e reposicionamo-nos.

Percorrendo o estreito canal entre a lateral da igreja e o edifício que fecha o lugar a norte (agora, já não percorremos uma amistosa alameda que se abre para nos receber, mas sim um eixo que nos projecta para o resto do mundo),

penetramos num caminho profundo e sombreado, que contrasta com a luminosidade de uma imagem que se vai desvelando lá ao fundo, densificando o desejo de ir ver, mais longe. Combinamos o ritmo das passadas com a sucessão dos contrafortes da igreja, agora mais acelerados, uns a seguir aos outros, em etapas progressivas do *olhar em frente*.

Descobrimos, no final deste caminho, toda uma paisagem ante nós, enquadrada por um grande armazém revestido a chapa de aço galvanizado e por um pequeno anexo do hospital. O lugar é, afinal, um *miradouro*.

Da frente do lugar, servimo-nos agora das suas costas, que nos amparam neste gesto de franca abertura ao mundo – participamos de uma outra experiência – a de uma *relação com a paisagem*. A forma do lugar é agora *convexa*, projectando-nos sobre o contexto que nos envolve.

Deste primeiro encontro, abre-se um campo de visão para poente e, no recorte da paisagem, começa-se a construir uma imagem da cidade vista *de dentro para fora*, ainda que tropeçando por entre as estruturas hospitalares. A par e passo, recria-se com o olhar o movimento de um vale inteiro, que vai descendo paulatinamente, num manto de construções que navega para sul – a cidade começa a contar a sua história e a mostrar aquilo de que é feita.

Chegamos, porém, a um *impasse*: embalados pela progressão de uma paisagem que se vai adivinhando, somos bruscamente interrompidos por um largo edifício, cuja volumetria obstrui a passagem e *cega o olhar*. Não se consegue ver para além das suas paredes tristes e opacas, nem contorná-lo para ir conhecer como acaba este vale e esta colina, que agora já só imaginamos. Entregues à incerteza das circunstâncias, não encontramos neste espaço referências onde nos sintamos capazes de perdurar sobre a paisagem. Neste miradouro não se cumpre a sua principal *razão de ser*: ser um porto seguro onde nos possamos libertar interiormente.⁹³

⁹³ Sobre o sentido do miradouro: *Ainsi une sorte d'onirisme panoramique répond à la contemplation du paysage dont la profondeur et l'étendue semblent appeler leur rêves d'illimité*. BACHELARD, Gaston – *La Terre et les Réveries de la Volonté*. Paris: Librairie José Corti, 2004, p. 355

Regressando a nós (forçadamente) não conseguimos esconder a leve insatisfação que nos relega este *gesto interrompido* – a jornada que começou, mais atrás, ainda ao entrar no lugar, culmina agora, *sem sentido*.

O inesperado miradouro de Santo António dos Capuchos, nunca chega a o ser. A potencial construção de uma imagem plena da cidade é defraudada pela própria forma do lugar, resultando num paradoxo por certo infeliz.

Retornamos ao largo da igreja, pelo mesmo caminho. Do mesmo canal que aqui nos trouxe reencontramos agora, ao fundo, uma imagem familiar: são as árvores da alameda que nos recebeu. Chegados ao largo da igreja, somos invadidos por uma certa nostalgia de algo que ficou por se consagrar, de que não tomámos poiso firme numa cidade imensa.

A alameda liga-se agora à cidade que deixámos para trás, como que nos preparando para o retorno à sociedade da qual fazemos parte, já não enquanto espectadores, mas enquanto elementos activos.

Só mais tarde é que, com coragem, atravessamos os corredores do hospital, em busca *daquilo que ficou por dizer*. Num pequeno pátio, no canto sudoeste do hospital, como que um vazio que respira no meio das construções compactas, tomamos finalmente consciência do fechar deste ciclo contemplativo – é o Tejo que, lá ao fundo, une toda a Lisboa numa só, vista de Santo António dos Capuchos. Apoiados sobre as guardas que limitam este espaço, lançamo-nos sobre a paisagem e desfrutamos de um panorama pleno: acompanha-se o vale a escorrer lá de cima, num amontoado de grandes edifícios que se sobrepõem uns aos outros, até chegar ao topo da colina, preenchendo o nosso olhar já distante, que desagua, por fim, no rio. Será esta a chave final de um *gesto* que está por cumprir.

Ultrapassados, por fim, os limites do lugar, a cadência dos passos volta a acelerar, já na Alameda Santo António dos Capuchos, vinda da buliçosa Rua Luciano Cordeiro, em direcção ao Campo Mártires da Pátria.



Figura 18 O gesto *interrompido*

- Paisagem

Por entre a casaria, em intercalações de luz e sombra – ou, antes, de luz e de menos luz –, a manhã desata-se sobre a cidade. Parece que não vem do sol mas da cidade e que é dos muros e dos telhados que a luz do alto se desprende – não deles fisicamente, mas deles por estarem ali.⁹⁴

A paisagem é, sem dúvida, a personagem principal deste enredo. O gesto do lugar, na sua complexidade, imprime no sujeito um movimento de progressivo contacto com a paisagem, passando por etapas da forma que são também *etapas do eu*. Emerge no lugar um *miradouro* de características muito particulares, como já vimos, embora ainda não verdadeiramente consagrado como tal.

Vista de Santo António dos Capuchos, a paisagem apresenta-se em dois momentos distintos, que são como *ondulações* da cidade.

Numa primeira instância, assim que nos deparamos com a paisagem, vindos do largo da igreja, somos invadidos pela presença poderosa de um conjunto de edifícios que se erguem vigorosamente do fundo do vale. A imagem que nos preenche o olhar é a do seu *tardoz*, num padrão de janelas circunspectas, copiosamente repetidas, núcleos de acesso vertical exteriores e esguios, e engenhos técnicos que ressaltam das coberturas planas e a duas águas. É como se ante nós estivessem bem recortados os *bastidores* da vida urbana. Na verdade, as traseiras da cidade estão de tal forma presentes no lugar, que parece que fazem parte dele – são como o lado de lá do lugar. A *imponência* destes edifícios é ainda reiterada pelo modo como se sobrepõem ao Bairro do Andaluz, contrariando a natural progressão das construções que descem pelo declive da encosta, para se fazerem ver lá ao fundo, impondo-se sobre o lugar.

⁹⁴ SOARES, Bernardo [Fernando Pessoa] – *Livro do Desassossego*, 1931, cit. in JANEIRO, Maria João – *Lisboa: Histórias e Memórias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 48



Figura 19 De norte para sul: a paisagem em Santo António dos Capuchos

O primeiro encontro com a paisagem, revela-nos, desta forma, um miradouro porventura invulgar: aquilo que está na sombra das luzes da cidade – as suas traseiras – aparece-nos aqui como que *monumentalizado*, tal é a escala destes edifícios e a influência que têm sobre a experiência do lugar. Com efeito, a promiscuidade é tal, que nos sentimos quase devassados por olhares estranhos, como se aquelas janelas posassem nuas sobre nós.

A atmosfera de um logradouro invade o lugar, persistindo uma vincada sensação de interior de quarteirão, que absorve a urbanidade pitoresca dos bairros limítrofes ao lugar, relegando-a para segundo plano. Esta interioridade é, contudo, paradoxal, sendo que estamos num lugar de suposto domínio sobre o contexto. Aqui, somos tanto o *espectador* como o *espectado*.

Caminhando para sul, os grandes edifícios vão agora descendo a par e passo com o vale e desaparecendo do nosso campo de visão, para dar lugar a uma outra *ondulação*, já mais distante, onde reencontramos a *face* da cidade. A abertura progressiva do lugar, faz com que deixemos de ser tomados pela cidade para a podermos tomar nós mesmos – estamos agora *sobre* a paisagem.

A distância de que agora gozamos traz-nos, então, uma relação pacífica com a paisagem, que parecia já esquecida pela *brutalidade* do tardoz da Avenida da Liberdade. Os limites do lugar já não se anulam pelo contexto que se *superimpõe* e criam uma circunstância para poder *contemplar* mais satisfatoriamente. Apercebemo-nos da cidade como realidade geográfica e topográfica e somos levados a reconhecer-lhe os pontos notáveis: do alto de São Mamede, caminhamos até ao Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, descendo ao Miradouro de São Pedro de Alcântara, guiados pela Igreja de São Roque, para depois pousar sobre Convento do Carmo, cair na Baixa e, finalmente, permanecer sobre o azul do Tejo, recortado pela margem oposta da cidade. Do rio, o nosso olhar só voltará a subir para o Jardim do Torel e os seus palacetes de uma Lisboa aristocrática – voltamos, finalmente, ao lado de cá do vale; o quadro completa-se.

Nestas duas realidades que aqui se conjugam, encontramos na paisagem um sentido unitário, no modo como se constrói um discurso progressivo sobre a

dualidade da cidade: o seu rosto e a sua intimidade latente. Duas faces da mesma moeda postas num único encadeamento de imagens sucessivas. Será este o *panorama* de Santo António dos Capuchos.

d. Para um sentido

A experiência de Santo António dos Capuchos, tanto centrípeta como centrífuga, é apenas um princípio de aquilo que poderá ser. A leitura da forma foi feita através de um processo de decantação, no qual fomos descobrindo os elementos formais por onde é ainda possível reconhecer o lugar e, simultaneamente, imaginando *por entre* as próprias formas que hoje nos impedem de o apreender.

O esforço de olhar para o lugar para além dos óbvios constrangimentos do seu estado actual, deu-nos a liberdade suficiente para poder tecer conclusões sobre as suas qualidades, resgatando traços da sua personalidade que nos ajudaram a conhecê-lo, e também características cujo sentido ainda não compreendemos plenamente.

Na verdade, a experiência que fizemos do lugar não vai para além de um conjunto de discursos interrompidos, princípios existenciais que parecem querer desabrochar *por entre* as paredes do hospital, mas que acabam por não chegar a bom termo.

Disto é exemplo o *gesto* do lugar. Embora tenhamos conseguido conceptualizar essa experiência, reconhecendo-lhe as suas etapas, desde o acolhimento, à projecção e, por fim, ao retorno, o lugar não permite que se consagre completamente, isto é, que o movimento no espaço seja também um *movimento do eu*.⁹⁵

⁹⁵ Atente-se para a experiência do *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*, cujo *gesto* é curiosamente semelhante ao de Santo António dos Capuchos, perfazendo-se quase mimeticamente a tríade de etapas de apropriação do lugar, mas que no fim atingem a plenitude de sentido: *Assim, os braços do terreiro convidam-nos a entrar. O vento é anulado; estamos abrigados e em silêncio, como se acabássemos de entrar em casa. No entanto, não nos detemos para*

É incontestável que o *sentido do lugar* se prende com a relação que ele inaugura, na sua especificidade, com a paisagem e com o contexto que o envolve, tanto *de fora para dentro*, como *de dentro para fora*; mas tudo isso acaba por se reflectir numa atmosfera geral de desumanização, que insiste em quebrar o *vínculo existencial* entre o sujeito e o lugar. Certamente que esse vínculo ainda terá eco na experiência, senão não teríamos conseguido sequer aproximar-nos *afectivamente* ao lugar (ainda que com alguma insegurança) mas queremos precisamente com isto dizer que o seu sentido está em *potência*. O lugar está ainda por descobrir.⁹⁶

descansar. Uma vez dentro do rectângulo imaginário (...), retomamos de imediato a marcha na direcção Nascente-Poente. O motivo porque este fenómeno de dá é a direccionalidade evidente do espaço. (...) a igreja, no extremo Poente, é um ponto de foco evidente para o nosso olhar. (...)

Não é, porém, para a igreja que vamos. O nosso olhar fixa-se agora no pedaço de horizonte que entrevemos para lá das passagens em arco que ladeiam o corpo da igreja.

Quando transpomos esse estrangulamento, o embate com os elementos é extasiante. A ordem e o silêncio desaparecem. O vento sopra e arrepiá-nos, o terreno perde a planura e torna-se cheio de acidentes imprevisíveis, o horizonte alarga-se abruptamente. (...) Continuamos a andar porque somos atraídos pelo abismo e porque somos impelidos pela dinâmica caótica dos elementos. (...)

Mas o estado de graça em que nos achamos, no limiar do sagrado, não é sustentável ad aeternum. Iniciamos então o percurso de regresso.

Regressar ao interior da terra significa reentrar no plano humano, material, familiar. Porém, o contacto com o desconhecido que fizemos na orla da falésia não se desvanece quando voltamos ao interior do recinto. Ele é, pelo contrário, assimilado. O arraial cria condições para uma introspecção segura, que nos ajuda a acolher a experiência e os valores morais adquiridos. ESTEVES, Patrícia – Gesto: Trabalho Preparatório para uma Demonstração Empírica, 2010, op. cit., p. 112-113 [sublinhados nossos]

⁹⁶ A carência de sentido em Santo António dos Capuchos remete, metaforicamente, para o *templo de Heidegger*. O lugar precisa de ser, tal como o templo, uma *unidade existencial*, revelando a sua essência e o modo como ela se repercute no homem: *O templo, no seu estar-aí, concede primeiro às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos*. HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 33.



Figura 20 *O sentido em potência*

Está por cumprir uma experiência *existencialmente significativa*, da qual ainda só temos vestígios: que a contemplação da paisagem construa um conhecimento *de si*, isto é, que a progressão do olhar seja, reiteramos, uma *progressão do eu*. No fundo, o lugar que vive da paisagem será um lugar que nos *reposiciona* no mundo, onde encontramos a possibilidade de nele nos *reconhecemos*, isto é, adivinhando-lhe uma condição humana, *para-mim*:

*Cada vez que assim contemplo uma extensão larga, e me abandono do metro e setenta de altura, e sessenta e um quilos de peso, em que fisicamente consisto, tenho um sorriso grandemente metafísico para os que sonham que o sonho é sonho, e amo a verdade do exterior absoluto com uma virtude nobre do entendimento. (...) Que os Deuses todos me conservem, até à hora em que cesse este meu aspecto de mim, a noção clara e solar da realidade externa, o instinto da minha inimportância, o conforto de ser pequeno e de poder pensar em ser feliz.*⁹⁷

É preciso dar continuidade à fruição do lugar pelo sujeito, que agora está obstruído pelo *egoísmo* das construções hospitalares. Devolver ao lugar o seu *rostro*, é reconhecer-lhe uma identidade e modo como recai em nós num *sentido* que está para além da forma, mas que flui através dela.

O exercício de Arquitectura que aqui nos propomos é, portanto, o de *revelar* o conteúdo existencial de Santo António dos Capuchos, que será também o *património* que pretendemos preservar. O processo de projecto é, ulteriormente, a procura de um *significado* que reúna o lugar numa unidade plena, enquanto *experiência* e *essência*.⁹⁸

⁹⁷ SOARES, Bernardo [Fernando Pessoa] – *Livro do Desassossego*, 1931, cit. in JANEIRO, Maria João – *Lisboa: Histórias e Memórias*, 2006, op. cit., p. 47

⁹⁸ *Aí reside aliás, do nosso ponto de vista, a razão de ser principal da arquitectura: por ela um pedaço de território informe e caótico é raptado ao nonsense homogéneo do natural ou artificial que nos circunda, para ser qualificado como para-mim; por ela ocorre o acto de transformar, de transfigurar, a fisicalidade anódina que nos envolve – ainda que só com um caminho de pé-posto, uma*

pedra ao alto, uma árvore plantada... – dando-lhe sentido humano, ou seja, enxertando na externalidade física uma correspondência aos aspectos mais íntimos e estruturantes do Eu; é essa doçura com que se pinta o exterior que faculta ao Eu a habitação plena, não apenas do território, mas de si (...). ABREU, Pedro; GUERRA, Ana Sofia; MASCARENHAS, Catarina; VICENTE, Frederico – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha.* In Anais do Seminário Internacional Patrimônio e Paisagem em espaços lusófonos e hispânicos, FAU-UFRJ (org. Professor Doutor Luiz Manoel Cavalcanti Gazzaneo), 2012

CAPÍTULO IV
_argumento

a. O redesenho do sítio

A leitura que fizemos do território e do lugar é o alicerce que sustentará qualquer estratégia de requalificação. Apoiando-nos no conjunto de indicações concretas sobre as suas várias dimensões, desde o contexto geográfico, à história e à experiência da forma, construiremos um pensamento cada vez mais fundamentado sobre o papel que a Arquitectura deve ter neste lugar.

Em resposta às nossas inquietações, o *redesenho do sítio* prender-se-á, portanto, com os significados que aferimos, mas também com as feridas que queremos ver saradas, imaginando um conjunto de possibilidades que revelem a preexistência, cujo principal propósito é *densificar o habitar*⁹⁹, isto é, preenchê-lo de sentido.

Procuraremos dar continuidade às pistas deixadas pela leitura, recuperando-as num discurso que agora entra no domínio do *projecto*.

- **De fora para dentro**

A experiência que fizemos do lugar, de um ponto de vista *centrípeto*, revela o seu potencial excepcional, quer pela sua posição relativa face ao contexto, quer pela sua importância na construção de uma imagem da cidade, e ainda pela sua representatividade enquanto fatia da sociedade.

O lugar, tal como se encontra no seu estado actual, reveste-se, todavia, de um conjunto de atributos que o desvirtuam destas qualidades, isto é, que não fazem cumprir os propósitos sobre os quais recai a sua *identidade*, ou melhor dizendo, a sua *potencial identidade*. O processo de *reconquista* do lugar terá, fundamentalmente, como objectivo, torna-lo um veículo das suas qualidades latentes, inserindo-o nesta sucessão de *lugares-âncora* da cidade – suspensões na malha homogénea, que constroem etapas faseadas do olhar. No fundo,

⁹⁹ NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. In *Arquitectura* N°102, Março-Abril 1968, p. 58

deverá fazer parte integrante de uma lógica urbana, para a qual tem um papel a desempenhar.¹⁰⁰

O redesenho do sítio deve, então, fazer revelar as características que fazem do lugar um *ponto notável*, nomeadamente a qualidade de *evento* topográfico coroado por um edifício singular do ponto de vista urbano.

Poder-se-á questionar a validade de uma operação que visaria o *represtino* do lugar na sua condição original, isto é, a de um pequeno convento pousado sobre uma colina bucólica. Na verdade, facilmente chegaríamos à conclusão que este regresso forçado ao passado não seria mais do que uma *caricatura* do lugar, tendo em conta que nos relacionamos com uma paisagem profundamente diferente daquela que originalmente enquadraria o convento.¹⁰¹ Com efeito, Santo António dos Capuchos deverá ser hoje um ponto notável experienciado de forma activa e não apenas como uma espécie de *pastiche* isolado, que não terá a força suficiente para revelar as suas qualidades, numa cidade que evoluiu para outros termos. A cidade é outra e cabe-nos tomar

¹⁰⁰ A cidade é constituída pela repetição de pequenas unidades que asseguram o tecido contínuo, do qual pontualmente emergem as grandes estruturas institucionais. Sempre me espantou, em Lisboa, o contraste entre o tecido fragmentado e quase cubista influenciado pela cultura árabe, e as grandes construções, os grandes palácios. Este duplo registo determina a intensidade da expressão arquitectónica. Não existe um monumento importante na cidade sem a continuidade anónima de múltiplas construções: trata-se de aspectos qualitativos complementares. SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 97

¹⁰¹ Não se concretizando enquanto opção de projecto, a ideia do *represtino* já foi aqui recuperada como instrumento de trabalho, nomeadamente, na leitura da forma. Com efeito, o seu carácter especulativo tem a capacidade de instigar a discussão sobre o lugar, lançando questões sobre as suas eventuais qualidades e redireccionando o olhar para aquilo que está latente e poderá ser retomado no seio de um exercício de projecto. A depuração do sítio com vista à sua condição original é, por isso, especialmente importante neste processo de investigação – tal como a *caricatura*, acentua as feições do lugar, torna-as visíveis para depois poderem ser discutidas no âmbito de uma estratégia de revitalização que as ponha em causa, de uma forma crítica e contemporânea.

fruível o *património* do lugar – a sua experiência – ressignificando-o à luz da contemporaneidade.

Acreditamos, por isso, que as preexistências significativas – o antigo convento e os seus dispositivos – ainda podem fazer do lugar um ponto notável, isto é, se estiverem incluídas num sistema arquitectónico que dê continuidade a esse significado: o de um centro de *difusão* e *concentração* do olhar conformado por um objecto que se ergue num promontório, destacando-se assim da envolvente.

Nesse sentido, as características da forma por onde se veicula essa qualidade primária deverão ser retomadas ou mesmo reintroduzidas pela proposta de novas construções que as ponham em causa.

Posto isto, as indicações sobre a forma servirão para *por em evidência* os elementos significativos da experiência. Deste modo, deverá ler-se, *de fora para dentro*, a linha do promontório, que é a base da excepcionalidade do lugar, ou seja, a sua natureza topológica e topográfica. A apreciação da sua extensão horizontal poderá, por isso, assumir um registo de uma certa uniformidade, que recupere a solidez deste fenómeno topográfico e que contraste com a complexidade formal da envolvente, enquanto elemento de *pacificação* na paisagem – a leitura de uma grande superfície de nível, que se ergue numa encosta densa e compacta. Será portanto, um contraste tanto de escala como de *linguagem*. A forma deste promontório deve como que *empodiar* o convento, constituindo-se como base topográfica sobre a qual se levanta o objecto central, estabelecendo com ele uma relação de indissociabilidade, num sistema unitário que defina o lugar como um todo.

O potencial destaque deste sólido promontório, não deverá, no entanto, expressar uma cisão absoluta com o contexto. Lembremo-nos da sua discreta integração na paisagem e sobretudo da interdependência com o Bairro do Andaluz, não se impondo de forma autoritária, mas antes prezando uma subtil comunhão com a envolvente imediata. Negar esta qualidade intrínseca do lugar, seria destitui-lo de uma das características mais revelantes da sua identidade e, conseqüentemente, do potencial da sua experiência. Evitar-se-á uma certa

condição de *impenetrabilidade*, de forma a preservar esta qualidade. Nesse sentido, a linha do promontório deve recusar uma excessiva *pureza* formal, afeiçoando-se delicadamente ao contexto mais próximo, isto é, assumindo algumas das suas subtilezas e assegurando a continuidade (ponderada) entre o lugar e o Bairro do Andaluz. Não queremos com isto dizer que o lugar deva desfazer-se dos seus limites, física e visualmente, condição que evidentemente destruiria a excepcionalidade que lhe outorgamos; mas sim dar conta desta sua condição, coroado pela cidade que o rodeia, mas dela se soltando.

De fora para dentro, o redesenho do sítio terá esta dupla condição: não cederá completamente ao idioma do contexto, mas também não se resumirá à sua própria idiosincrasia.

Questionar-se-á, agora, a qualidade do objecto que assinala este lugar. Certamente que o antigo convento, enquanto *catalisador* da experiência do lugar, é também o centro da sua concretização urbana. Porém, a transfiguração desta preexistência teve um efeito porventura irremediável, desvirtuando-a das características que faziam dela uma possível referência. No seu estado actual, o que resta do convento não terá força suficiente para ser o elemento agregador deste ponto notável, precisamente porque lhe foram retiradas as propriedades que o constituíam, efectivamente, como objecto excepcional. Já aqui discutimos sobre as possíveis consequências de uma operação de repriminção sobre o antigo convento; no entanto, a sua *vocação* original de uma pobreza austera e abnegada, que outrora se revestia de um conteúdo simbólico, é passível de ser hoje um princípio arquitectónico, que ultrapasse as questões da imagem e o institua como referência no seu próprio espaço e no espaço da cidade. De facto, esse *valor patrimonial*, poderá ainda ter qualquer coisa a dizer numa cidade preenchida de construções que cada vez mais velam pelo seu próprio protagonismo.

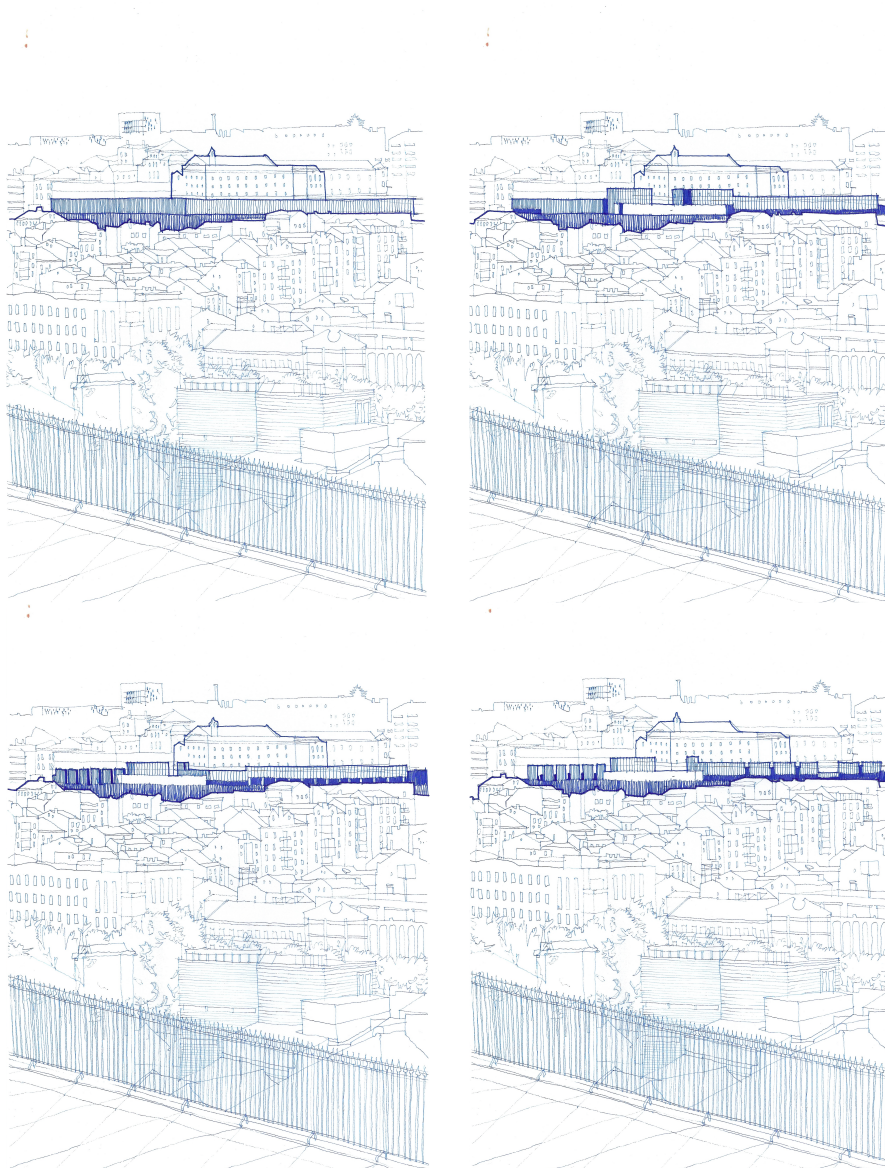


Figura 21 O redesenho do sítio, de fora para dentro

- **De dentro para fora**

A experiência que fizemos do lugar, penetrando no seu interior, deu-nos conta do *gesto*, isto é, do sentido dos nossos movimentos no espaço. Compreendemos, também, que as suas várias etapas estão ancoradas às preexistências relativas à ocupação conventual, que perduraram no tempo (não do ponto de vista da sua caracterização, mas enquanto estruturas que *organizam* a experiência) e que ainda hoje são capazes de comunicar o potencial significado do lugar.

O processo de redesenho do sítio, *de dentro para fora*, partirá desse conjunto de preexistências como *centro* ou *coração* do lugar, pelo que procuraremos desenvolver o nosso raciocínio *em torno* delas, reconhecendo-lhes os vestígios de um princípio espacial existencialmente significativo. Com efeito, o antigo convento é ainda o centro existencial, diríamos, o *motor* de toda a experiência. A forma como se posiciona no território traz consigo um *movimento* que já aqui identificámos: a dualidade entre o *estar recolhido* e o *ser exposto*. Sem a sua presença, o lugar não seria Santo António dos Capuchos, isto é, não o viveríamos como o vivemos – o convento tem de *estar ali*. Ainda assim, embora mantenha a sua clareza diagramática, as intervenções hospitalares retiraram-lhe, como já vimos, as propriedades que faziam dele o fio condutor da experiência. Esta realidade, apesar de não se manifestar completamente no primeiro encontro com o lugar, em direcção à fachada da igreja, é evidente no momento em que nos posicionamos perante a paisagem. O aproveitamento abusivo da estrutura conventual subtraiu-a dessa função fundamental que é a de ser um ponto de referência estável enquanto contemplamos, dando-nos as suas costas, de uma forma amigável e familiar, onde nos podemos amparar num momento de relação com o mundo lá fora. Essa experiência é agora por certo *intimidante*, pelo excessivo crescimento em altura da antiga zona regal e, principalmente, pela forma como se sobrepõe completamente ao templo, chegando mesmo a asfixiar a torre sineira. A

reestruturação deste edifício deverá, então, assumir uma forma que pacifique a relação com a paisagem, ao mesmo tempo que construa a identidade do lugar.

Da mesma forma, a alameda, outro dos artifícios do apanágio capucho, que continuou a fazer parte da estrutura do lugar, é agora obstruída pela ocupação de automóveis que nos interrompem o caminho e, simultaneamente, contrariam a temporalidade própria do lugar, que quer instituir o seu próprio *ritmo*, favorável à pedonalização e aos movimentos lentos. Para além disso, o abatimento das árvores que perfaziam um dos seus lados, retira-lhe tanto o calor do seu acolhimento, como a direccionalidade do eixo ascensional, conseguida pela sua sucessão visual.

O redesenho do sítio deve, então, dar continuidade aos vestígios destas preexistências que ainda ecoam no lugar, mas que foram alvo de sucessivas descaracterizações, com uma influência nociva sobre a forma como são apreendidas e inclusivamente apropriadas pelo sujeito.

Embora a recuperação da *dignidade* destas preexistências seja o princípio para concretizar o seu gesto é, contudo, a relação com a paisagem que lhe dá *sentido*, é aquilo que o reveste – é para lá que *caminhamos* e de lá que *voltamos*. A leitura da paisagem, hoje insatisfatória pelo *hiato* a que as construções hospitalares condenaram o lugar, traduz-se num sentimento de perda, não lhe reconhecendo uma unidade plena de sentido. Na verdade, o lugar carece de um discurso conciliador com a paisagem, não se formalizando enquanto *miradouro*¹⁰², nem integrando as particularidades da paisagem na sua própria experiência, nomeadamente, a forma como ela progride.

¹⁰² Os miradouros, são, por princípio, lugares altos que nos oferecem uma vista panorâmica. Pertencem ao grupo das imagens da dominação pacífica. São, frequentemente, altos promontórios diante do oceano, torres de vigia no centro de uma vila, cumes de montanha que avistam a terra inteira. O tipo particular de visão sobre o mundo que nos oferecem estes miradouros exalta simultaneamente o observador e aquilo que ele observa. A visão ampla, essa sensação de imensidão, desperta em nós um orgulho. Do nosso ponto de vigia, tomamos posse de todo o território; desde o primeiro vislumbre da vastidão do espaço à nossa volta, tornamo-nos donos do universo. (...)

Fazer cumprir o gesto será o principal motivo do redesenho do sítio, não fosse esse o principal *valor patrimonial* que aqui queremos preservar, anulando os edifícios hospitalares que o invalidem ou que o impeçam de se concretizar.

Na verdade, as operações a realizar sobre o lugar, quer sejam de anulação, reabilitação ou construção *ex novo*, devem dar corpo a este ciclo, que aqui se consagra num movimento circular que tem como *centro* o antigo convento. Queremos com isto dizer que o lugar deve ser um suporte para a multiplicidade de percursos que ali possam ser traçados, sendo precisamente essa *circularidade* que libertará a experiência do lugar ao sujeito, que se apropriará do espaço a partir desse *coração* que o integra sempre numa *unidade funcional*¹⁰³, qualquer que seja o rumo tomado. A introdução de novos edifícios parece ser determinante no redesenho do sítio, face à necessidade de formalizar esta sequência de espaços públicos que se articulam em torno do convento, dando ao lugar a sua *peninsularidade*. Este carácter peninsular deverá também ser o princípio da relação com a paisagem, sendo que a forma destes edifícios deve acompanhar naturalmente o seu desenvolvimento, desenhando os seus limites de acordo com as suas especificidades, e progredindo com elas, o que fará com que possa sempre ser lida de forma unitária, qualquer que seja a nossa direcção dentro deste grande gesto, que todos reúne.

O dado fundamental aqui é que, para que se possam desenvolver estes devaneios precisamos de um ponto fixo. A tomada de posse do território não acontece em qualquer lugar. Há que haver um pedestal, um cume, um limite, ou ao menos um centro onde seja possível concentrar a vontade de domínio. Para tal, estes centros de contemplação têm de ter a capacidade de fixar o Homem. É necessário que sejam refúgios psicológicos suficientemente fortes para permitir o desenvolvimento da imaginação. ESTEVES, Patrícia – *Gesto: Trabalho Preparatório para uma Demonstração Empírica*, 2010, op. cit., p. 71

¹⁰³ NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*, 1968, op. cit., p. 52

- **Paisagem**

Do primeiro vislumbre da paisagem, percebemos que o lugar não se resume ao acolhimento com que fomos recebidos – ele não acaba ali, leva-nos a mais, leva-nos a conhecer uma cidade inteira.

A paisagem, vista de Santo António dos Capuchos, é como o *pano de fundo* da sua experiência. Será, naturalmente, um objectivo, poder construir um discurso substancial com a paisagem, que a confirme como parte integrante do lugar. A relação simbiótica entre o lugar e a paisagem, não fosse ele um *miradouro em potência*, traz consigo a necessidade de desenhar de uma forma *fenomenológica* os limites entre os dois, pois serão eles que vão dar corpo a esta relação. Isto é, com base na especificidade da experiência da paisagem e dos seus significados, reconhecidos em várias etapas da contemplação (já aqui sublinhadas), dar-se-á continuidade ao redesenho do sítio, de uma forma informada e consciente dos vários substratos do lugar.

Como já vimos, a ambição que temos é que aqui se consagre uma *unidade funcional* ou, se quisermos, *existencial*, dependente da maneira como a forma, e o *gesto* que nela se imprime, se vai afeiçoar aos atributos expressivos tanto do lugar como da paisagem, trazendo-a à luz como construção de um conhecimento da cidade e, por extensão, de um *conhecimento do eu* – a paisagem ser-me-á *útil*.

Ora, a paisagem em Santo António dos Capuchos é lida em duas *ondulações*, que remetem para uma progressão na contemplação. Será este o princípio sobre o qual repensaremos os limites do lugar, ou melhor dizendo, a interface entre o lugar e a paisagem.

A primeira instância dá-nos conta de uma paisagem que entra pelo lugar, impondo-se sobre os seus limites. Na verdade, aquilo que seria, originalmente, uma *doce comunhão* com um mundo vegetal, é hoje um encontro fulguroso de

construções que invadem o reduto espacial do lugar, quase que privando-o do privilégio de poder *dominar pacificamente*¹⁰⁴ a paisagem.

A proposta deve, por isso, fazer erguer os limites do lugar, promovendo um certo *encerramento* face à superimposição do tardo dos edifícios da Avenida da Liberdade – eles conferem-lhe uma interioridade excessiva, quase que anulando a *intencionalidade* de um promontório sobre a paisagem. O lugar precisa, portanto, de limites que definam a sua própria interioridade por oposição à externalidade que é a paisagem – ao defender os seus limites, defende o seu interior, criando condições para que nos sintamos num lugar firme e seguro, característica essa da maior relevância num espaço onde se vai para *mirar*.

Do ponto de vista formal, dever-se-á calibrar esta relação, num sistema que deixe entrar a paisagem controladamente, como que numa selecção de vistas que a integrem num encadeamento. Este encerramento será, por isso, *flutuante*, isto é, oscila entre o velar e o desvelar da paisagem.¹⁰⁵

¹⁰⁴ ESTEVES, Patrícia – *Gesto: Trabalho Preparatório para uma Demonstração Empírica*, 2010, op. cit.

¹⁰⁵ Tome-se como referência a *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (Álvaro Siza Vieira), que desenha o lugar numa relação *entrecortada* com o vale do Rio Douro, através de uma interface interior-exterior erguida por um conjunto de edifícios que convidam a paisagem a fazer parte da dinâmica interna, mas sem prescindir da protecção da sua própria interioridade, condensando o lugar nos seus limites: *Em mais nenhum sítio é tão evidente a espacialidade da arquitectura de Siza do que no campus aberto, no coração do complexo. Neste pátio distendido, o vazio assume particular importância já que o posicionamento preciso de volumes estabelece uma sensação de encerramento flutuante. Este espaço expansivo e contráctil abre-se superiormente em direcção à massiva parede de pedra que encerra a Quinta da Póvoa, arrastando o palacete e o pavilhão para a sua família de formas. (...) Alinhados e desalinhados, os elementos arquitectónicos afirmam-se como uma presença material forte apenas fracturada pela luz do Atlântico, fundindo-se então com a envolvente.* TESTA, Peter – *Espaço Evolucionário: Projectar a Escola de Arquitectura do Porto*. In MENDES, Manuel (Coord.) – *O Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP, 2003, p. 72 [sublinhados nossos]

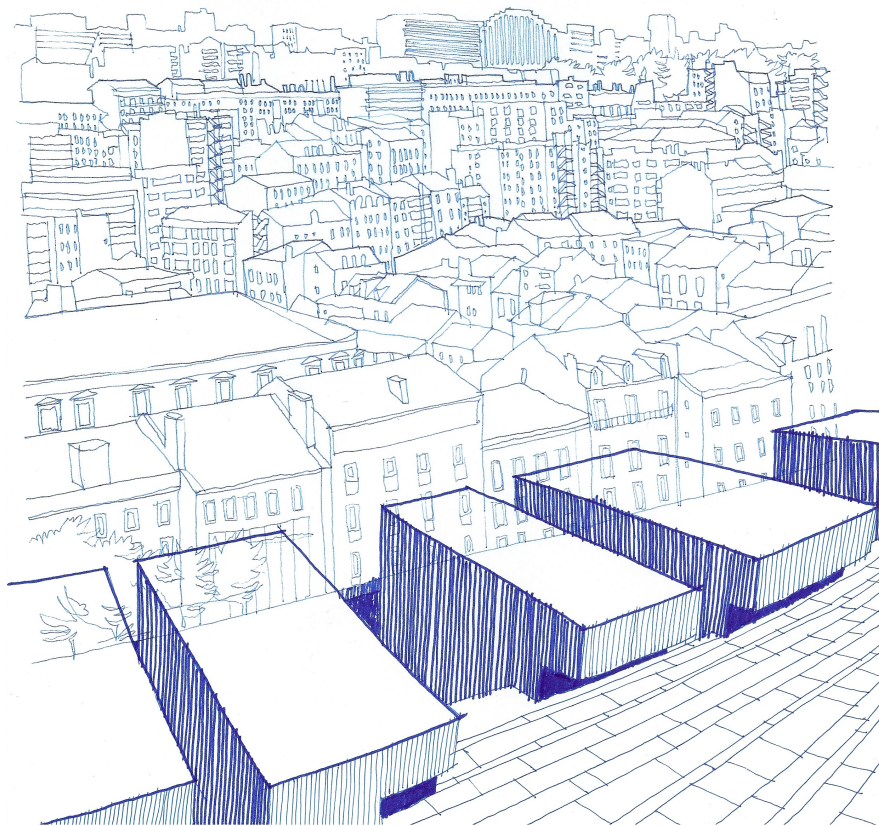


Figura 22 O redesenho do sítio, de dentro para fora

É certo que este primeiro momento, apesar de se apresentar ao olhar com alguma *agressividade*, não nos deve ser negado, sendo que é um episódio fundamental da leitura da paisagem; como já vimos, ele é o *lado de lá* da cidade, a partir do qual tomamos consciência de uma realidade urbana que não quer *ser vista*. O contacto com essa interioridade é precisamente uma das qualidades a preservar em Santo António dos Capuchos, inserindo-a num *panorama* que a ponha em perspectiva.

Nesse sentido, deve promover-se a *horizontalidade* natural do lugar, isto é, o modo como ele tem, em si, um movimento do corpo e do olhar sobre o horizonte. Com efeito, a progressão da paisagem é horizontal, acompanhando a topografia da cidade, pelo que este primeiro quadro deve ser entendido como parte de um todo que vai evoluindo com o espaço. O lugar deve munir-se da capacidade de inserir este primeiro momento num processo de contemplação de encadeamento fluído, para que possamos compreendê-la nas suas várias etapas, condensando as várias experiências que vamos fazendo da paisagem numa imagem da cidade como um todo, feito de várias partes. O redesenho do sítio deve, portanto, construir a *horizontalidade*.

Caminhando para sul, a distância da qual usufruímos, permite-nos reconhecer no lugar os seus limites, o seu domínio, a sua posição sobre a paisagem. A relação com a paisagem é por certo mais pacífica, aproximando-se da experiência plena de um miradouro. Sabemos que este momento decisivo na leitura da paisagem está isolado da experiência do lugar, reduzindo-se a um pequeno pátio. É já um pressuposto do redesenho do sítio desfazer este *hiato*, inaugurando o percurso até ao rio, como parte do *movimento* do lugar. Abandonando o leve encerramento do primeiro encontro com a paisagem, o chamamento apoteótico da paisagem conduzir-nos-á ao romper da forma, em direcção ao Tejo e à cidade histórica. Todavia, por *abertura* não queremos dizer *devassidão*, pois isso resultaria num enfraquecimento da condição de *porto seguro* do miradouro. Ainda que desfrutando de uma visão alargada do território, o lugar não deve abster-se de propor, na sua estrutura e no desenho

dos seus limites, um modo de relacionamento com a paisagem, significando-a. Tal como nas várias etapas da contemplação, ele *terá qualquer coisa a dizer*.

O lugar não será um miradouro – será o *miradouro* de Santo António dos Capuchos.

b. Um novo uso

• Lugar e Uso

A estratégia de requalificação do lugar deve ser consolidada pela proposta de *um novo uso*. As indicações que decorrem de uma investigação sobre o uso, ainda que de carácter especulativo, darão continuidade à discussão que se tem vindo a formar sobre o lugar, alargando-a para outros níveis de compreensão. Com efeito, será mais uma forma de perceber o potencial do lugar, isto é, o alcance da sua morfologia e da experiência que lhe está associada, no que diz respeito à disponibilidade para acolher uma determinada necessidade do homem. Esta questão encontra o seu princípio na própria história do lugar, cuja evolução programática, desde o uso conventual ao hospitalar, nos dá conta da enorme resiliência dos dispositivos do lugar, capazes de se adaptar a novas funções, enquanto valor acrescentado.

Paralelamente, a procura de um novo uso lança questões intimamente ligadas ao exercício do projecto, desencadeando-o. Na verdade, não é a definição do uso que dá o mote ao projecto – ele é apenas circunstancial – mas reveste-o de um cenário hipotético, que contribui para tecer conclusões cada vez mais fundamentadas sobre o futuro do lugar, nomeadamente, no que diz respeito à qualidade do seu *habitar*.

Seria sempre admissível equacionar um outro uso, diferente do que aquele que aqui será proposto, mas a sua importância ultrapassa a sua pertinência funcional ou até estatística, tendo como objectivo *pôr o lugar em causa*.

Propomos, então, para Santo António dos Capuchos, um *Centro de Medicina de Reabilitação*.

O programa da saúde é transversal à história do lugar, desde o convento-enfermaria, transformado em asilo de mendicidade e mais tarde em hospital.

O legado histórico, não só do ponto de vista material, como do ponto de vista programático, constitui um património que ultrapassa a qualidade construtiva ou estilística dos edifícios e se projecta no âmbito social e cultural, com a possibilidade de ser reinterpretado à luz de uma nova etapa. A continuidade da prática da saúde, aqui formalizada pela proposta de um Centro de Reabilitação, insere-se num *continuum* histórico de mais de quatro séculos, consolidando um traço da identidade do lugar, cuja imanente vocação cívica inspirou a adaptação do pequeno convento a equipamentos de grande relevância para a cidade, no que diz respeito ao acolhimento e tratamento da doença. A história insiste em corroborar esta ideia de que as características do lugar se adaptam ao processo de *cura*, pelo que fará sentido recuperá-lo como centro da sua actividade.

Mas não é só o argumento histórico que sustenta a hipótese lançada. Será sobretudo a forma do lugar, inserido num território de grandes unidades cadastrais, que cria condições para aqui se implantar um programa de excepção, como é o de uma unidade de saúde especializada. Efectivamente, esta grande superfície urbana, cercada no seu perímetro, revela um potencial que em muito ultrapassa a largueza de área disponível para construção.

Verdadeiramente, é a *protecção* da cerca que possibilita o aparecimento de um equipamento como um Centro de Reabilitação, que aqui encontra as condições necessárias para o confronto com a doença ou a incapacidade. Com efeito, o recolhimento do lugar permite que aqui se desenhe um programa com as suas próprias regras – a sua própria urbanidade – mantendo-se os utentes discretamente à *margem* da cidade, mesmo sem sair do seu centro. Paralelamente, a capacidade de aqui se estabelecer uma temporalidade própria, parece querer acolher aqueles que mais precisam de um lugar reservado do ritmo acelerado da cidade, respeitando a sua condição mais frágil e necessariamente mais lenta, neste caso, resultante de um problema físico ou motor.

Da mesma forma, abre-se espaço a uma ocupação cíclica, isto é, sobrepondo as etapas de apropriação do lugar aos próprios ciclos do tratamento, cuja experiência se desenvolve por conquistas progressivas, num compasso temporal que se vai repetindo e se vai coordenando com o do lugar. No fundo, a actividade do Centro de Reabilitação terá a capacidade de reiterar a experiência do lugar, senão mesmo comprová-la.

Disto é exemplo a relação com a paisagem, com um potencial evidente para enriquecer os rituais próprios do funcionamento interno do edifício, dando-lhes um sentido contemplativo, isto é, enquadrando-os na paisagem – como se a imediaticidade do tratamento se pudesse projectar num âmbito mais alargado. Certamente, a paisagem fará transcender a funcionalidade do novo uso para um outro nível, metafísico, cujo propósito serve também aqueles que se disputam a doença, encontrando na contemplação uma oportunidade para sair de si, animar o espírito e recuperar o fôlego.

Embora mantenha, de certa forma, a herança hospitalar, a estruturação de um Centro de Reabilitação é substancialmente mais *leve*, libertando o lugar do peso infraestrutural característico de um hospital moderno. Ao mesmo tempo, não exige o encerramento total do seu perímetro, permitindo a abertura (controlada) do espaço que o envolve ao usufruto público. Esta qualidade, que aqui deriva da sugestão do novo uso, é absolutamente fundamental, sendo que o lugar tem como vórtice da sua experiência o *miradouro*, que deverá ser oferecido à cidade, ligando-o a uma rede de lugares excepcionais, ainda que discretamente. Nesse sentido, a proposta de um Centro de Reabilitação é um convite a tornar permeável a experiência da paisagem, o que acaba por ser uma novidade em Santo António dos Capuchos. O novo uso consagra, assim, esta dupla realidade: encerra-se como *centro* do seu próprio espaço e do seu próprio tempo, mas traz à luz um *património* a ser por todos experimentado.

Paralelamente, é ainda relevante o modo como a proposta do Centro de Reabilitação recupera o sentido peninsular do lugar, que impele o sujeito a permanecer temporariamente, refazendo as suas etapas, para depois ser devolvido à cidade. Também este programa remete para uma sucessão de

eventos que culmina num *regresso* à comunidade, já numa nova condição física e psicológica, ou pelo menos com a ambição de uma nova condição. No fundo, é este retorno ao contexto de onde partíramos, que é específico da experiência do lugar, que nos remete com mais força para o processo de reabilitação que, ulteriormente, tem como objectivo reinserir o utente na sociedade, ultrapassando as barreiras da sua incapacidade. Mais do que o tratamento da doença *de per si*, falamos aqui da transformação de um *modo de vida*. Há nisto qualquer coisa que nos parece adequado ao lugar, bem como ao seu legado histórico – um lugar onde há espaço e tempo para *reaprender a viver*.

A forma como aqui se desenha um quotidiano denuncia o carácter autossuficiente desta *bolsa urbana*, pelo que os edifícios que tomarão posse do lugar devem albergar um conjunto de funções complementares que correspondam a essa expectativa do uso, funcionando interdependentemente. Nesse sentido, a proposta de outras valências associadas ao Centro Fisioterapêutico, como um edifício de Consultórios Médicos e um núcleo de Residências Assistidas, associadas, concebe o lugar como uma pequena *cidadela*, em que se cruzam percursos sem nunca se perder o sentido de unidade, bem como a vocação do lugar. A sua distribuição pelos diferentes espaços públicos vem dar profundidade ao *habitar*, através de um sistema arquitectónico que refaz os ciclos que já aqui referimos, ou seja, os ciclos do tratamento, que são também os do lugar.

Por sua vez, o antigo convento, enquanto *centro*, terá neste novo uso um motivo para dar continuidade à sua qualidade de ponto notável, coroando institucionalmente este conjunto urbano na paisagem. Do ponto de vista funcional, a sua *notabilidade* deve ser entendida como oportunidade para projectar o trabalho que aqui se desenvolve na cidade, representando-o, isto é, comunicando-o ao mundo lá fora. Falamos, portanto, de um uso dedicado à formação, à investigação, a conferências e até ao arquivo de documentação cientificamente relevante na especialidade. No fundo, promover-se-á a *partilha* de um conhecimento que decorre da própria actividade do Centro de

Reabilitação, transformando-o num conhecimento social e, sobretudo, cultural – acessível a todos.

Mas não só da medicina da reabilitação se deve definir o programa do antigo convento, como também pelo património e legado histórico do lugar de Santo António dos Capuchos, cujo valor deve ser revelado através de um pequeno núcleo museológico.¹⁰⁶

*

A definição do *novo uso* deu continuidade à descoberta do lugar, lançando questões que o puseram em causa, desta vez no âmbito da sua possível ocupação funcional. A hipótese que aqui sugerimos, deu-nos já algumas pistas sobre a forma como as qualidades do lugar podem ser reiteradas ou até *densificadas* pela proposta deste novo uso; principalmente no que toca à contribuição que os novos edifícios terão na vivência do lugar, pelo sujeito. Falamos, portanto, não só das características da sua forma, como também da qualidade das suas ambiências e a sua respectiva relevância na experiência. Interessa-nos, por isso, compreender como é que este novo uso, que se faz servir dos seus próprios princípios arquitectónicos e do seu próprio *tema*¹⁰⁷, pode também ele dar *sentido* à experiência do lugar.

Para o efeito, torna-se relevante compreender o *tipo de experiência* de um Centro de Reabilitação, isto é, o seu *propósito*, assegurando que as afinidades

¹⁰⁶ Actualmente, existe um curioso Museu da Dermatologia que ocupa a antiga sala do capítulo do convento. Não será, contudo, suficiente para revelar a verdadeira dimensão patrimonial de Santo António dos Capuchos.

¹⁰⁷ Por *tema*, entenda-se: um *Tema de arquitectura* é a conceptualização de um conteúdo existencial, imanente a uma espécie de habitação, que decorre de um conjunto de experiências que é pressuposto a essa determinada categoria de habitação – como a casa ou a igreja, o teatro ou o palácio –; o *Tema* indica o âmbito de experiências arquitectónicas que o objecto está destinado a proporcionar, um âmbito a priori de expectativas do habitante, que está imbuído neste, fruto de processos culturais ou mesmo procedente de domínios arquetipais. ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, 2005, op. cit., p. 295

que já identificamos entre o respectivo uso e a preexistência, possam de facto ser experienciáveis enquanto tal.

A investigação sobre o tema, será a base do projecto deste novo edifício, que tem como ambição responder adequadamente a um problema de arquitectura que depende da correcta formalização do seu interior e das suas atmosferas, para poder criar correspondências significativas com o lugar. Sem isto, perder-se-ia o *elo existencial* que ambicionamos entre o novo uso e o lugar.

Mais do que o diagrama de distribuição interna, será sobretudo a compreensão das suas *atmosferas* que nos dará indicações sobre o modo como a experiência interna do edifício pode *construir o lugar*, preenchendo-o de uma forma de vida.

- **Uso e Tema**

O ambiente que existia é uma coisa difícil de explicar. Era como se uma neblina nos envolvesse e nos víssemos completos, completos e sem deficiência. Uma vez lembro-me de me ter virado para o Semedo e de lhe ter perguntado as horas. Só que o Semedo não usava relógio, porque não tinha braços. Ele sorriu e percebeu perfeitamente que eu não o estava a ver assim, sem braços. Percebeu que o via inteiro.¹⁰⁸

O que é que o edifício quer ser?¹⁰⁹

¹⁰⁸ ROSA, Dora – *Renascer em Alcoitão: Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2013, p. 183

¹⁰⁹ Kahn's famous question, "What does the building want to be?", (...) reaches beyond the approach of functionalism. Functionalism is as a matter of principle circumstantial, going from the particular to the general. Kahn's question, on the contrary, suggests that buildings possess an essence which determines the solution. His approach thus represents an inversion of functionalism; the latter proceeds from "below", whereas Kahn starts from "above". Over and over again he emphasized that

Os edifícios que tomarão lugar em Santo António dos Capuchos, encerrarão em si aquilo que podemos nomear como o principal predicado da arquitectura: a sua experiência. Na verdade, é a experiência da arquitectura que nos permite estabelecer com o espaço um elo de ligação, seja ele de que qualidade for.

Ora, a pergunta de Kahn não será mais do que uma tentativa de trazer para o processo de projecto aquilo que é uma questão de fundo da Arquitectura: como é que o espaço, enquanto entidade física mais ou menos simples, *acolhe* o sujeito? O que é que a experiência do edifício nos oferece, enquanto seres humanos? O que é que nos conduz, que nos impele os movimentos? – *O que é que o edifício quer ser?*

Serão questões certamente pertinentes para aqueles que se deparam com o exercício da arquitectura, na medida em que a procura destas respostas os aproximará dos desejos e das expectativas daqueles que farão uso do espaço.

Também em Santo António dos Capuchos os edifícios terão uma *vontade de ser*.

A hipótese de novo uso que imaginámos para o conjunto, que tem como base o programa do Centro de Medicina de Reabilitação, é o ponto de partida para a investigação sobre o tipo de experiência que o edifício *quer* proporcionar. Curiosamente, será através da proposta de um novo uso que reencontraremos algo que, na verdade, é anterior à função de um edifício, mas que está necessariamente a ela ligada – a sua *instituição humana*.¹¹⁰

there exists an order which precedes design. (...) This order comprises the whole of nature, including human nature. Thus "a rose wants to be a rose". (...) Every form has an "existence-will", which determines the very nature of things. NORBERG-SCHULZ, Christian – Kahn, Heidegger and the Language of Architecture, 1979, op. cit., p. 29-31

¹¹⁰ Termo utilizado por Louis Kahn, referindo-se aos desejos do homem, isto é, as razões essenciais pelas quais um edifício existe e é construído. Não se trata, aqui, de aspectos meramente funcionais: a *instituição humana* remete para uma vontade do homem, partilhada em sentido comum, que se imprime num determinado edifício – *Above all, architecture is an expression of man's institutions. These institutions stem from the "beginning" when man came to*

Desta forma, procurar-se-á compreender o que é que induz um utente de um Centro de Reabilitação a percorrer os seus vários espaços, reconstruindo a partir disso a *atmosfera* do edifício. No fundo, trata-se de perceber como é que a arquitectura vai acolher o utente.

A Reabilitação enquanto processo de profunda transformação do sujeito é, irremediavelmente, o mote para a procura de um sentido espacial para o edifício, não fosse essa a sua razão de ser. De facto, é essa a *vontade* partilhada tanto pelo sujeito como pelo edifício – procuraremos manter esta afinidade. Nesse sentido, começaremos por compreender o sujeito, remetendo as suas necessidades (ou, melhor dizendo, *ambições*) para as características do seu espaço envolvente, esboçando assim a experiência do edifício.

*Sinto que aqui vão fazer alguma coisa por mim.*¹¹¹

Sendo o Centro de Reabilitação um lugar que se confronta com a doença ou a incapacidade, tem como principal propósito a recuperação da qualidade de vida do sujeito. Com efeito, num Centro de Reabilitação recaem as expectativas de se poder retomar aquilo que foi interrompido – física, psicológica, profissional ou socialmente. O processo de reabilitação psicomotora é, por isso e acima de tudo, um processo de *reconquista*. Confrontados com a sua própria incapacidade, os utentes são levados a descobrir em si mesmos um potencial desconhecido, fruto de um trabalho intenso, no qual são

realize his "desires" or "inspirations". The main inspirations are those to learn, to live, to work, to meet, to question, and to express. (...) What Kahn talks about are man's basic forms of Being-in-the-world, to use Heidegger's terminology. Life is not arbitrary, but has a structure which comprises man and nature. Kahn confirms this holistic view, emphasizing the commonality of man's inspirations and institutions. NORBERG-SCHULZ, Christian – Kahn, Heidegger and the Language of Architecture, 1979, op. cit., p. 31. Atente-se, ainda, para as palavras do próprio Kahn: Everything that an architect does is first of all answerable to an institution of man before it becomes a building. KAHN, Louis, cit. in NORBERG-SCHULZ, Christian – Kahn, Heidegger and the Language of Architecture, 1979, op. cit.

¹¹¹ ROSA, Dora – *Renascer em Alcoitão: Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*, 2013, op. cit., p. 146

desafiados a construir uma nova circunstância de vida – uma nova realidade. É um lugar de transição, onde se faz a ponte com o *mundo lá fora*, não fosse o seu objectivo reinstaurar o sujeito no seu meio ambiente normal. Não é, por isso, um lugar onde se vai para morrer – vai-se, como vimos, para reaprender a viver.¹¹²

Não obstante a necessidade que a Medicina de Reabilitação tem do seu próprio tempo e do seu próprio espaço, protegendo a intimidade dos seus utentes, o edifício amplia-se para além dos seus limites físicos, trazendo para o seu interior a realidade do quotidiano, do dia-a-dia, da família e da sociedade. No fundo, o edifício resolve esta dualidade entre *querer ser* um abrigo num momento de fragilidade e, simultaneamente, um impulsionador da normalidade da vida, que continua, lá fora.

*Alcoitão deu-me a possibilidade de ter uma vida. Ressuscitou-me.*¹¹³

Tomaremos, então, como ponto de partida desta investigação o *Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*, que é frequentemente citado como principal referência na especialidade. Servir-nos-emos, ainda, de outros exemplos que contribuam, de alguma forma, para construir um discurso coerente e informado, que remeta para um conjunto de indicações precisas para o exercício do projecto.

¹¹² “Reabilitar”, tornar de novo hábil ou apto. Isto é, na sequência da alteração de um estado de equilíbrio (...), pratica-se uma acção ainda eminentemente médica que procura uma “reintegração na família, no meio comunitário e no exercício profissional compatível com as funções atingidas”.

A “reabilitação” só pode entender-se como completada quando o indivíduo readquirir uma função social determinada. A reabilitação médica não é mais do que uma primeira fase de um processo de readaptação social. O indivíduo volta a ser útil à sociedade em que pertence. SANCHEZ, Formosinho – *Hospitais: Da organização à arquitectura*. Lisboa: Estúdios Cor, 1969, p. 17

¹¹³ ROSA, Dora – *Renascer em Alcoitão: Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*, 2013, op. cit., p. 183

- **Tema e Atmosferas**

A experiência de um Centro de Reabilitação deve, como já vimos, ser sensível à importância da relação entre o recolhimento e a exposição ao mundo exterior, como se a interioridade do edifício se sustentasse a partir de um diálogo aceso (mas ponderado) com o contexto. Vimos também que a reabilitação é como um ciclo, um conjunto de etapas que se desenvolvem num determinado tempo e que têm o seu próprio ritmo, cujo objectivo é o de conquistar progressivamente capacidades perdidas ou ainda por adquirir.

A especificidade de um programa de reabilitação parte destas duas definições de espaço e de tempo, que marcam indelevelmente a experiência do edifício. Existe, por isso, a construção de um quotidiano próprio nos limites deste lugar, que se afasta das rotinas hospitalares e entra no domínio da promoção de um *modo de vida*, reunindo múltiplas valências num circuito que liberta o utente da sobredeterminação do hospital.¹¹⁴

Ora, em primeiro lugar, o edifício deve acolher os utentes num lugar de limites bem reconhecíveis, que lhes transmita a sensação de um refúgio onde possam depositar as suas inquietações, mas sobretudo as suas esperanças. A humanização dos espaços é, portanto, da maior relevância na criação de um

¹¹⁴ O *Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia* (Herzog & de Meuron) mostra-se igualmente relevante na reinvenção da tipologia hospitalar, servindo-se de um núcleo funcional diversificado, ancorado num conjunto claro de espaços públicos – praças, ruas, pátios e jardins – articulados entre si, como se de um pedaço autónomo de cidade se tratasse.

O projecto parece consciente da importância deste tipo de edifícios na construção de um quotidiano para o sujeito, que muitas vezes está condicionado a tratamentos prolongados. Desta forma, o Centro vive da sua própria *urbanidade*, uma urbanidade que o afasta dos condicionalismos impostos por um hospital, reencontrando um sentido deambulatório próprio da fruição livre da cidade, na forma como o sujeito é levado a navegar por entre as várias valências do edifício, autonomamente. Santo António dos Capuchos deverá retomar este princípio de projecto, tirando partido da sua qualidade de recinto conventual (com as condições de interioridade que caracterizam o *estar dentro da cerca*), para estabelecer um território que permite uma vivência plena dos seus espaços públicos.

ambiente propício à cura: um ambiente próximo do doméstico, que encoraje as relações de familiaridade e que, sobretudo, ajude a desmistificar a doença.¹¹⁵

A procura de valores afectivos espelha-se também na escolha dos materiais, onde a textura e a temperatura assumem um papel relevante na criação de uma atmosfera favorável ao tratamento, mas também no enobrecimento do trabalho que ali se faz dentro – a experiência da reabilitação deve ser também uma experiência de dignificação do sujeito.¹¹⁶ O detalhe arquitectónico contribui, assim, para um ambiente de auto-valorização, quer seja pelo estímulo dos sentidos, quer seja pela conservação de uma imagem de estima e apreço.

O interior do edifício deverá, ainda, ser sentido como um dos principais percussores da liberdade do utente, abrindo espaço aos seus movimentos e estimulando a sua autonomia.¹¹⁷

¹¹⁵ Esta intensidade emotiva entre o sujeito e o espaço é também estimulada nas *Residências para Idosos de Chur* (Peter Zumthor). O corredor de acesso às unidades de habitação ultrapassa o seu pressuposto funcional, desenhando-se como grande sala de estar que dilata quando se cruza com as antecâmaras dos apartamentos. Este dispositivo, para além se constituir como espaço de convívio para os utentes, aparenta ser uma extensão das suas casas, *personalizando-se*. O Centro de Reabilitação deve, de certa forma, adquirir este sentido familiar, recusando a impessoalidade do espaço e, conseqüentemente, promovendo a sua humanização.

¹¹⁶ Destes materiais destacar-se-á a madeira, portadora de qualidades largamente citadas pelos edifícios aqui mencionados. Veja-se a sua utilização nos acabamentos e no mobiliário fixo e móvel do *Centro de Reabilitação de Alcoitão*, que suaviza o contacto com a dureza da doença; ou nos revestimentos interiores e exteriores do *Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia*, que envolvem o utente no calor do seu acolhimento; e até mesmo nas *Residências para Idosos de Chur*, cujas paredes de madeira exteriores das habitações denunciam o *conforto* guardado no seu interior.

¹¹⁷ Aqui, ressalva-se a importância de elementos facilitadores da mobilidade: uma guarda num espaço de circulação pode encorajar o sujeito a percorre-lo sem o auxílio da cadeira-de-rodas.



Figura 23 Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia



Figura 24 Residências para idosos em Chur

Paralelamente à experiência da *afectividade*, centrada sobretudo no sujeito enquanto indivíduo, o Centro é também um lugar de partilha. As relações interpessoais são parte integrante do processo de reabilitação, pois serão elas a dar-lhe sentido.¹¹⁸ Referimo-nos não só às relações que se estabelecem entre paciente e terapeuta, como às relações entre pacientes e até mesmo entre familiares. A abertura ao contacto humano é preponderante, pelo que a própria organização do edifício não lhe será alheia.¹¹⁹

Efectivamente, a distribuição dos espaços recusa, à partida, uma hierarquização rígida. As várias actividades que ali se cruzam, mantêm uma franca ligação entre elas, como se os espaços servissem todos o mesmo propósito, isto é, um projecto comum, partilhado por todos. Falamos da cura num sentido holístico, como um todo inclusivo, em que os utentes não são distribuídos por corredores próprios nem as suas actividades remetidas para salas isoladas do circuito normal do edifício. A doença é enfrentada aqui, *ao de cima*, ante todos e sem preconceitos.

Não pretendemos com isto por em causa o direito à privacidade. Certamente que um programa de saúde não poderá subtrair-se da obrigatoriedade de cuidar da intimidade do paciente. Mas antes queremos

¹¹⁸ Tome-se como referência o lar de idosos *De Drie Hoven* em Amesterdão (Herman Hertzberger), que põe em evidência a importância da arquitectura na concretização de um sentido de colectividade. O edifício desenha um espaço de grande dimensão – como que uma praça central – onde confluem as galerias de acesso aos quartos. É como uma clareira, aberta ao desenvolvimento de relações humanas e à *interpessoalidade*.

¹¹⁹ A este respeito, atente-se novamente para o *Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia: The diversified design offers patients and their relatives a building that does justice to the complexity of their needs. There are places where one can retreat and be alone and others in which to enjoy company. And there are also non-territorial places that are not assigned to a specific function, small places for the times in between treatments, for conversation with relatives, or for staff members during their breaks. The REHAB is an open, permeable, breathing building.* Excerto da descrição sobre o *Centro para Lesões Medulares e Cerebrais de Basileia* de Herzog & de Meuron. Disponível em: <https://www.herzogdemeuron.com/index/projects/complete-works/151-175/165-rehab-centre-for-spinal-cord-and-brain-injuries.html> [Consultado a 18.10.2016]

reiterar a importância de uma arquitectura *inclusiva*, que desconstrua a doença, começando pela forma como se organizam os seus espaços.¹²⁰

*No interior do edifício desenvolve-se também uma calculada transparência dos espaços entre si (...) como reflexo do modo pioneiro e “transparente” de encarar e tratar a deficiência (...).*¹²¹

Será este mais um ponto que distancia o Centro de Reabilitação de um comum hospital.

A própria relação com o exterior é representativa desta *calculada transparência* que caracteriza a experiência do edifício. Já aqui falámos da importância do *mundo lá fora* na dinâmica do espaço interno. Na verdade, é o contacto com o exterior que dá um sentido palpável ao trabalho que aqui se faz: é ali que se projectam os sonhos de uma realidade a ser vivida. Ora, sendo esse um elemento importante no processo de recuperação, a arquitectura deve ser criteriosa na forma como o integra na vivência do Centro.

Se é evidente que um programa desta natureza não é compatível com a abertura completa aos espaços exteriores, correndo o risco de perder a tão necessária interioridade, não será também concebível a sua completa negação.

¹²⁰ Também o *Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian*, em Lisboa, parece querer afastar-se de uma organização interna tipicamente hospitalar, com um efeito positivo sobre a qualidade das suas ambiências: (...) *foi sua intenção dominante, desde início, tentar ultrapassar o chamado meio-ambiente-hospitalar, procurando, pelo contrário, criar um ambiente aberto e estimulante de relações humanas, nomeadamente evitando uma hierarquização espacial rígida dos vários sectores.*

Nas palavras do arquitecto autor do projecto [Cândido Palma de Melo], “Embora um Centro seja um misto de tratamento e educação, onde a par de uma equipa de médicos especialistas se move uma outra de funções pedagógicas, e embora também o factor fisioterápico possa de certo modo adquirir proporções dominantes, tentámos neste projecto, através de uma organização espacial homogeneizada, dominar o factor ambiente, de modo a (sem necessidade de recorrer a processos de trucagem), conseguir-se para a criança não um local onde se trata mas o local onde se recupera.” *Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian*. In *Arquitectura* Nº116, Julho-Agosto 1970, p. 148

¹²¹ ARRUDA, Luísa – *Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão. História do projecto de medicina de reabilitação: A arquitetura e a arte*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2006, p. 60

De facto, falamos antes de uma relação bem estudada, diríamos fenomenológica, isto é, de acordo com as circunstâncias específicas do lugar.

Ainda assim, há certos aspectos que parecem ser já indicativos da experiência de um Centro de Reabilitação. Nomeadamente, o contacto ao nível térreo deverá ser feito a partir de uma atmosfera controlada, que recupere de certa forma o sentido comunitário do programa e que funcione como expansão visual do interior, alargando assim os seus limites sem perder a qualidade de espaço protegido.

Da mesma forma, a necessidade de um mediador interior-exterior concretiza-se no desenho dos vãos, ou seja, na experiência que o sujeito faz do exterior, enquanto *pano de fundo* das suas actividades. O contexto enquanto fenómeno, não pode por isso passar despercebido ao utente, que assim fortalece o sentimento de pertença e afinidade com o lugar.

A ligação visual aos elementos naturais, como a água ou a vegetação, é particularmente sugestiva desta realidade, pela sua capacidade de servir de enquadramento espacial e temporal da experiência. Com efeito, a evolução do tratamento sobrepõe-se à transformação da paisagem: os tempos (o da reabilitação e o da paisagem) associam-se, resignificando os ciclos de apropriação do edifício. O ritmo do paciente, necessariamente mais lento do que o da sociedade, reencontra aqui uma cadência familiar. A predominância de pontos de vista sobre o exterior remete, ulteriormente, para a vontade de integração num âmbito mais alargado – relativizando, *pondo em perspectiva*.

A relação particular que o Centro de Reabilitação mantém com o exterior é, tal como os restantes aspectos, um elemento fundamental na *composição* da experiência do edifício.¹²²

¹²² Do envolvimento com a paisagem como princípio estruturante de projecto é exemplo o *Hospital Psiquiátrico de Helsingor* (Bjarke Ingels Group). Este complexo arquitectónico estrutura-se em torno de um núcleo central, de onde radiam volumes paralelepípedicos, albergando as salas de terapia. Desta organização resultam diferentes enfiamentos para a paisagem, que seleccionam criteriosamente as vistas – entre as montanhas e o lago – consoante os conteúdos programáticos dos espaços. Também este edifício tem como fundamento uma vivência intensa das qualidades naturais do lugar, acreditando que o sentimento de evasão que delas decorre, instiga a cura.

Reconhecidos os factores relevantes para o quotidiano do utente, conseguimos finalmente dar espessura à experiência do edifício. Tudo somado, falar de um Centro de Reabilitação é falar de um termo (mas audaz) convite à *cumplicidade* para com a doença ou a incapacidade.

- **Sobre a relação com a paisagem**

Duas filas de camas de cada lado, uma em frente à outra, intervaladas por pequenas mesas-de-cabeceira, ocupam o espaço sem o encher em demasia. Àquela hora tudo está tranquilo: as mulheres internadas nesta ala já cumprem os seus programas de tratamento e as limpezas rotineiras do início de cada dia também estão concluídas. Ao fundo, mesmo em frente à porta, grandes janelas a todo o comprimento da parede deixam entrar a luz, juntamente com a imagem do azul liso do céu e dos verdes da vegetação que envolve o edifício. “Isto nem parece um hospital. (...) Quando cheguei, da sala onde tomei o pequeno-almoço vi o mar. Já nem me lembrava quando tinha sido a última vez. Foi bom ver o mar...”¹²³

Embora o presente subcapítulo tenha como objectivo reunir um conjunto de indicações sobre a experiência concreta de um Centro de Reabilitação, torna-se, neste ponto, imperativo fazer uma ponte entre a generalidade do *tema* e a especificidade de Santo António dos Capuchos. Conhecendo previamente a realidade do lugar, não é possível imaginar a experiência do edifício sem fazer uma referência breve ao potencial da relação com a paisagem na renovação do sujeito.¹²⁴

¹²³ ROSA, Dora – *Renascer em Alcoitão: Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*, 2013, op. cit., p. 146-147

¹²⁴ Também o *Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão* não ignora o potencial da paisagem: *O edifício desenvolve-se em estreita relação com a paisagem natural e o espírito do lugar (...) propiciando a vivência do silêncio, do bom ar, do calculado arranjo da envolvente (...). Criaram-se*

Na verdade, o contacto com a paisagem é, aqui, como um companheiro do processo de cura. A contemplação, mesmo nos momentos mais fortuitos, tem a capacidade de nos *recolocar*, de dar um sentido a um caminho percorrido, perdido e retomado. Confiamos à paisagem as nossas derrotas e as nossas conquistas, na certeza de que a cidade continua a ser cidade e que nela podemos tomar poiso firme. Aqui sabemos onde estamos e para onde caminhamos. Apesar de a paisagem estar em contínua transformação, ela tem a estabilidade suficiente para nos ser como um *porto seguro*, onde nos ancoramos, onde nos agarramos à vida e ao mundo e, simultaneamente, nos *abandonamos* de nós mesmos num processo contemplativo. A paisagem, na sua *melodia*, é o elemento constante, com o qual crescemos, revestindo os ciclos temporais de um sentido pictórico que os tingem e os significa: um sentido *paramim*.¹²⁵

De facto, o potencial terapêutico da paisagem não poderá ser relegado para segundo plano, tal é a possibilidade de um efeito positivo na recuperação do sujeito.

Como não poderia deixar de ser, a paisagem será um claro protagonista em determinados momentos da ambiência interior do edifício, como aliás também o fora na constituição morfológica do lugar. Trata-se, no fundo, do património que Santo António dos Capuchos tem para oferecer à experiência deste edifício, nas suas várias dimensões, e a quem por aqui passar.

efeitos de *transparência* entre interior e exterior do edifício, tanto a nível térreo, onde surgem elementos dos jardins enquadrados pelas aberturas, como nos planos mais elevados em que se desfrutam vistas de mar a sul e da serra de Sintra a noroeste. ARRUDA, Luísa – *Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão. História do projecto de medicina de reabilitação: A arquitetura e a arte*, 2006, op. cit., p. 62

¹²⁵ Ver nota de rodapé 97, Capítulo III, p. 83



Figura 25 Foto colhida em meados da década de 1970, do interior de uma antiga Enfermaria do Hospital de. S. José

CAPÍTULO V
_projecto

My house is practical. I thank you, as I might thank Railway engineers or the Telephone service. You have not touched my heart.

But suppose that walls rise towards heaven in such a way that I am moved. I perceive your intentions. Your mood has been gentle, brutal, charming or noble. The stones you have erected tell me so. You fix me to the place and my eyes regard it. They behold something which expresses a thought. A thought which reveals itself without word or sound, but solely by means of shapes which stand in a certain relationship to one another. These shapes are such that they are clearly revealed in light. The relationships between them have not necessarily any reference to what is practical or descriptive. They are a mathematical creation of your mind. They are the language of Architecture. By the use of inert materials and starting from conditions more or less utilitarian, you have established certain relationships which have aroused my emotions. This is Architecture.¹²⁶

Le Corbusier

The difference between prose and poetry is not that different languages are used, but that the same language is used, differently. (...)

The same is true for pattern languages. It is possible to make buildings by stringing together patterns, in a rather loose way. A building made like this, is an assembly of patterns. It is not dense. It is not profound. But it is also possible to put patterns together in such a way that many many patterns overlap in the same physical

¹²⁶ LE CORBUSIER – *Towards a New Architecture*. New York: Dover Publications, 1986, p. 153, 179, 203

*space: the building is very dense; it has many meanings captured in a small space; and through this density, it becomes profound.*¹²⁷

Christopher Alexander

a. Um novo lugar

- De fora para dentro

O projecto procura *revelar* Santo António dos Capuchos enquanto ponto notável na cidade, dando continuidade àquilo que faz dele um lugar excepcional, isto é, a sua *identidade topográfica*. A depuração do sítio, pela anulação das camadas que se foram adicionando através das construções hospitalares, é o primeiro acto de projecto – libertando-o da *máscara* que o oculta, ampliam-se as possibilidades de se reintegrar na cidade enquanto *lugar-âncora*.

A definição do *promontório* assume, no projecto, especial relevância, pois é o suporte sobre o qual se sustenta a excepcionalidade do lugar. Desta forma, os edifícios propostos estabelecem-se nos seus limites, refazendo toda a sua extensão perimetral, dando-nos conta da sua *horizontalidade*. A arquitectura revela, assim, a orografia do lugar, num conjunto de *edifícios-topografia* que constroem uma base sólida, como que num reencontro com a superfície da terra – são o *chão da cidade*.

Revestindo-se de uma textura rugosa, que percorre uniformemente as formas, o extenso *tabuleiro* assume um carácter pétreo, sobre o qual se poisa o Convento, de uma brancura lisa e luminosa, que contrasta com a rigidez do seu pódio.

¹²⁷ ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977, p. xli

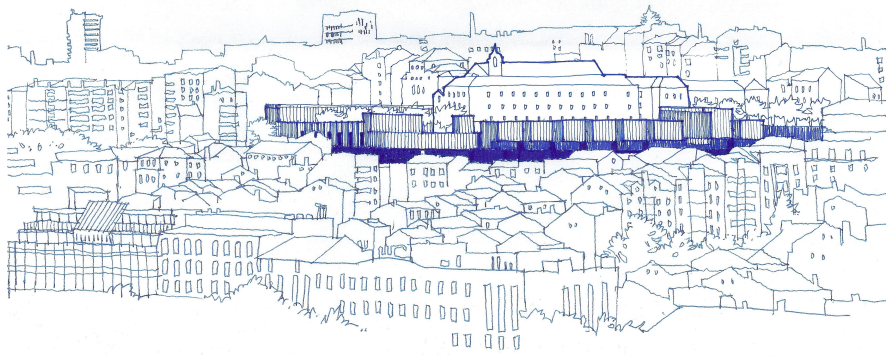
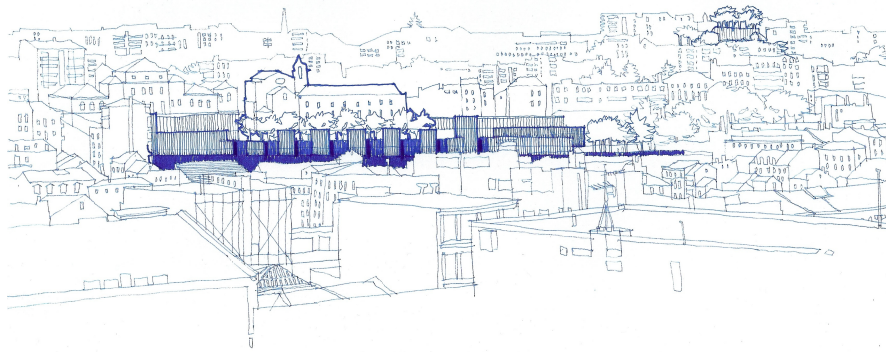


Figura 26 Um novo lugar, de fora para dentro (poente, sul)

Os edifícios que se estabelecem em torno do Convento, reconstruindo este fenómeno topográfico, fundam o lugar e marcam definitivamente o seu território por oposição à cidade. A presença de vegetação e conjuntos arbóreos na plataforma inferior (aquela sobre o qual se eleva o promontório), reitera ainda a sua exclusividade face ao contexto que o rodeia, envolvendo-o na *solenidade* das árvores que preservam o lugar e nos anunciam que ali se saboreia uma outra forma de vida.

Este conjunto volumétrico não preconiza, no entanto, uma ruptura total com a envolvente, antes promovendo relações de afinidade com o contexto (que identificámos como característica da personalidade do lugar).¹²⁸ Com efeito, a superfície regular das fachadas dos edifícios é como que *fendida* por interrupções na matéria rochosa, breves ou mais prolongadas, que amenizam a *potência autoritária* desta forma extensa e contínua. Estas *cisões* criam espaços por entre os volumes, que os carregam de *sombras*, quebrando a prepotência do promontório e *acomodando-o* à envolvente.¹²⁹

¹²⁸ Veja-se, por oposição, a *Escola Superior de Música do Instituto Politécnico de Lisboa* (João Luís Carrilho da Graça), cuja *pureza* formal contrasta violentamente com o contexto que o rodeia. A cor branca que reveste as fachadas opacas do edifício, faz resplandecer esta arquitectura no seio de uma cidade que parece crescer descontroladamente. Como se não se deixasse contaminar pelo caos sobre o qual pousa, eleva-se do solo através de leves pilares que o retêm no seu próprio domínio. O edifício vira-se, ainda, completamente para dentro, como que criando um *espaço sagrado* no seio de um *mundo profano*, recusando a abertura ao contacto com a envolvente e tendo apenas o céu como tecto.

¹²⁹ O edifício *L'illa*, em Barcelona (Rafael Moneo), resolve o potencial *autoritarismo* desta grande extensão volumétrica, quebrando o volume em avanços e recuos do alinhamento original da fachada, criando sombras e escorços que parecem simular a sucessão natural de edifícios na rua, afeiçoando-o à cidade: *It was no easy task to construct a building that was more than three hundred meters long. Concentrating most of the surface area (...) into one single building produced a huge volume that could only be treated with the utmost care, especially since we chose to give it consistency by using only one material: Roman travertine. In order to prevent such an important volume from being perceived as an undifferentiated mass, both the plan and the profile were broken and segmented, and (...) the building was perforated by passageways.*

Thus the building put aside regularity and insisted on the accident, whether it be a passage or a setback.



Figura 27 L'illa

(...) Moreover, it will not come as a surprise if I point out that L'illa has a somewhat picturesque quality that prevents the ensemble from acquiring an overly authoritarian character.

(...) As I discussed earlier, despite its bigness, L'illa strives to address uniqueness and specificity, and thus it resists regularity and symmetry. The architecture was sensitive to the city's needs at every point and attempted to provide a response that would not allow totalitarian formal principles to prevail. We relegated the building's image to its openings, an unusual design approach today, particularly for containers, but in this case it struck us as capable of serving the project's purpose: to achieve an architectural image that could be described as urban. MONEO, Rafael – *Remarks on 21 Works*. London: Thames & Hudson, 2010, p. 233-235

Deste modo, o edificado tanto consolida os limites do lugar, como deixa escapar momentos da sua *interioridade*, antevendo-se a qualidade do ambiente que por ele é reservado. Não queremos com isto remeter para uma arquitectura *transparente*, pois isso significaria tanto a anulação do seu carácter de solidez, como a perversão do seu sentido de interioridade – tão importante na relação interior-exterior que aqui temos vindo a defender – mas que se deixa romper, controlada e criteriosamente, recusando o despotismo das suas *fronteiras*. (característica que será determinante no modo como o lugar se relaciona com a paisagem.)

Na verdade, os momentos em que o promontório se fragmenta, são também os instantes que compõem a espacialidade interior do lugar, isto é, o afeiçoamento da forma surge *de dentro para fora* – mais do que um objecto sobre uma plataforma, é como uma *unidade interpenetrável*, em que os dois elementos se entrecruzam, dependendo um do outro.

Renasce o lugar com uma identidade própria, a ser reintegrada na paisagem da cidade, em que o Convento e os novos edifícios são finalmente um – *um ponto notável* – vistos *de fora para dentro*.

- **De dentro para fora**

Como vimos, o conjunto que toma posse do lugar não só refaz a topografia, visto de fora, como constrói a sua experiência interna, num discurso que procura retomar os rastros deixados pela preexistência, formando com ela uma *aliança* existencialmente significativa.

A estratégia que associámos ao lugar passa, então, pela conquista da unidade da experiência, que está sobretudo dependente da formalização da *peninsularidade* do lugar, isto é, a característica da forma que vai fazer cumprir o *gesto*, transformando o potencial que identificámos no lugar, numa *circunstância concreta* e plenamente fruível.

A proposta desenvolve-se em torno do Convento, enquanto *coração* do lugar, configurando a partir dele um conjunto de espaços públicos, que o

rodeiam e o enquadram num recinto de limites bem definidos – os limites do promontório.

O primeiro desses espaços públicos é a alameda, a nascente, que se articula com o largo da igreja, num dispositivo arquitectónico que recebe o sujeito. O projecto parte dessa concavidade do largo da igreja, para redesenhar a alameda como eixo pedonal em direcção ao templo. Prevê-se, então, um alinhamento de árvores silvestres que preenchem lateralmente o espaço, bem como um pequeno espaço verde pontuado por uma fonte, que absorve a cidade que ficou para trás e assinala a entrada num lugar *especial*.

Mas não só desta *direccionalidade* se faz sentir a alameda de Santo António dos Capuchos. A sua formalização é também o princípio de uma espacialidade que se pretende afastada do bulício da cidade, defendendo a sua própria temporalidade.

A pedonalização traz consigo uma mudança de pavimento, que substitui o alcatrão, abandonando definitivamente a ambiguidade que agora reveste este espaço, pavimentando-o de um material pétreo, quebrado e rugoso, que desacelera o passo e dá o *tom* ao movimento que nele fazemos.

A experiência do lugar não se resume, todavia, ao acolhimento da alameda. Atravessando o convento, para poente, seduzidos pelo vislumbre da cidade, tomamos contacto com uma realidade inesperada, que nos dá conta de um *lugar alto*¹³⁰, que beneficia de uma relação privilegiada com a cidade aos seus pés. A proposta responde agora a esta dupla necessidade de formalizar os limites do lugar e promover o contacto com a paisagem, de acordo com a sua progressão e as suas especificidades.

¹³⁰ *The instinct to climb up to some high place, from which you can look down and survey your world, seems to be a fundamental human instinct. (...)*

These high places have two separate and complementary functions. They give people a place to climb up to, from which they can look down upon their world. And they give people a place which they can see from far away and orientate themselves toward, when they are on the ground. ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*, 1977, op. cit., p. 316

O canal de projecção sobre a paisagem, que teve início ainda no largo da igreja, culmina agora numa pequena plataforma que se entrega à paisagem, e nos revela uma cidade inteira a conhecer. A imagem com que nos deparamos é dominada, como sabemos, pelo tardo dos edifícios, que se erguem *monumentalmente*, preenchendo o olhar. Este primeiro momento dá o mote à caracterização da orla poente do lugar, sobretudo pela forma como ela vai progredindo a par e passo com a paisagem. Com efeito, ultrapassado este instante, os limites do lugar começam a erguer-se, definindo uma praça emoldurada pela fachada poente do Convento, de um branco cândido, coroado pela torre sineira que assinala verticalmente a presença do lugar, enquanto *landmark*. Enquadrado nesta praça, está um conjunto de árvores de fruto, cuja cor e perfume remetem definitivamente para a singularidade deste lugar – uma atmosfera protegida, compassada pela sombra das árvores e pelo crescimento dos frutos.¹³¹

No extremo oposto da praça que se abre ao olhar, soltam-se pequenos volumes paralelepípedicos, *pedaços do promontório*, conformando uma espécie de linha descontínua, numa intermitência de cheios e vazios que tanto defende o lugar da cidade – que aqui se impõe sobre a sua *interioridade* – como a deixa escapar por entre a profundidade da matéria. Na sucessão de enquadramentos, compõem-se retratos de uma paisagem que sabemos ser tão próxima, mas que nos aparece pacificada pela presença reconfortante destes sólidos objectos, onde pudemos perdurar e *compreender* a paisagem.

¹³¹ Tenha-se como referência a atmosfera do *Patio de los Naranjos*, ou Pátio das Laranjeiras da Catedral de Santa Maria da Sede de Sevilha.

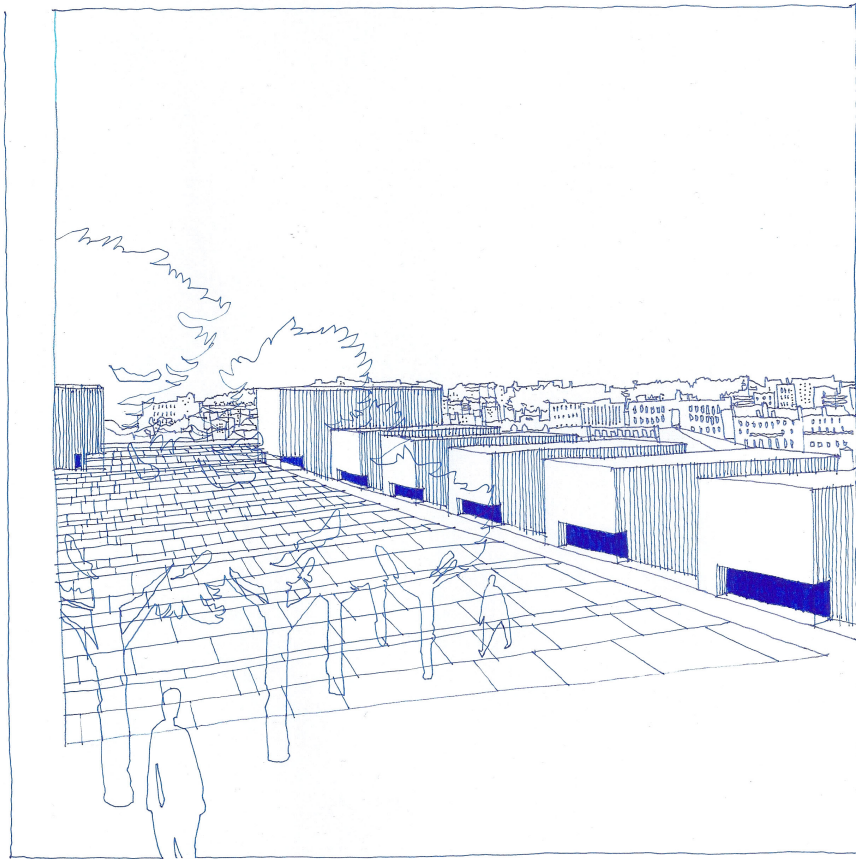


Figura 28 *Um novo lugar, de dentro para fora (poente)*



Figura 29 Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Estas arquitecturas, que albergam o núcleo de Residências Assistidas, são como um muro espesso quebrado por ameias, por onde se vê a cidade através de uma sequência pausada, que vai progredindo ao ritmo das nossas passadas.

Caminhamos em direcção a sul, incentivados pelo magnetismo do último destes volumes, mais alto, que se chega subtilmente à frente para fechar esta praça, lado a lado com um pequeno torreão que se encosta do lado oposto – formam, entre si, uma espécie de portal, como que anunciando um outro espaço a descobrir.

No culminar deste percurso, que vela e desvela a paisagem, num *encerramento flutuante*¹³², estende-se generosamente o olhar para a cidade que se desenrola sobre as colinas – *uma outra cidade*, que agora dominamos em pleno. Aqui, no extremo sudoeste do lugar, os volumes que nos acompanharam desaparecem e rompe-se o canto deste promontório, numa superfície que se desata para lá do seu perímetro. Consagra-se o *miradouro*, sem hiatos ou obstruções.

Olhando para trás, levanta-se o cunhal do Convento sobre a cidade, vista *de fora para dentro*.

Regressando da *glorificação* da paisagem, Santo António dos Capuchos volta novamente a erguer os seus limites, recolhendo-nos na *doçura* da sua protecção, como se retornássemos a *casa* depois de um espectáculo extasiante. Penetrando, novamente, por entre o lugar, somos acompanhados por um novo edifício, que reconstitui o extremo sul deste plano horizontal – o Centro Fisioterapêutico – e por um muro onde escorre uma linha de água, que sustenta uma segunda praça – a praça da cisterna, elevando-se do solo, para se encontrar com a soleira do Convento. Do cimo deste pódio, o olhar percorre a cobertura vegetal do edifício, que recupera a topografia do lugar, num conjunto de volumes agora mais profundos, que se lança sobre a cidade.

¹³² Reincida-se, mais uma vez, sobre a *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (Álvaro Siza Vieira). Ver nota de rodapé 105, Capítulo IV, p. 95

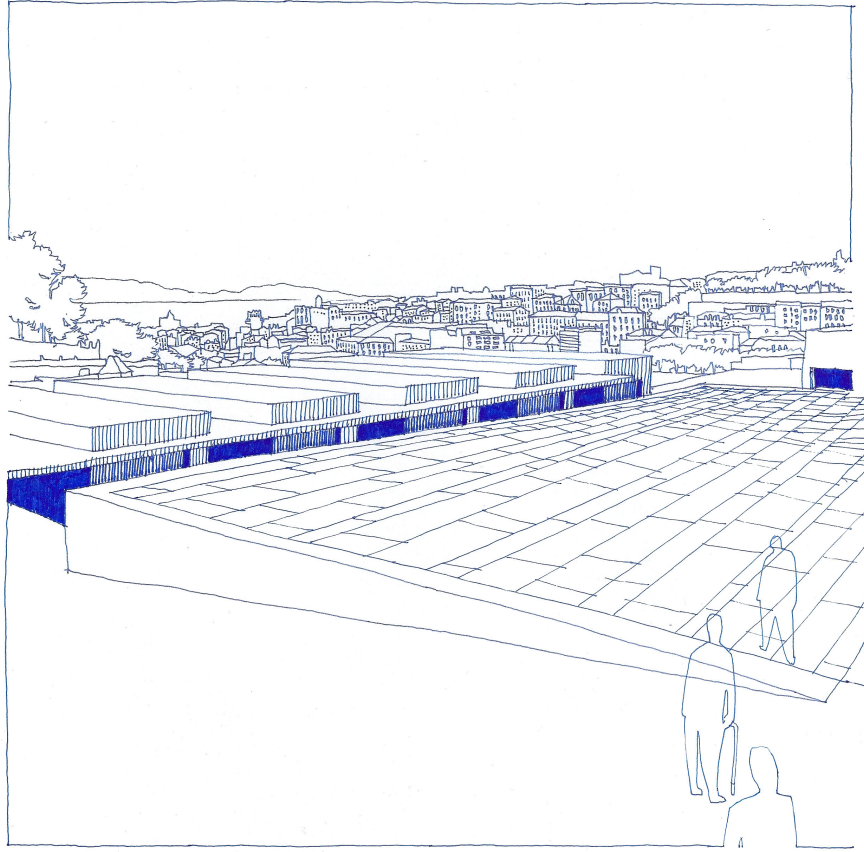


Figura 30 *Um novo lugar, de dentro para fora (sul)*

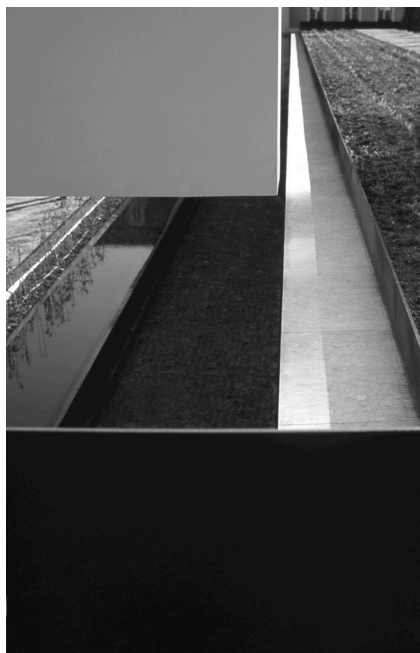


Figura 31 Centro de Documentação e Arquivo do Palácio de Belém

Ainda junto ao Centro de Reabilitação, somos levados a percorrer o espaço contido entre o edifício e o muro da praça da cisterna, resguardado dos restantes espaços públicos, como se estivesse agarrado ao seu interior.¹³³ A *interioridade* é, desta forma, cada vez mais sentida, perfurando-se em apenas em dois momentos de acesso ao nível inferior, que enquadram o céu, a cidade e, por fim, a vegetação e o som da água, como se descessem aos alicerces do lugar.

Só num último instante se volta a abrir a visão, num derradeiro vislumbre – uma varanda, ao fundo, convida-nos a atravessar a profundidade do edifício – a *profundidade do promontório* – para poder permanecer, uma vez mais, sobre a paisagem. É o ponto final de uma cidade que não nos foi oferecida, mas que nos foi dada a conhecer.

Com efeito, trata-se de uma experiência que institui um diálogo com o contexto, levado a cabo por um conjunto de atmosferas cuja relação interior-exterior oscila entre o encerramento e a abertura, num discurso focado, repartido e sequencial – entre a solidez da topografia que irrompe do chão e da *Terra*, e o rasgar dessa mesma solidez, em direcção à paisagem.

O retorno ao acolhimento, como etapa final, resolve-se com a proposta de um terceiro edifício, de Consultórios Médicos, que acompanha a orla nascente do promontório, para se ligar finalmente ao Convento, fechando o ciclo e recolhendo os fluxos. A sua cobertura solta-se, em consola, para lá do alinhamento da fachada, desenhando uma galeria cuja sombra projectada nos aproxima das suas paredes, como se quisesse retomar a *concauidade* que caracterizara o primeiro encontro com o lugar. Subindo a rampa, agora orientados pelo Convento e pela praça da cisterna, somos conduzidos por este

¹³³ Veja-se o *Centro de Documentação e Arquivo do Palácio de Belém* (João Luís Carrilho da Graça), definido por uma grande plataforma verde que, no entanto, acolhe um interior suave, revelado pela utilização de envidraçados opacos e transparentes no revestimento da fachada nascente, cuja textura lisa e cristalina contrasta com a vegetação que cresce no topo. A relação que este troço do edifício mantém com o exterior é também mediada por um espaço de transição que percorre toda a sua extensão, assinalado por um tanque de água e vegetação arbustiva, que se recupera a intimidade do espaço interior.

longo braço, para voltar à alameda e, por fim, à cidade de onde partimos. Cumpre-se o gesto.¹³⁴

- **Por entre os edifícios**

A importância destes edifícios vai para além do seu contributo na concretização do gesto de Santo António dos Capuchos. O seu interior é também uma tomada de posição face ao lugar, contribuindo para a sua espacialidade e, ulteriormente, para o seu carácter, inteirando-se das circunstâncias determinadas sobre as quais se vai fixar, desde a relação com os espaços públicos à contemplação da paisagem. Simultaneamente, o tema do novo uso, na sua generalidade, é posto em causa num enquadramento específico, pelo que as ambiências interiores e a própria organização do espaço, serão a síntese entre o tipo de experiência que o novo uso *quer ter* e as propriedades autóctones do sítio, que lhe dão um sentido próprio.

O interior dos edifícios é, por isso, uma reunião entre o lugar e o tema, que encontra resposta no exercício do projecto, como procura de um significado comum.

*

¹³⁴ Tal como na leitura que fizemos da preexistência, decidimos contar a história do projecto através de um percurso narrado, que pusesse em evidência a experiência do lugar e não apenas o conteúdo formal da proposta. O itinerário que aqui elegemos para descrever o projecto desenvolve-se *em torno do lugar*, cuja circularidade, que já conhecemos, nos permitirá imaginar outras formas de apropriação, em que o ponto de partida possa também ser o de chegada. De facto, a concepção dos novos edifícios vem dar sentido a esta liberdade de rumos que se venham a traçar sobre o lugar, já que tem como fundamento a concretização da sua *peninsularidade*, quer na definição dos espaços públicos, quer no diálogo progressivo com a paisagem; e não apenas um princípio conceptual que se valida a si mesmo.

Desta forma, o projecto contribui para a unidade da experiência, reunindo as especificidades do lugar num gesto que as significa continuamente.

As volumetrias estabelecem, entre si, uma espécie de *acrópole*, relacionando-se através de um conjunto de espaços públicos que os intermedeia. Embora se constituam como *peças* distintas, reúnem-se num mesmo *tabuleiro*, isto é, a base do promontório.¹³⁵ Esta condição é retomada na estruturação interna dos edifícios, que por um lado se relacionam através do ambiente que flui entre eles, para depois se unirem num substrato comum, que articula todos os programas através de uma *galeria* que se encosta à terra e perfaz o contorno do promontório, permitindo a circulação interna entre os edifícios, que em cima se destacam uns dos outros, para em baixo voltarem a unir. O sentido deambulatório do lugar estabelece-se, portanto, nesta dualidade, servindo-se tanto da abertura aos espaços públicos, como da protecção telúrica das suas *fundações*.

Esta característica da forma traduz-se, no fundo, na liberdade de movimentação do utente, que é convidado a vagar tanto pelo exterior como pelo interior, desde as Residências Assistidas ao Centro de Reabilitação e aos Consultórios Médicos, como se estivesse a percorrer uma pequena cidade – descobrindo os espaços, tacteando os edifícios, reencontrando outros utentes, familiares, terapeutas e até transeuntes, num estímulo à sua autonomia, que será o principal objectivo do processo de reabilitação.

Na verdade, é como se pudesse usufruir de um percurso construído à medida das suas necessidades, bem como aproveitar a protecção de um recinto circunscrito, para se poder libertar das infraestruturas do edifício e dar as primeiras passadas no exterior. A própria relação com a paisagem terá aqui sentido, acompanhando o desejo de ver cumprido o propósito do tratamento,

¹³⁵ A ideia de *acrópole* é retomada pelo projecto do *Centro Cívico de Planalto do Ingote* (João Luís Carrilho da Graça). A proposta prevê uma ocupação variada do ponto de vista programático, desde espaços culturais e desportivos, a áreas destinadas a apoio social, ou ainda a residências para pessoas em risco de exclusão social; mas que é reunida por um largo espaço central que funciona como praça pública, a partir da qual existem enfiamentos para a cidade de Coimbra. Este *tabuleiro* é formalizado por um conjunto de edifícios que, entre si, acompanham a linha do planalto, projectando-se sobre a encosta, como que redesenhando a própria topografia sobre a qual assenta este lugar.

isto é, viver a cidade que está lá fora, numa nova condição, ultrapassando a incapacidade.

A proposta desta ambivalência tem como exemplo mais expressivo o núcleo de Residências Assistidas: no embasamento, estendem-se pela galeria, sob o olhar atento daqueles que acompanham o tratamento; enquanto no nível superior se desenvolvem como tipologias autónomas, relacionando-se directamente com o exterior (através de um espaço de transição que as une à praça das árvores e as integra na *urbanidade* do lugar) como se estimulassem o utente a caminhar pelo próprio pé e a criar as suas rotinas no espaço.

*

No seguimento da estrutura interna do lugar, também os espaços interiores se caracterizam pela relação entre o embasamento e o topo da plataforma, servindo-se das especificidades do programa, para construir ambiências que, como vimos, reúnem tanto as qualidades da forma como as indicações do uso. Esta realidade manifesta-se particularmente no Centro Fisioterapêutico.

De facto, o edifício dá continuidade à *robustez* da base do promontório, algo que do ponto de vista arquitectónico se consegue com o uso de paredes predominantemente cegas, revestidas a pedra com um acabamento irregular e austero. Paralelamente, o contacto com a *Terra* preenche o interior de um acolhimento mais *espesso*, isto é, numa relação coada com o *mundo lá fora*.¹³⁶

¹³⁶ A qualidade de um interior de comunhão com o sentido da *Terra*, é ainda retomada pelo *Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra* (Fernando Távora). O edifício redesenha a encosta poente do conjunto universitário, valorizando o seu carácter topográfico através de um alinhamento de contrafortes que o sustentam e o projectam sobre a cidade. O modo como se encosta ao muro preexistente, envolvido pelos fragmentos de uma arcada manuelina, cria entre eles um espaço de reconciliação com uma dimensão telúrica, de uma luz mais fraca, que vem de cima, escorrendo sobre as antigas pedras do edifício, numa espécie de criptopórtico sobre o qual assenta o pátio superior – também aqui, é como se tomássemos contacto com as *fundações* da vida urbana.



Figura 32 Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Percorrendo a galeria que refaz o embasamento, o contacto com o exterior é, então, como um escavar em profundidade por entre a matéria *rochosa*, criando uma sucessão de enquadramentos contidos entre as salas de tratamento, num reencontro com o reflexo da água e com uma vegetação densa e arbustiva – uma vontade de comunhão com a natureza.¹³⁷

Simultaneamente, a necessária *afectividade* do espaço, reanima o interior deste promontório, promovendo as texturas macias e cores luminosas, cuidando da fragilidade do utente. Como se no âmago da dureza topográfica se pudesse constituir um habitar *suave*.^{138 139}

As salas de tratamento mantêm, então, uma filtrada *transparência*¹⁴⁰ entre si, que parece suavizar a rigidez que reveste o extradorso das suas paredes, como se todas fizessem parte de um só corpo – um projecto comum – entrecortado por rasgos onde cresce espontaneamente a vegetação, garantindo a privacidade da terapia.

¹³⁷ *It is very plain, and we all discover for ourselves, that our lives become satisfactory to the extent that we are rooted, "down to earth", in touch with common sense about everyday things – not flying high in the sky of concepts or fantasies. The path toward this rootedness is personal and slow – but it may just be true that it is helped or hindered by the extent to which our physical world is itself rooted and connected to earth.* ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*, 1977, op. cit., p. 787

¹³⁸ Tenha-se como referência a *Casa 2*, em Nevogilde (Eduardo Souto de Moura), em que a composição da fachada evolui do exterior para o interior, num progressivo *amaciamento*. Com efeito, os pesados blocos de pedra que constroem os muros das paredes exteriores, contrastam com as superfícies lisas e as cores claras do seu intradorso, como se respondessem a duas intenções distintas, mas complementares, que assim se imprimem sobre o espaço.

¹³⁹ Ainda sobre esta qualidade espacial, note-se a *Villa Sarabhai* (Le Corbusier). O interior é constituído por abóbadas de berço em tijolo aparente, suportadas por vigas de betão e paredes portantes também em tijolo. Dentro deste sólido enquadramento, organiza-se o interior doméstico através de superfícies lisas, claras e até coloridas, que se espalham livremente pelo espaço, criando recantos onde se desenvolve o habitar, que mantêm um diálogo permanente com a aspereza estrutural da casa – um diálogo por certo conciliador.

¹⁴⁰ Ver nota de rodapé 121, Capítulo IV, p. 111



Figura 33 Casa 2 em Nevogilde

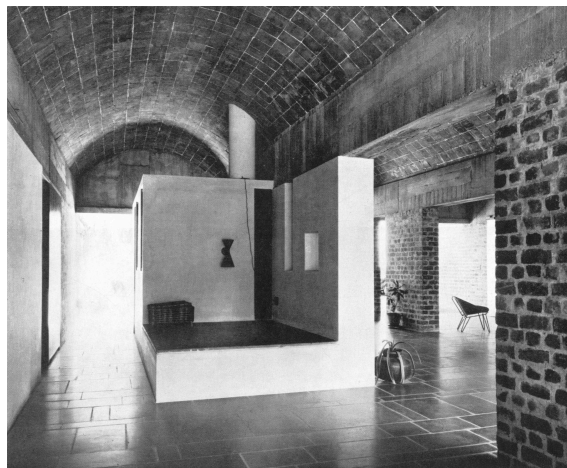


Figura 34 Villa Sarabhai

Ainda na galeria, uma passagem dá acesso à cisterna, que não será mais do que a afirmação, *debaixo de terra*, da presença do Convento, que fundou este lugar – que fundou este promontório – onde agora *vivemos*.

Esta realidade progride em altura, como se o promontório se fosse rompendo gradualmente, franqueando a relação com o exterior, sem contudo abdicar da sua proclamada *firmeza*. Na verdade, o modo como os edifícios, no nível superior, conformam entre si um recinto protegido, faz com que as fachadas viradas para os espaços públicos percam alguma da severidade com que enfrentam a cidade, de um lado, para do outro se ajustarem a um interior que se pretende ameno e encorajador. Todavia, a projecção sobre o contexto é aqui mais forte, constituindo-se os edifícios como *interface* entre o recolhimento e o chamamento da paisagem.

Retomando o exemplo do Centro Fisioterapêutico, a caracterização dos seus interiores é, também aqui, significada pelos pressupostos do lugar (e da sua envolvente) e pela *vontade de ser* do edifício. Esta relação tem o seu princípio ainda na organização interna, que procura integrar, de forma unitária, estes motivos fundamentais da experiência.

O edifício estrutura-se, então, numa espinha dorsal, um amplo *corredor-rua* que o serve longitudinalmente, dilatando o movimento. Para além de instituir o principal eixo de circulação, onde se cruzam percursos com vários destinos – desde as salas de terapias especializadas aos grandes ginásios – é também o espaço de transição entre as diversas actividades que integram uma rotina de tratamento. Tal como na galeria do nível inferior, os dispositivos reservados à circulação são uma oportunidade para reavivar o sentido de partilha e colectividade, que identificámos como central na investigação sobre o tema: todos passam por aqui, implicando-se uns aos outros.

Paralelamente, a relação pontual que este espaço mantém com o exterior acompanha os ciclos terapêuticos que aqui se criam, pautados por breves momentos de abertura à paisagem. Num conjunto de enquadramentos que vão surgindo ao longo do eixo, entre as salas de terapia, os vislumbres do exterior descrevem um circuito de etapas, que vão evoluindo com a cidade,

trazendo-a para dentro do edifício. Ao fundo deste itinerário pelo panorama de Santo António dos Capuchos, em direcção a poente, um último rasgo lança esta *rua* para lá das paredes do edifício, ligando-a ao miradouro e depois à cidade, como se fosse parte dela e para ela caminhasse, tal como caminham os utentes.

Já aqui discutimos a importância que o contacto com a paisagem pode ter para ressignificar o processo de tratamento, cuja ambição é reinstaurar o utente na sociedade – uma sociedade que agora contempla, de longe e protegido, mas para a qual caminha. Posto isto, todos os elementos que enquadram a paisagem são de firme resolução, de forma a protagonizar este encontro.¹⁴¹

A relação com o contexto paisagístico não é, contudo, exclusiva dos núcleos distributivos. O seu potencial é ainda recuperado como *pano de fundo* das actividades terapêuticas que se desenvolvem nos restantes espaços internos, particularmente aqueles que completam o limite sul do edifício, onde o contacto com a envolvente é mais aceso.¹⁴²

¹⁴¹ Sobre o enquadramento da paisagem como princípio da organização interna do espaço veja-se, ainda, a *Casa em Morbio Superiore* e a *Casa em Viganello* (Mario Botta).

¹⁴² Reza-se sobre a obra *The Madonna with Chancellor Rolin* (Jan van Eyck), que sintetiza esta ideia da relação com a paisagem como enquadramento de uma cena íntima: *A glimpse through a window of a landscape or town, introducing the counterpoint of distance to the intimacy of the interior, is an age-old convention in painting, as countless examples show. A panoramic view as a backdrop to a group of people (...) was a popular convention in Sacra Conversazione paintings. The frontal presentation of figures against an architectural backdrop is also a painterly tradition exemplified by van Eyck's The Madonna with Chancellor Rolin.* PALLASMAA, Juhani – *The Architecture of Image: existential space in cinema*. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2011, p. 50

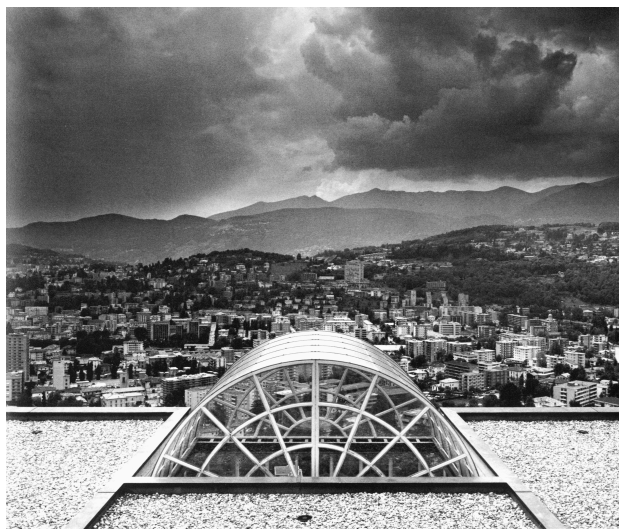
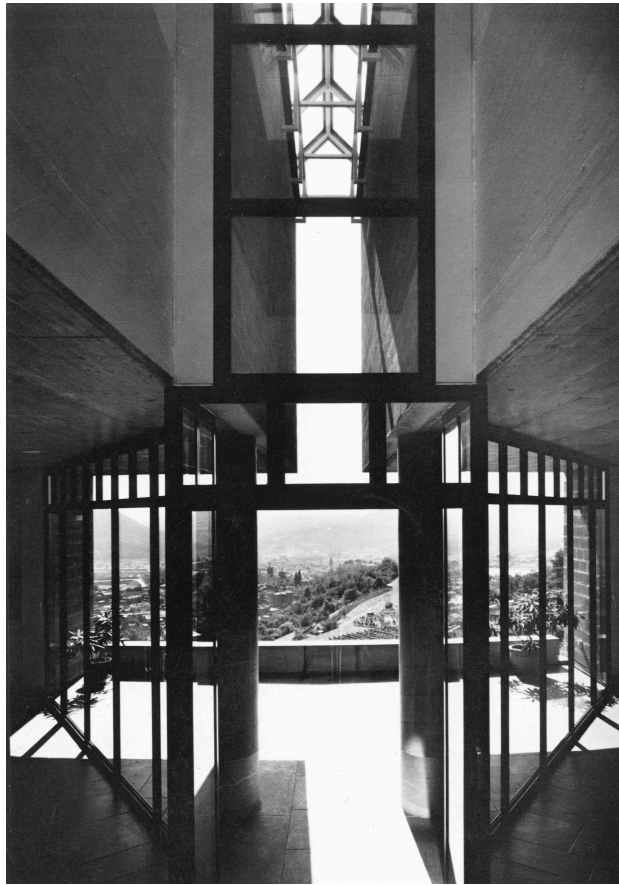


Figura 35, 36 *Casa em Morbio Superiore, Casa em Viganello*



Figura 37 Túmulo Brion

Já falámos do carácter *maciço* destas arquitecturas, que tem especial relevância na forma como a paisagem é convidada a participar na dinâmica interna. De facto, a vontade de solidez do promontório, parece coordenar-se com a ideia de uma atmosfera que reassume essa mesma intensidade no contacto com o exterior e não apenas como transparência ou ausência de matéria – a espessura dos seus limites, revestidos a pedra, denuncia a *compacidade* do edifício e estabelece as suas próprias regras na relação com a paisagem.¹⁴³

Tudo isto contribui para a preservação de um equilíbrio, bem calibrado, entre o recolhimento e a projecção sobre o exterior – tal como no espaço público – como se a contemplação da paisagem fosse um *acto voluntário* e não uma realidade que se força sobre a intimidade do sujeito.

A humanização é, efectivamente, um princípio de projecto, que conquista o interior numa escala que se quer humana, não só na relação com a paisagem, como na generalidade da ambiência. Demos já conta da relevância dos revestimentos, encorajadores da *afectividade* e da *familiaridade*, bem como dos elementos fixos e móveis, que estimulam os comportamentos autónomos.

Mas é porventura no detalhe que esta humanização é mais sentida, onde a temperatura da madeira assume um papel fundamental, sobretudo no corrimão mural que acompanha os espaços de circulação, esculpido em madeira e embutido na parede, percorrendo o interior com uma linha macia – uma linha humana – que convida ao toque.

É como se a arquitectura *estendesse a mão*, mais uma vez.

¹⁴³ Tenha-se presente o *Túmulo Brion*, em Treviso (Carlo Scarpa), no qual a relação com o exterior é também significada pela espessura do edifício, que é como que escavado por vãos de enalço profundo e recortado, sobretudo nos momentos de iluminação zenital, que assim recuperam a introspecção de um espaço telúrico e de uma atmosfera contemplativa.

b. Encontro de tempos

A intervenção sobre o lugar de Santo António dos Capuchos é o motivo para a construção de um pensamento sobre a prática da Arquitectura. Com efeito, o desenvolvimento consecutivo da estratégia de revitalização, trouxe consigo a oportunidade de reflectir sobre a importância de um processo metodológico, que procure *problematizar* o lugar, nas suas várias dimensões.

Na verdade, o método de aproximação ao lugar é a base que sustenta a proposta de intervenção, que partiu dos seus princípios identitários, isto é, a experiência e da memória, para fundamentar as opções de projecto.

Seguindo o rastilho das suas qualidades *essenciais*, compreendemos o lugar nas suas várias escalas, desde a sua relevância na consolidação urbana da cidade, à própria especificidade do seu conteúdo existencial e até à influência do seu uso na vivência do espaço. Num desejo de correspondência entre o projecto e o valor patrimonial da preexistência – hoje profundamente desvirtuado pela extensa transfiguração de que o lugar foi alvo – a proposta é uma operação de reunião dessas várias dimensões, indicando formas de resolução que consolidem uma unidade existencialmente significativa.

As sucessivas leituras do lugar, constituem, então, a base do *argumento* que é aqui defendido, cujo objectivo é *revelar* Santo António dos Capuchos, legando-lhe um *sentido* que está ainda em potência.

Não obstante, a capacidade da arquitectura de *instituir um lugar*, reveste o exercício do projecto da oportunidade de o poder *transformar*, à luz de um *novo tempo*, através dos pressupostos que ele próprio inaugura, enquanto acto arquitectónico por excelência. Com efeito, as opções tomadas deixam a sua marca no território, que se imprime nos traços da identidade do lugar, desenhando-lhe o *rostro*.

Ainda que sustentada pela sedimentação de um conhecimento progressivo sobre o lugar, a proposta, na sua *alteridade*, dá corpo a esses conteúdos, isto é, torna-os experienciáveis enquanto tal. O diálogo sucessivo com a preexistência não se abstém, por isso, de a pôr em causa de uma forma crítica e

contemporânea, construindo com ela um significado que flui, também ele, da prática do projecto.

Efectivamente, o modo como são retomadas as premissas recolhidas ao longo do processo, estabelecendo a partir delas mais uma etapa temporal, remete para a *intertextualidade* do processo arquitectónico, que pega no rasto da preexistência e no seu potencial intrínseco, e com ele constrói um *texto original*.

Efectivamente, a ambição de dar continuidade a qualidades perdidas ou interrompidas, que considerámos centrais na experiência do lugar, é reassumida por um projecto que as torna presentes ou, melhor dizendo, que as torna suas, na sua *forma de ser*. A reabilitação não é, por isso, um processo de *colagem* dos fragmentos que marcaram a experiência do lugar – mas antes, a concepção de *um novo lugar*, de uma *unidade funcional*, que os ressignifique no seio de uma nova circunstância.

Na vontade de fazer ressurgir Santo António dos Capuchos, a proposta de intervenção terá, certamente, a sua própria voz – a sua própria canção – *para um sentido de lugar*.

BIBLIOGRAFIA

A caridade em Lisboa: Asylo de Mendicidade. In *Ilustração Portuguesa* N°62, 9 de Janeiro de 1905

ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 2005. Tese de Doutoramento

ABREU, Pedro; GUERRA, Ana Sofia; MASCARENHAS, Catarina; VICENTE, Frederico – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. In *Anais do Seminário Internacional Patrimônio e Paisagem em espaços lusófonos e hispânicos*, FAU-UFRJ (org. Professor Doutor Luiz Manoel Cavalcanti Gazzaneo), 2012

ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

ALVES, Jofre – *De Conventos a Hospitais: evolução secular dos mosteiros de Santo António dos Capuchos e Nossa Senhora do Desterro (1570-1993)*. Lisboa: Câmara Municipal, 1993

AMOR DE DEUS, Frei Martinho do, O.F.M. – *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição. Estrada Segura Para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, No Instituto Capucho neste Reyno de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1740

AMORIM, Maria Adelina – *A Missionaçãõ Franciscana no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1622-1750): Agentes, Estruturas e Dinâmica*. Lisboa: FLUL, 2011. Tese de Doutoramento. Volume I

AMORIM, Maria Adelina – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará - Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*. Lisboa: CLEPUL; CEHR, 2005

ARAÚJO, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Vega, 1993. Livro IV

ARRUDA, Luísa – *Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão. História do projecto de medicina de reabilitação: A arquitetura e a arte*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2006

BACHELARD, Gaston – *La Terre et les Réveries de la Volonté*. Paris: Librairie José Corti, 2004

BOESIGER, Willy (Ed.) – *Le Corbusier et son atelier rue de Sèvres 35: Œuvre complète 1952-1957*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1995

BOTTA, Mario (Coord.) – *Mario Botta: Arquitecturas 1980-1990*. [s.l.]: Gustavo Gili; Fundação Calouste Gulbenkian, 1992

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. DMPRGU. Departamento de Planeamento e Reabilitação Urbana – *Colina de Santana - Documento Estratégico de Intervenção*. Lisboa: [s.n.] 2013

CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante/ composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade*. Lisboa: Officina Craesbekiana, 1752. Tomo I

Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian. In *Arquitectura* Nº116, Julho-Agosto 1970

DAL CO, Francesco – *Mario Botta: Architecture 1960-1985*. Paris: Electa Moniteur, 1985

DURISCH, Thomas (Ed.) – *Peter Zumthor 1985-1989: Buildings and Projects*. Zurich: Scheidegger & Spiess, 2014, Volume I

ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni – *Eduardo Souto de Moura*. Milano: Electa, 2005

ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni – *Fernando Távora: Opera completa*. Milano: Electa, 2005

Estatutos da Provincia de S. Antonio dos Capuchos do Reyno de Portugal (...). Lisboa Occidental: Officina da Congregação do Oratorio, 1737

ESTEVES, Patrícia – *Gesto: Trabalho Preparatório para uma Demonstração Empírica*. Lisboa: FAUTL, 2010. Tese de Mestrado

FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997

GULLAR, Ferreira – *Barulhos*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1987

- HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999
- HEIDEGGER, Martin – *Being and Time*. Oxford: Blackwell, 1962
- INÊS LOBO ARQUITECTOS – *Estudo Urbano da Colina de Santana*. Lisboa: [s.n.] 2013
- JANEIRO, Maria João – *Lisboa: Histórias e Memórias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006
- JORGE, Virgolino Ferreira – *As Igrejas Medievais dos Franciscanos em Portugal: Síntese de Caracterização Tipomorfológica*. Lisboa: Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 2011
- LE CORBUSIER – *Towards a New Architecture*. New York: Dover Publications, 1986
- LIMA, Durval Pires de – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, na qual se dá a notícia da fundação e dos fundadores das Instituições Religiosas, Igrejas, Capelas e Irmandades desta cidade*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950
- MEDINAS, Victor – *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*, Lisboa: FCSH-UNL, 1994. Tese de Mestrado. Volume I
- MENDES, Manuel (Coord.) – *O Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP, 2003
- MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- MONEO, Rafael – *Remarks on 21 Works*. London: Thames & Hudson, 2010
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. In *Arquitectura* N.º 102, Março-Abril 1968
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli, 1991
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci*. Milano: Electa, 1986
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Kahn, Heidegger and the Language of Architecture*. In *Oppositions* 18. Massachusetts: MIT Press, 1979
- PALLASMAA, Juhani – *The Architecture of Image: existential space in cinema*. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2011

PEREIRA, Fr. Artur Pais – *Convento de Santo António (Capuchos) Lisboa*. In Paz e Alegria Nº 66, Novembro-Dezembro 1987

PEREIRA, Paulo – *Da Ordem de São Francisco aos Franciscanos Reformados*. Texto cedido pelo autor

Portugal: Impressões de uma visita ao Asylo de Mendicidade de Lisboa. [Lisboa]: [s.n.], [s.d.]

PROENÇA, Raúl – *Guia de Portugal: Lisboa e Arredores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. Volume I

ROSA, Dora – *Renascer em Alcoitão: Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2013

SALTA, Ana Maria – *Factores Estruturantes da Colina de Sant'Ana em Lisboa, séculos XIV a XVII*. Lisboa: Edição Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, 2001

SALTA, Ana Maria – *Rua da Inveja - Romance da Colina de Sant'Ana. Crónica do Bairro do Curral e de S. Lázaro, na Lisboa do século XVI, das suas Gentes e das Mudanças que neles fez o Tempo e a Fortuna*. Lisboa: Edições Colibri, 2013

SANCHEZ, Formosinho – *Hospitais: Da organização à arquitectura*. Lisboa: Estúdios Cor, 1969

SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2013

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP, 2006

TEYSSOT, Georges – *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*. Lisboa: Edições 70, 2010

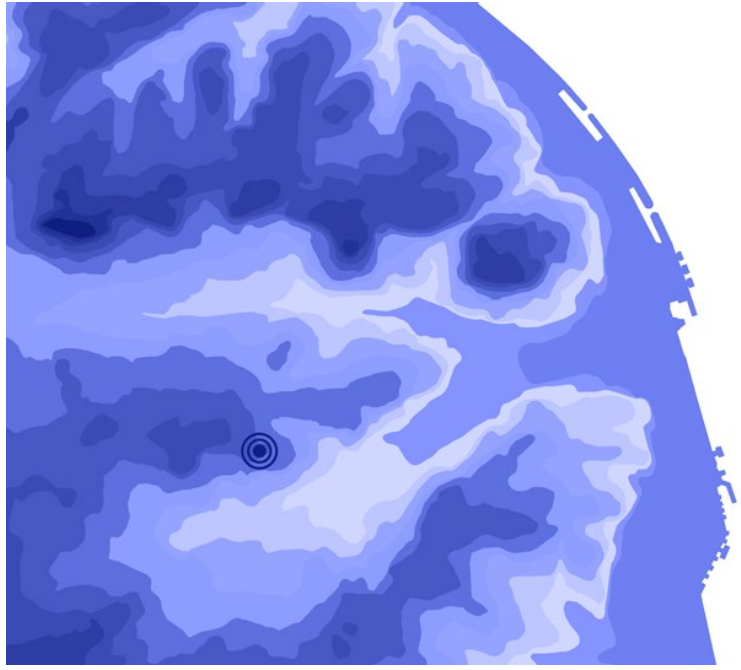
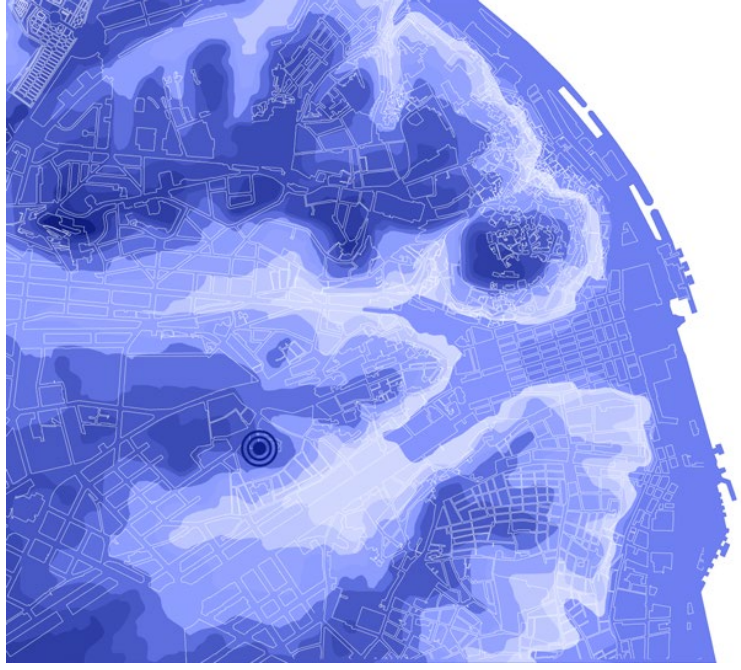
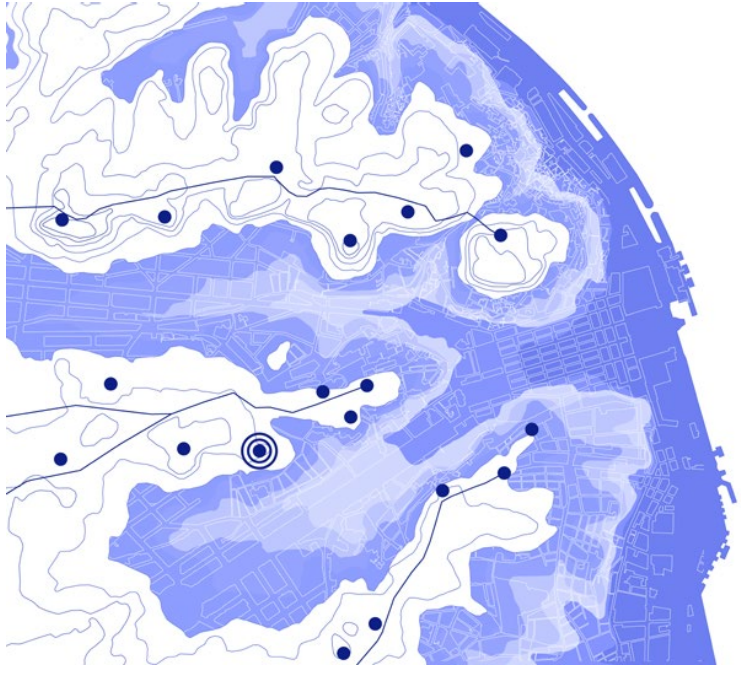
VILLER, Marcel – *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique: Doctrine et Histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1937-1995

XAVIER, António Manuel – *Das Cercas dos Conventos Capuchos Da Província da Soledade*. Editora Licorne, 2011

SUPLEMENTO

_PRIMEIROS ENCONTROS

história
geografia + território + orografia



_LUGAR

*de fora para dentro
de dentro para fora + por entre os edifícios*

o lugar de fora por dentro - a paisagem em são pedro de alcântara



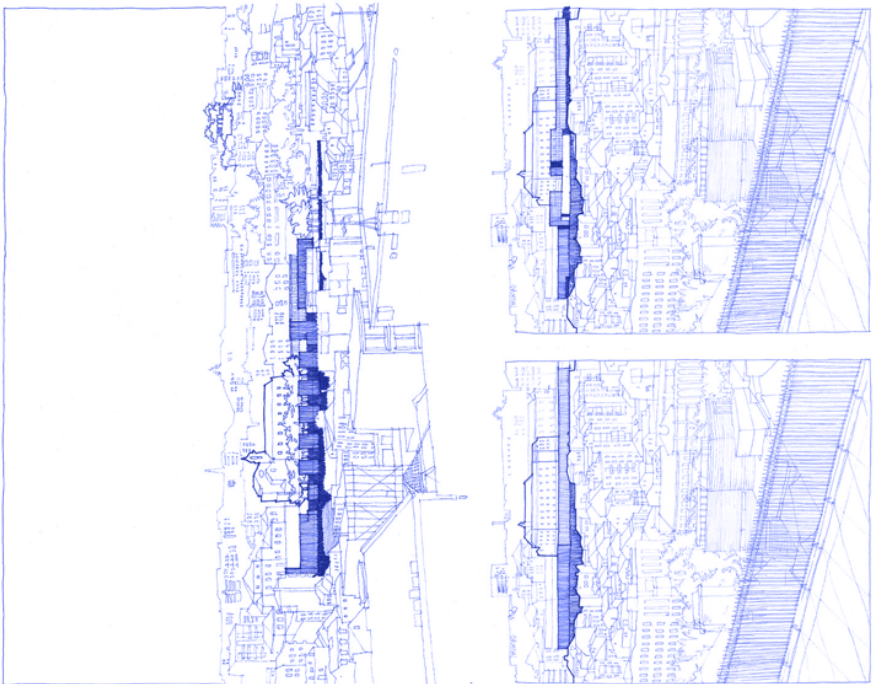
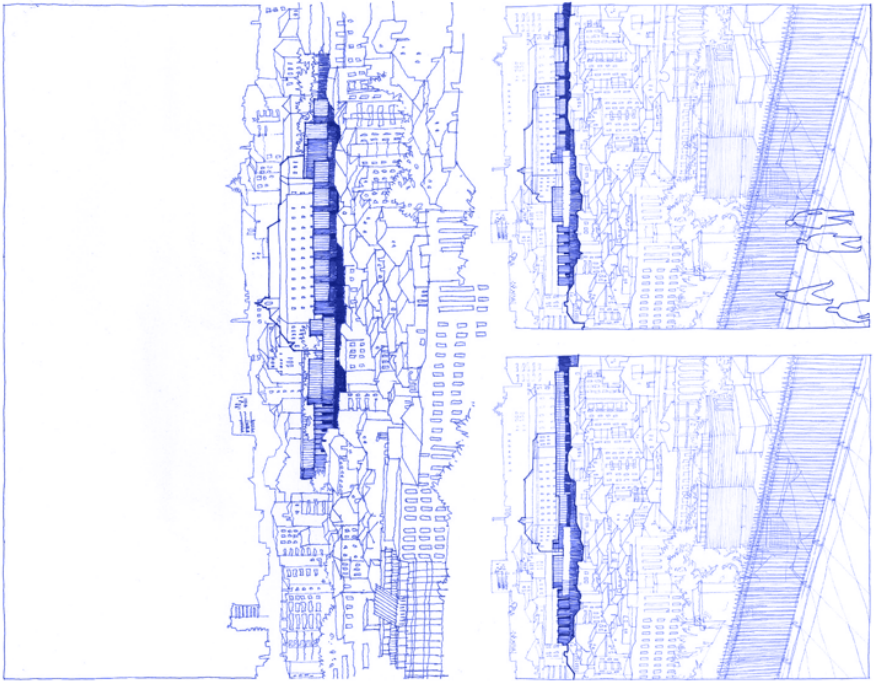
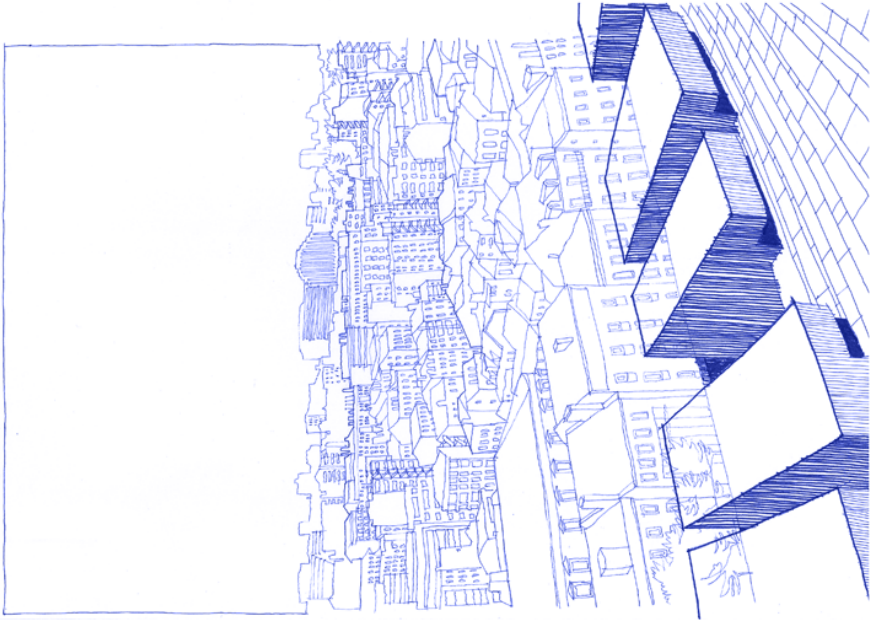
o lugar de dentro para fora - a paisagem em santo antônio das casinhas



o lugar por entre os edifícios - forma e experiência

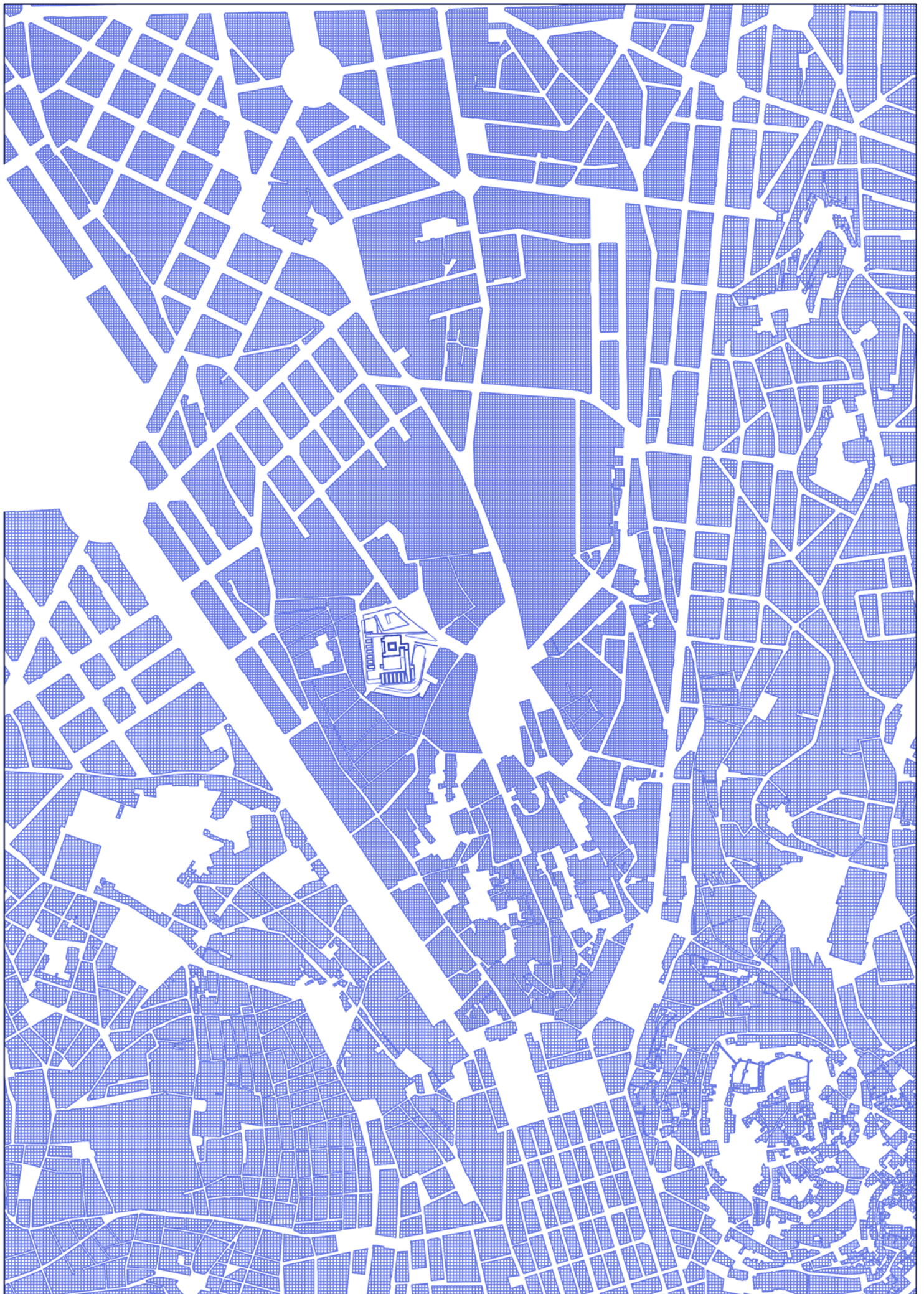
_O REDESENHO DO SÍTIO

de fora para dentro + de dentro para fora



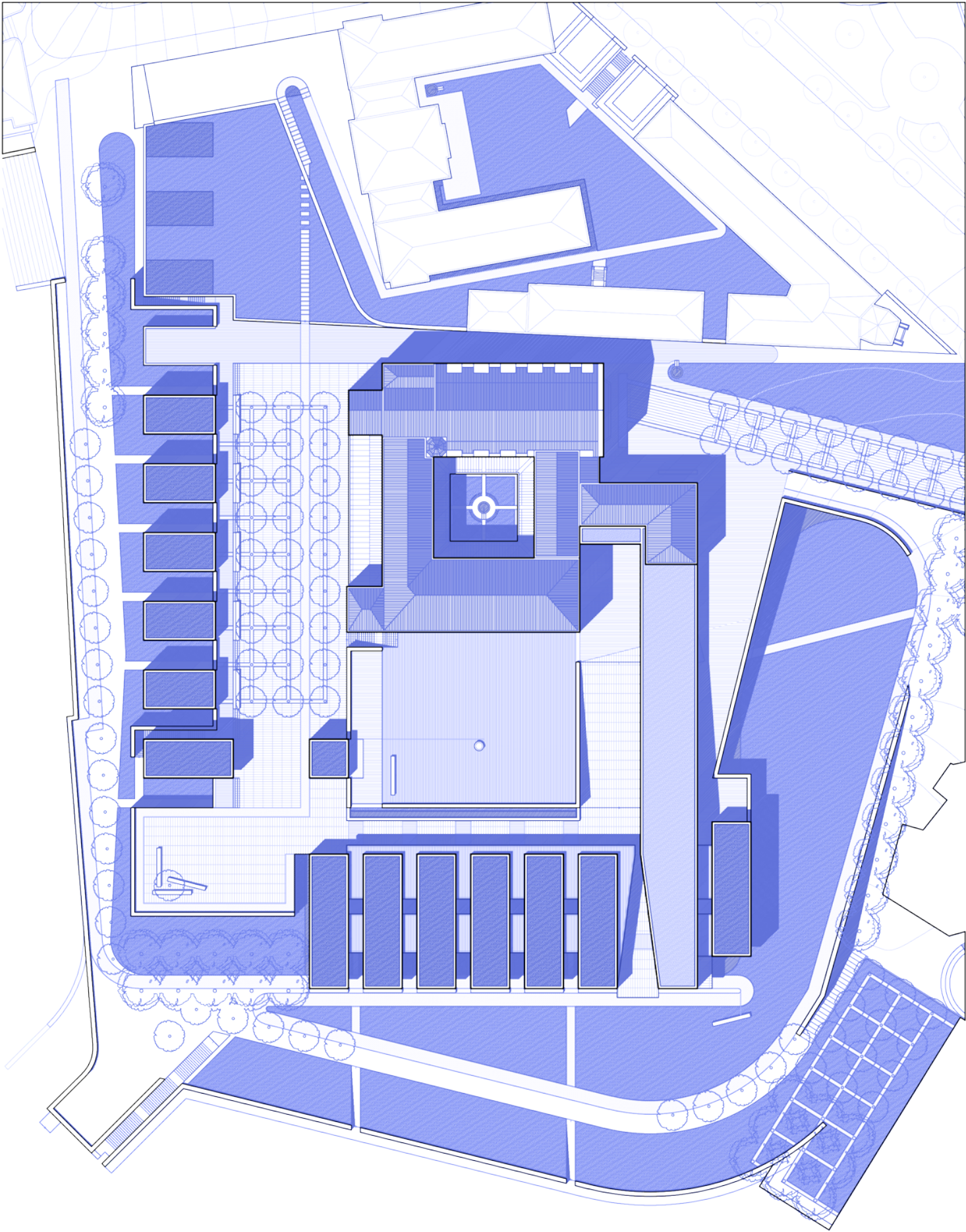
_PROJECTO

localização
1. 10,000 Ⓞ



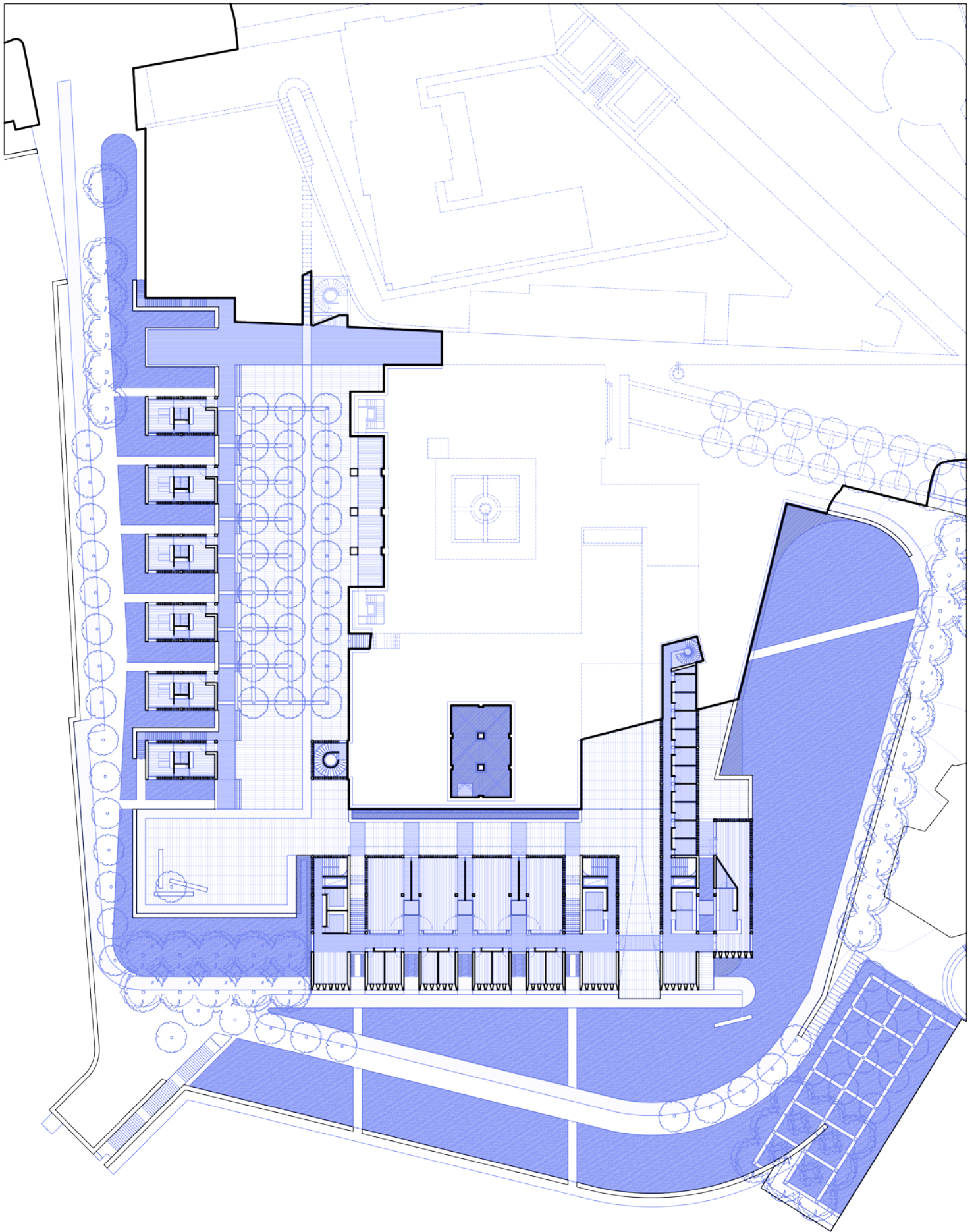
_PROJECTO

planta de coberturas
1.800 Ⓞ



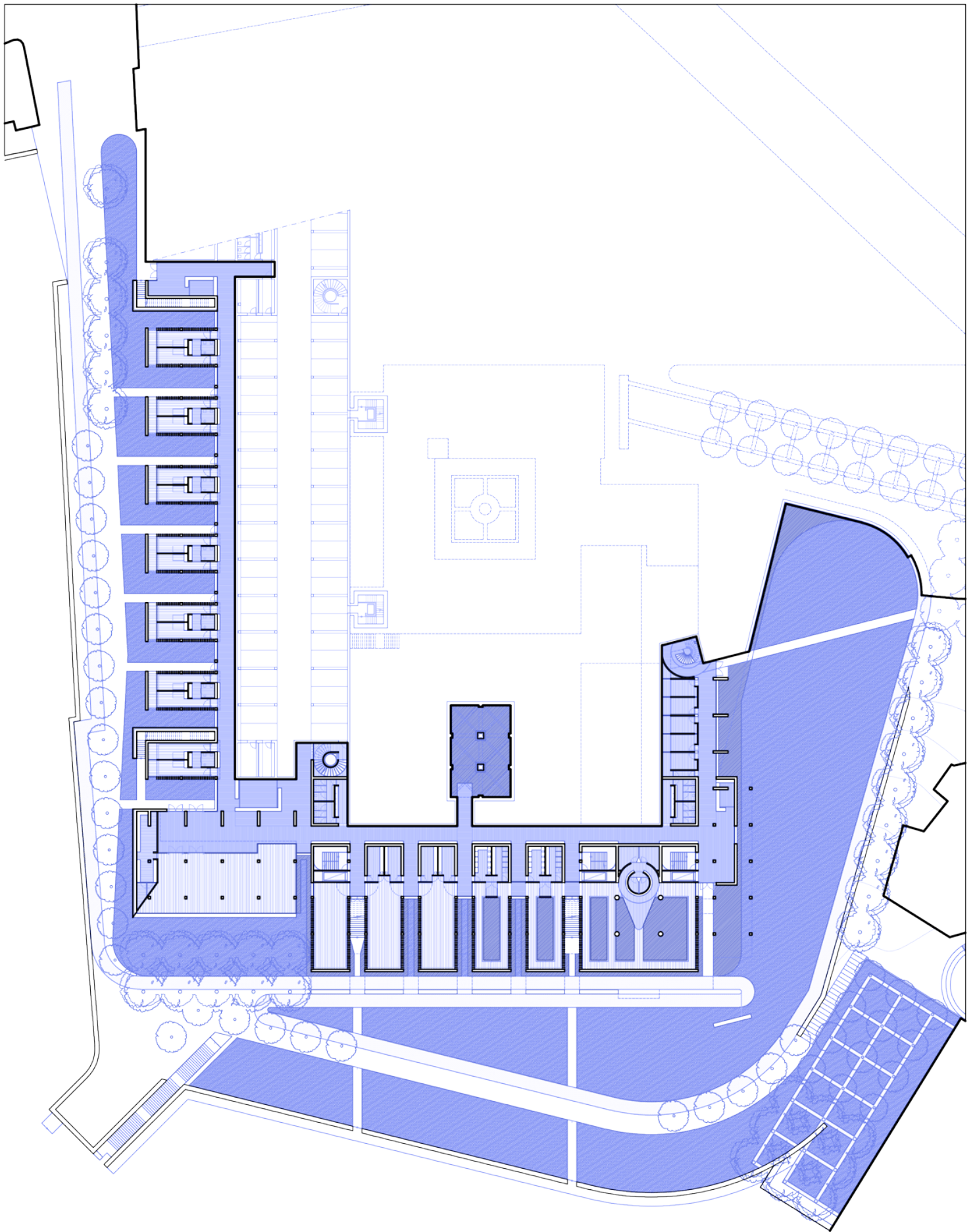
_PROJECTO

planta do piso superior
1.800 Ⓞ



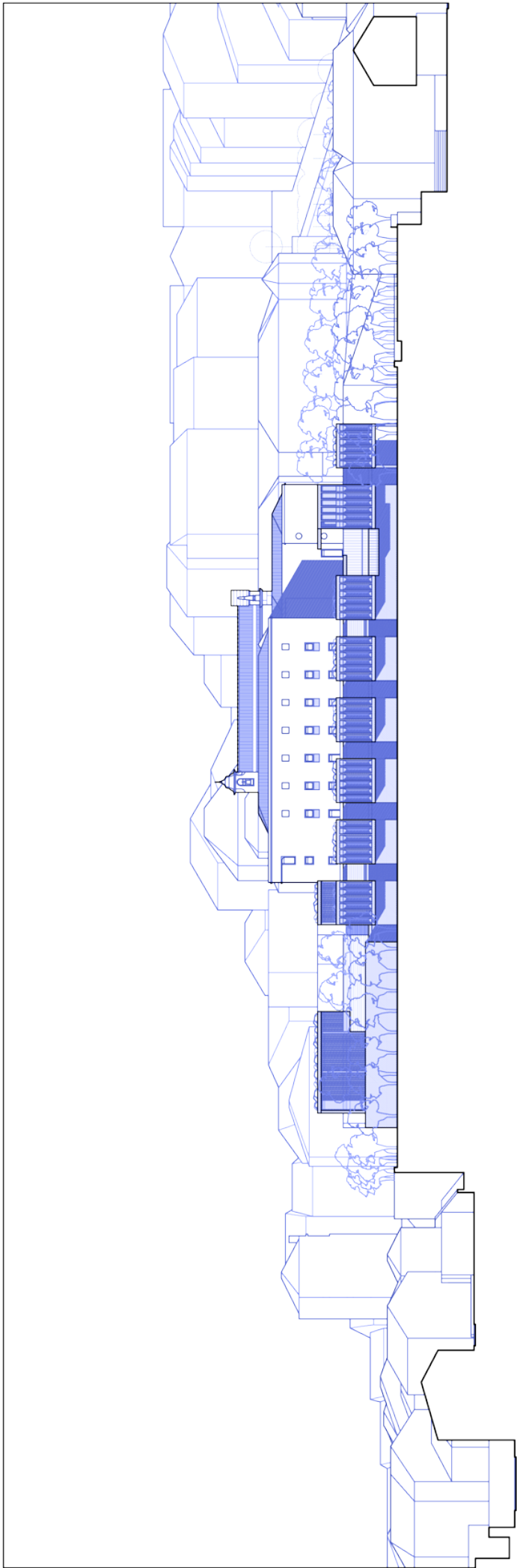
_PROJECTO

planta do piso inferior
1. 800 Ⓞ

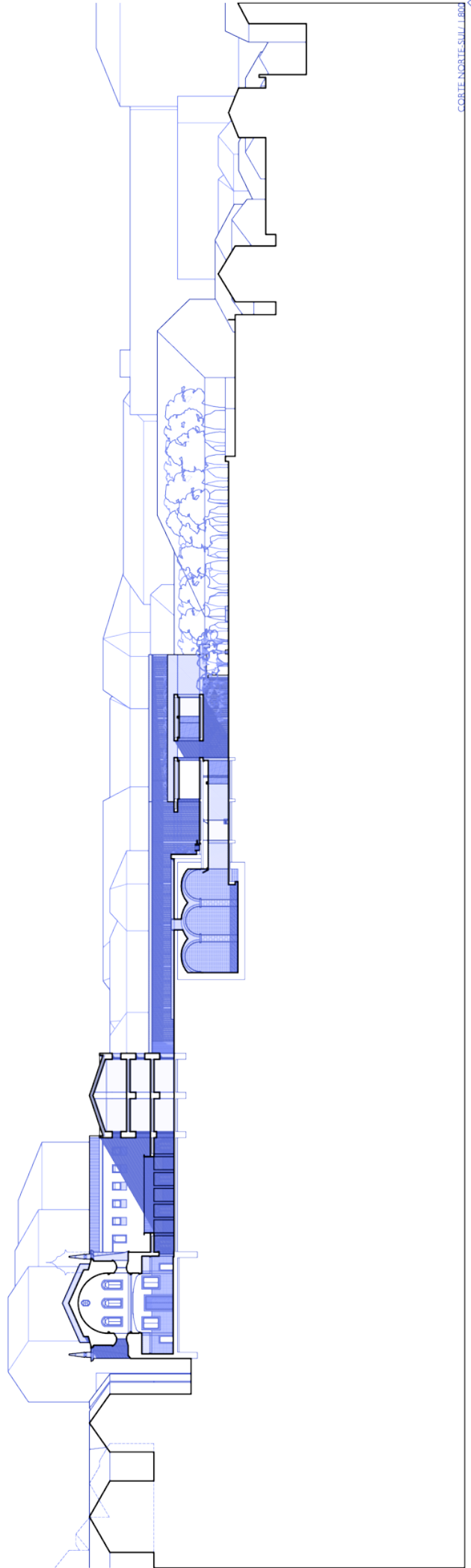


_PROJECTO

alçado sul
corte norte-sul
1: 800



ALÇADO SUL / 1.800



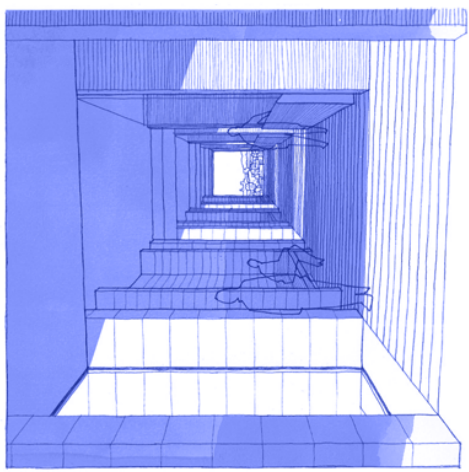
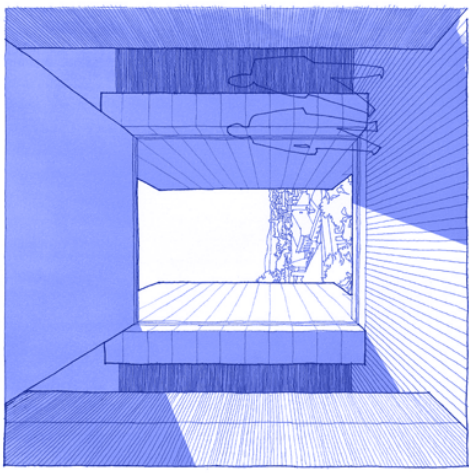
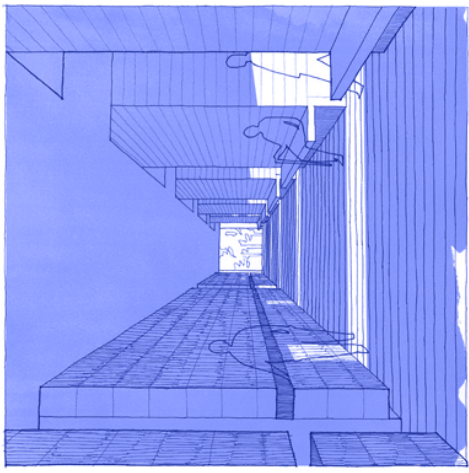
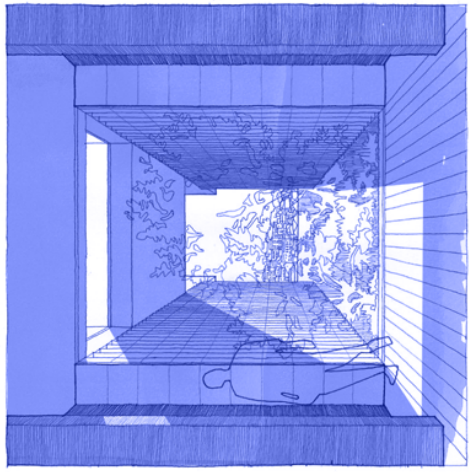
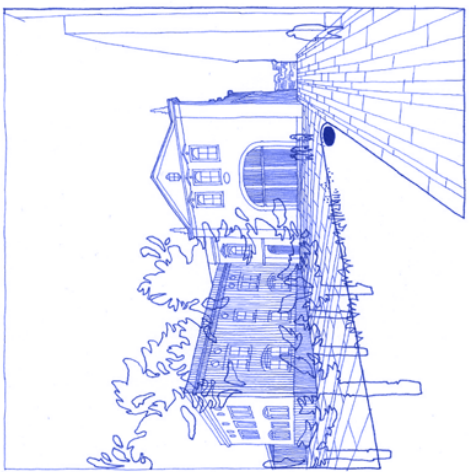
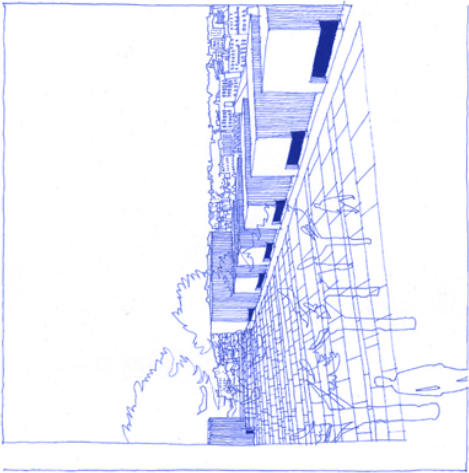
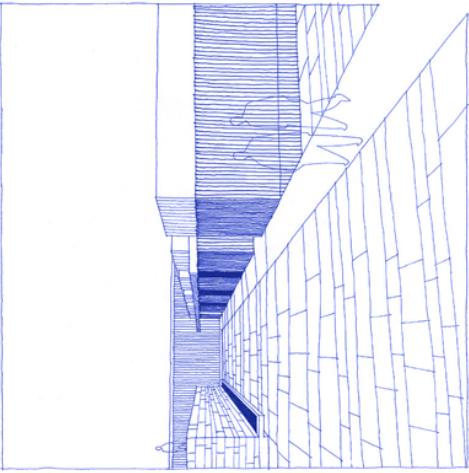
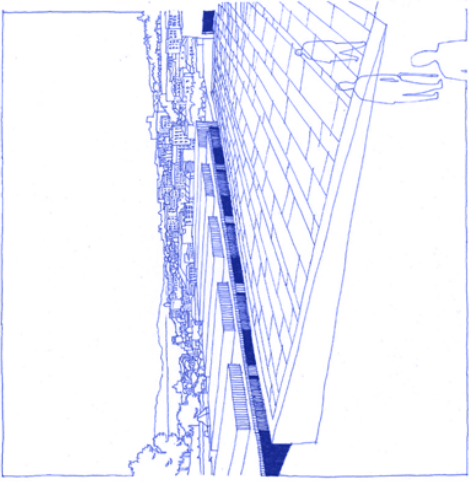
CORTE NORTE-SUL / 1.800

_PROJECTO

corte norte-sul II
I. 130

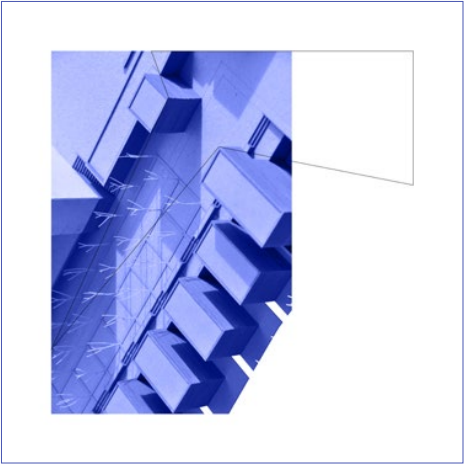
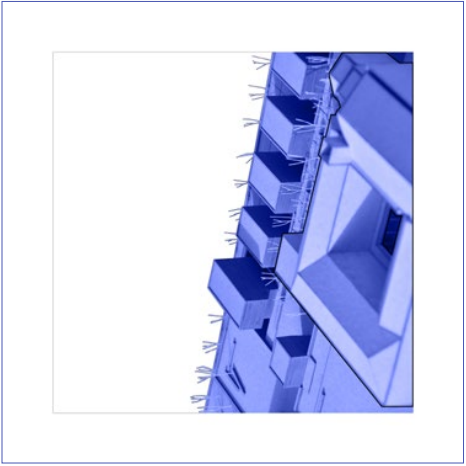
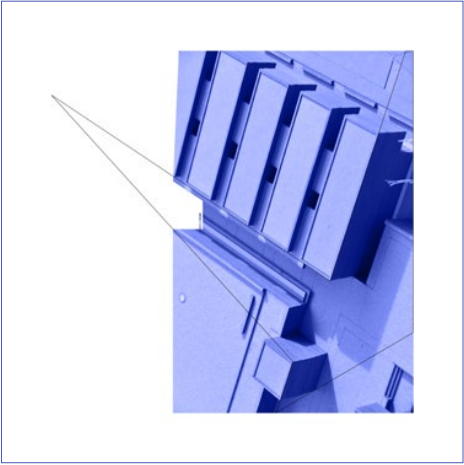
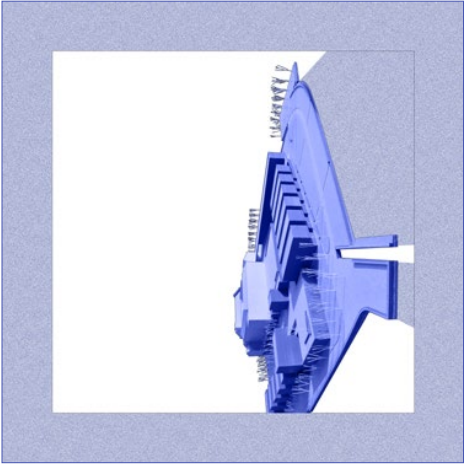
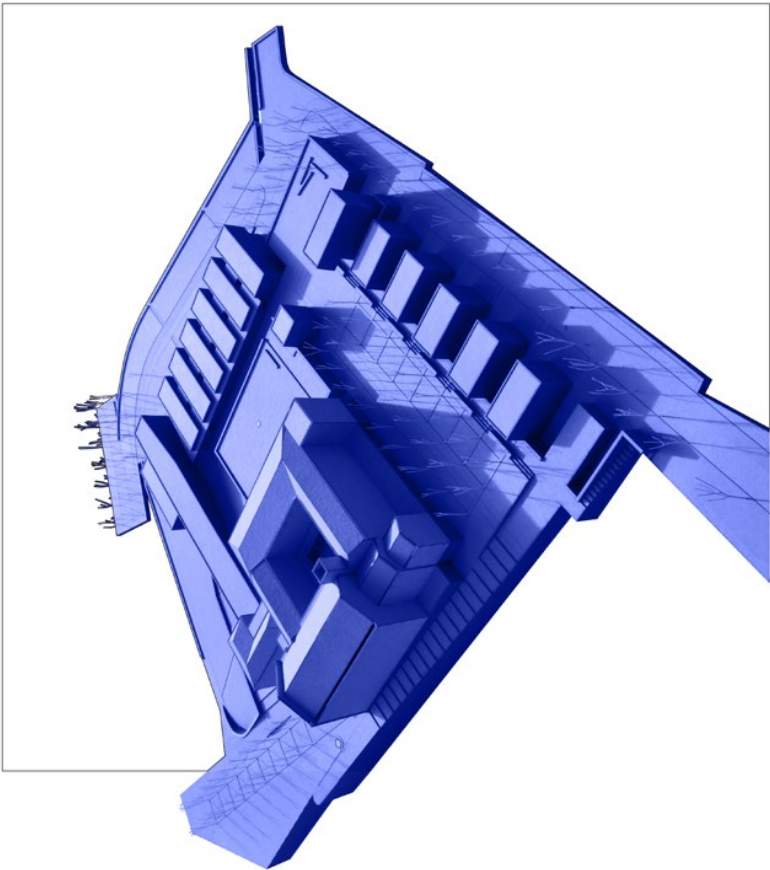
_ARGUMENTO VISUAL

gesto
atmosferas



_ARGUMENTO VISUAL II

vistas



SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS
para um sentido de lugar